

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM PSICOLOGIA

**PROCESSO DE TRANSEXUALIZAÇÃO: UMA ANÁLISE INTER E
INTRAGERACIONAL DE HISTÓRIAS DE VIDA**

ALEXSANDER LIMA DA SILVA

Maceió

2013

ALEXSANDER LIMA DA SILVA

PROCESSO DE TRANSEXUALIZAÇÃO: UMA ANÁLISE INTER E
INTRAGERACIONAL DE HISTÓRIAS DE VIDA

Dissertação de Alexander Lima da Silva apresentada
junto ao Programa de Pós Graduação em Psicologia da
Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial
para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.
Orientadora: Profa. Dra. Adélia Augusta Souto de Oliveira

Maceió

2013

ALEXSANDER LIMA DA SILVA

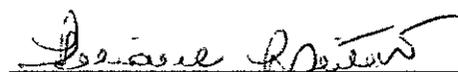
PROCESSO DE TRANSEXUALIZAÇÃO: UMA ANÁLISE INTER E
INTRAGERACIONAL DE HISTÓRIAS DE VIDA

Dissertação de Alexsander Lima da Silva apresentada junto ao Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

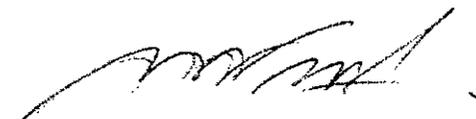
Data de aprovação: 18 / 02 / 2013



Profa. Dra. Adélia Augusta Souto de Oliveira
Dra. em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Presidente da Banca – Orientadora
Programa de Pós Graduação em Psicologia – Universidade Federal de Alagoas



Profa. Dra. Heliane de Almeida Lins Leitão
Dra. em Psicologia pela University of Kent, Inglaterra
Componente da Banca: Membro interno titular
Programa de Pós Graduação em Psicologia – Universidade Federal de Alagoas



Prof. Marco Aurélio Máximo Prado
Dr. em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Componente da Banca: Membro externo titular
Departamento e Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Universidade Federal de Minas Gerais

Algo que ninguém quer que eu queira

“Quero algo que ninguém quer que eu queira,
Que o mundo me proíbe terminantemente de querer,
Que as pessoas se envergonham de mim porque eu quero
e se afastam, horrorizadas,
quando descobrem que eu ando querendo
Quero algo que não é perigoso,

nem nocivo,

nem ilegal

em nenhum aspecto,

mas que ainda assim

as tradições repudiam,

a moral condena,

os costumes desaprovam

e a sociedade, doente como está,

classifica de doença

Quero algo que não diz respeito a ninguém, além de mim mesma
que não tem nada a ver como mais ninguém, exceto comigo

mas que parece ser da conta de todo mundo,

que parece incomodar e chocar a todos,

que pela reação que demonstram

é como se eu lhes estraçalhasse as entranhas,

furasse seus olhos,

sugasse seu sangue,

alucinasse seu espírito

evocando neles todos os tipos de ódios e paixões,

e todas as mais terríveis emoções

que um ser humano pode sentir ou ser vítima.

Quero algo que me livra de uma tristeza profunda

e de uma dor insuportável

que me traz uma alegria imensa,

uma felicidade aconchegante e plena

mas que ainda assim não entendem nem aceitam.

E se eu lhes dissesse que tenho um câncer terminal?

Um tumor que não tem tratamento?

Minha vida com os dias contados...

Será que me dariam sua caridade hipócrita?

Que fariam fila diante da minha cama,

me obrigando a contar e recontar a eles o meu drama,

milhões de vezes

Eu lhes causaria pena, em vez de repulsa

e lhes traria lágrimas, em vez de raiva,

e todos me abraçariam e me beijariam e me consolariam

e diriam da falta, imensa, que eu já lhes faço.

Quero algo que para eles é injustificável,

incabível e indesejável,

um absurdo inadmissível,

absolutamente horrível,

para a qual não existe compreensão, nem aceitação,

nem perdão.

Algo que é como dirigir na contra mão,

na hora do rush.”

(Leticia Lanz, poetisa transexual)

AGRADECIMENTOS

A dissertação em questão não poderia ser concretizada, senão pela relação entre diversos componentes que foram importantes durante o seu processo de produção. Teorias, metodologias, histórias de vida, orientações, sugestões, críticas e/ou apoio de pessoas que fizeram parte desse trabalho. Agradeço:

- À minha orientadora Prof^a Dr^a Adélia Augusta Souto de Oliveira, por confiar no meu trabalho e nas minhas ideias. Sempre presente com ética, disciplina, comprometimento e responsabilidade contribuiu no desenvolvimento da pesquisa, com orientações significativas.
- Aos Professores Dr^a Heliane de Almeida Lins Leitão (PPG-Psicologia/UFAL) e Dr. Pedro Paulo Bicalho (UFRJ) pelas contribuições a este trabalho no Seminário Avançado.
- Ao Prof Dr Marco Aurélio Máximo Prado pelo aceite ao convite para participar da banca de avaliação dessa dissertação.
- Aos professores do Programa de Pós Graduação em Psicologia – UFAL por serem uma fonte inesgotável de conhecimento e informação, especialmente aos que sempre estimularam e acreditaram na minha capacidade: Dr. Marcos Ribeiro Mesquita, Dra. Heliane de Almeida Lins Leitão e Dra. Simone Maria Hunning.
- Ao Prof^o Dr Pedro Francisco Guedes do Nascimento, pela grata oportunidade de discutir gênero e sexualidade em suas aulas no Programa de Pós Graduação em Sociologia – UFAL.
- À Prof^a Msc Maria Augusta Costa dos Santos (UFAL – Pólo Palmeira dos Índios) pelo incentivo e apoio desde a época da graduação, quando foi minha orientadora do trabalho de conclusão de curso.
- À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas - FAPEAL pela concessão de bolsa durante os dois anos de mestrado;
- Aos meus colegas do mestrado: Alcimar Enéas Rocha Trancoso, Analinne Maia, Dayse Santos Costa, Juliana Falcão Barbosa, Jussara Ramos da Silva, Kyssia Marcelle Calheiros

Santos, Luciano Bairros da Silva, Mariana Yezzi de Araujo, Patricia Vieira de Souza Toia, Raquel de Lima Santos, Renata Guerda de Araújo Santos, Wanderson Vilton Nunes da Silva, Zaira Rafaela Lyra Mendonça. Por diversos momentos dividimos angústias, alegrias, comemorações, dificuldades e conquistas desde a seleção para a entrada no corpo discente do PPG Psicologia até o momento de conclusão das dissertações.

- Ao colega de orientação Alcimar Enéas Rocha Trancoso pelas inúmeras e agradáveis conversas, pelos debates acerca da teoria Sócio-Histórica, pelo apoio e caronas para a UFAL.

- Aos funcionários da coordenação da graduação e pós-graduação em Psicologia: Andréa, Marcio, Iris e Rosinha pela recepção e atendimento.

- À minha mãe, Maria Glaciene Lima da Silva, e à minha tia e madrinha, Maria José Araújo Lima, duas personalidades femininas sempre presentes em minha vida. Ambas me ajudaram com seus conselhos, ensinamentos e suporte financeiro. Ao meu pai, Bartolomeu Arestides da Silva, pela paciência. Aos meus primos, João Victor Lima Firmino e Emmanuelle Lima Ferreira Passos, pelas sugestões e palavras de apoio.

- Aos amigos Ariana Cavalcante, Glaucia Gonzaga, Daniela Menezes, Rômulo Facó, Júlio César Alves, Sandro Soares, Eduardo Santos, Rafaela Fávaro, Solange Guastafarro, Anísio Cordeiro, Roseane Farias, Aleksandro Cavalcante e Maricelly Costa pelo apoio e sugestões durante esses dois anos de mestrado.

- À amiga e, também pesquisadora, Anne Rafaela Telmira pelos textos, conversas e indicações acerca da temática transexual.

- E finalmente, mas não menos importante, as/os transexuais, participantes dessa pesquisa, por proporcionarem o privilégio de conhecer e contar suas histórias de vida.

RESUMO

Dissertação que objetiva compreender o processo de transexualização, identificando a produção histórica de seus significados e a experiência vivida de seus sentidos. Utiliza o referencial teórico e metodológico qualitativo da Psicologia Sócio-histórica. Para tanto, realiza um percurso histórico sobre os termos utilizados para descrever o fenômeno, buscando sua significação e manutenção histórica; uma produção de seis histórias de vida geracionais, a partir de entrevistas narrativas presenciais e *on-line* a fim de identificar os sentidos e rupturas experienciados neste processo de significação. Participaram seis sujeitos representativos - três transexuais masculinos e três transexuais femininos, sendo dois representantes de cada geração - mais nova, do meio e mais velha. Realiza uma análise de conteúdo das informações, do tipo inter e intrageracional. As narrativas permitiram contar as histórias de vida de Bridget, Joana, Gisele, Sansão, Zé e Artur, identificando as seguintes categorias temáticas: brincadeiras de criança, autoidentificação, aparência de menino e de menina, transformações corporais, mudança de prenome, definição de papéis do outro na relação, família e participação política. Os resultados evidenciam que os aspectos fossilizados no processo de significação: as lembranças de brincadeiras de crianças foram marcadas como o momento de início do período de questionamentos sobre si mesmos/as; autoidentificação com denominações de homossexual seguida de transexual; mudança do prenome como importante fator de afirmação autoidentitária e repressão familiar. A transformação corporal, a aparência e a definição do papel do outro na relação parece atender aos padrões heteronormativos, sendo um elemento importante no processo de significação, embora convivam dois importantes sentidos que indicam ruptura nesse processo: a transexualidade como reivindicação identitária sem a necessidade de transgenitalização e de comportamentos padronizados e a multiplicidade de experiências sexuais. Outros indícios de ruptura nesse processo são os sentidos experienciados e narrados: aceitação por parte dos familiares na representante da geração mais nova e vivência sexual de múltiplas formas no representante da geração mais nova; aceitação de si mesma da representante da geração mais nova como mulher, desde sempre. Esta é considerada e se considera mulher com "erro na genitália". E a aceitação de si mesmo do representante da geração mais nova como transexual bissexual, que pode experimentar uma diversidade de relações sexuais. A participação política se apresenta como uma importante atividade desenvolvida por três dos representantes, dois transexuais - geração do meio e mais nova - e, uma transexual - geração do meio - indicando ser necessária na defesa de direitos, ao mesmo tempo em que evidencia o conflito entre "dar visibilidade e exigir direitos" e "ter anonimato e fugir do preconceito". Preconceito que se sedimenta com os aspectos fossilizados de termos e concepções psiquiátricas, mantidas historicamente. Estudos psicossociais, no entanto, evidenciam a identidade como algo em movimento, co-produzida no contexto sócio-histórico. O processo de transexualização se apresenta de forma unânime nas narrativas: transformar-se para ser aceita/o socialmente e evitar o sofrimento gerado por um corpo que não se habita.

Palavras-chave: Transexualização, História de Vida, Psicologia Sócio-histórica, Intergeneracionalidade, Intrageracionalidade.

ABSTRACT

Dissertation which aims to understand the process of transsexuality, identifying the historical production of its meanings and experience of its senses. Theory and qualitative methodology of Socio-historical Psychology are utilized. Thus, the historical path of the terms which describe the phenomenon is followed, as its historical significance and maintenance is sought; a production of six generational life stories, both in person and online narrative interviews aiming to identify the meanings and ruptures experienced in this process of signification. Six representative subjects participated - three transsexual men and three transsexual women, two representatives of each generation: young, middle and older. An analysis of the information content, inter and intragenerational is performed. The narratives allowed telling the life stories of Bridget, Joan, Gisele, Sansão, Zé and Artur, identifying the following thematic categories: children's games, self-identification, appearance boy and girl, body changes, change of first name, definition of roles of others in the relationship, family and political participation. The results show the following fossilized aspects in the process of signification: the memories of children's games were marked as the moment of beginning of self questioning; self-identification with names followed by homosexual transsexual, the first name change as an *important factor self identity repression of affirmation and family*. The body transformation, the appearance and the definition of the role of others in relationships appears to meet heteronormative standards, being an important element in the process of signification, although two important meanings that indicate disruption in this process coexist: transsexuality as an identity claim without the need for reassignment and standardized behaviors or number of sexual experiences. The following experienced and narrated meanings are also signs of a *rupture in this process*: acceptance by the family representative of a younger generation and experiences of multiple forms of sexual representative of a younger generation; self-acceptance, by a younger generation representative as a woman, since always. This subject considers herself and is considered by others a woman to whom an "error in the genitalia" occurred. The younger generation representative, on the other hand, accepts himself as a bisexual transsexual, which may lead to the experience of a multitude of sexual relationships. *Political participation is presented as an important activity performed by three representatives, two transsexuals – middle generation and younger - and a transsexual - middle generation – indicated as necessary in advocacy, while highlighting the conflict between "allowing visibility and demanding rights" and "being in anonymity and escaping prejudice."* Prejudice that sediments with fossilized aspects of psychiatric terms and concepts, maintained historically. Psychosocial studies, however, reveal the identity as something in motion, *co-produced in the socio-historical context*. The process of transsexuality presents itself unanimous in narratives: *become to be accepted / socially and avoid the suffering caused by a body that does not dwell*.

Keywords: Transsexuality, Life History, Psychology Socio-historical, Intergenerational, Intragenerational

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A PRODUÇÃO DO CONCEITO DE TRANSEXUALIZAÇÃO E SUA SIGNIFICAÇÃO	14
2.1 A nomenclatura científica da transexualidade	14
2.2 As conceituações de transexualização	18
2.3 A transexualização e o conceito de identidade	22
3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	27
3.1 A constituição sócio-histórica em Vigotski	27
3.2 O processo de significação	29
3.3 A metodologia utilizada	34
3.4 O percurso de pesquisa	39
3.4.1 Participantes	42
4 HISTÓRIAS DE VIDA	44
4.1 Gisele	44
4.2 Joana	47
4.3 Bridget	51
4.4 Arthur	53
4.5 Zé	58
4.6 Sansão	62
5 OS SENTIDOS E SIGNIFICADOS DE TRANSEXUALIZAÇÃO	66
5.1 Intergeracionalidade e o processo de transexualização feminina	66
5.2 Intergeracionalidade e o processo de transexualização masculina	75
5.3 A intrageracionalidade na geração mais nova	82
5.4 A intrageracionalidade na geração do meio	87
5.5 A intrageracionalidade na geração mais velha	92
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERENCIAS	104
ANEXOS	110
APÊNDICES	113

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DSM IV	Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders IV
HTP	Hourse, Tree, Person
LGBT	Lesbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais
MMPI	Minnesota Multiphasic Personality Inventory
OMS	Organização Mundial de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

1 INTRODUÇÃO

O objeto de estudo da presente pesquisa é o processo de transexualização. Para abordá-lo, optou-se pela investigação qualitativa a partir da perspectiva de sujeitos representativos e teoricamente circunscrita, aos sentidos e significados deste fenômeno.

Essa temática vem sendo discutida e o conceito de transexualidade, parece encontrar consenso em grande parte da literatura estudada (BENTO, 2006; BARBOSA, 2010; BRUNS; PINTO, 2003; CARVALHO, 2011; CECCARELLI, 2008; GRAZIOTTIN; VERDE, 1997; TEIXEIRA, 2009; ZAMBRANO, 2003). A pessoa transexual é aquela que se identifica com o gênero oposto ao que lhe foi atribuído pela sociedade; considera que seu corpo não é coerente com seu psiquismo; busca um corpo coerente com sua identidade, por meio da transexualização e relaciona-se à reivindicação identitária e não à orientação sexual.

O termo “processo de transexualização”, adotado nessa pesquisa, consiste no percurso do autorreconhecimento enquanto transexual e na produção da identidade transexual a partir de experiências pessoais. O sufixo ação permite a ideia de movimento e processo, ampliando a noção para além da cirurgia de modelação corporal ou de transgenitalização.

O processo transexualizador, por sua vez, incide no uso de roupas femininas (transexuais femininas) e masculinas (transexuais masculinos), na utilização de hormônios para surgimento ou diminuição dos seios e/ou pelos corporais - dependendo da escolha do solicitante -, na utilização de próteses de silicone e na cirurgia de transgenitalização. Configura-se ainda, como uma regra para o outro reconhecer uma pessoa como transexual através de seu corpo e imagem. As instituições e programas de saúde, que trabalham com esse público, solicitam que tenha sido iniciado o processo transexualizador para que os candidatos possam participar da cirurgia de transgenitalização (ARÁN, 2006, ARÁN; MURTA, 2009).

Por se tratar de intervenção cirúrgica com alteração visual, envolve fatores psíquicos, sendo aconselhável o acompanhamento de uma equipe interdisciplinar de profissionais da saúde e ciências sociais (ARAÚJO, 2010; BENTO, 2006). A transgenitalização apenas ocorre, mediante a aprovação dessa equipe. Muitos transexuais reclamam dessa dependência. No entanto, há casos de pessoas que realizaram a transgenitalização, arrependem-se e

tentaram o suicídio ou a mutilação para retornar à forma anterior (GRAZIOTTIN; VERDE, 1997).

A transexualização tem adquirido relevância e notoriedade, merecendo assim, esclarecimentos e estudos que evidenciem as nuances da complexidade deste fenômeno (BENTO, 2006; GRAZIOTTIN; VERDE, 1997). Outro ponto a ser salientado é que além dos transexuais, há outros indivíduos que desafiam os binarismos de gênero através de seus corpos e imagens, como os travestis¹, *cross-dresser*² e *drag queens*³, evidenciando, assim, sua pluralidade. Além disso, há vários questionamentos acerca de quem deve ou não fazer parte do grupo daqueles que reivindicam uma “identidade de gênero.” Os *cross-dresser* e *drag queens/ drag kings*, por exemplo, são considerados expressões da moda ou da arte por Barlow e Durand (2008).

Podemos observar, ainda, que o diagnóstico proveniente do DSM IV (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders IV*⁴) apresenta a ideia de que os transexuais são pessoas com comportamentos desviantes de identidade. Esse tipo de diagnóstico contesta a noção de identidade como experiência descritiva do sujeito, através das suas interações sociais com o meio. Contradiz, ainda, identidade como algo em movimento, produzida pelo próprio sujeito, transformador da sua realidade. Ao dizer que os transexuais e travestis apresentam comportamentos desviantes da identidade, surge o questionamento: como desviar uma identidade que é produzida pelo próprio sujeito? Reside aí a controvérsia entre identidade e o diagnóstico psiquiátrico.

Em nossos estudos anteriores sobre o universo transexual no cinema (SILVA, 2008) e nas produções literárias (SILVA, 2011) vimos que a transexualidade corresponde a um significado social construído em cada época das obras cinematográficas e literárias analisadas. As personagens transexuais retratadas nos filmes e livros são construções sociais, históricas e culturais baseadas no momento histórico ao qual estavam inseridas. Esses estudos evidenciaram a pequena produção na Psicologia brasileira acerca do fenômeno transexual.

¹ Indivíduo que consegue transitar entre os dois gêneros, aceita o sexo anatômico, porém se veste com roupas do gênero oposto ao seu, está mais associada a uma expressão de gênero do que identificação.

² Homens que se travestem de mulher, ou vice-versa, em situações sexuais ou específicas como grupos de encontros.

³ Indivíduos que apresentam características consideradas femininas, inclusive travestindo-se, apenas em performances caricatas de comédia ou shows de dublagem. Não assumem o papel de gênero feminino no cotidiano.

⁴ Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais IV

Nesse trabalho, algumas inquietações acerca da temática nortearam a presente pesquisa: quais os significados e sentidos que envolvem o processo de transexualização? Quais são os elementos de permanência e de ruptura que estão presentes neste processo? Quais foram as classificações e os termos utilizados para descrever esse universo? Como se dá o processo de formação de autoidentidade? Quais são as ideias compartilhadas e resignificadas nesse processo? Qual é a relação entre a identidade e a transexualização? A modelação corporal é uma forma de expressar a identidade? Essa mesma transformação corporal atende a si e/ou ao outro? A identidade se modifica junto às mudanças socioculturais? Qual a implicação do uso de entrevistas narrativas para a produção de história de vida como método de pesquisa? Quais são as nuances acerca do processo de transexualização na comparação entre representantes inter e intrageracionais?

Na tentativa de responder a estas questões, utilizamos o referencial teórico da Psicologia Sócio-Histórica, em especial os postulados de Vigotski (1993, 2004, 2007), cujo eixo de análise das significações e de sentido considera o homem como um sujeito social, cultural e histórico, transformador – e transformado – na sua relação com o meio. Nessa interação, o homem torna-se sujeito, modificando a sua realidade e resignificando-a (MOLON, 2003; PINO, 2005). Nesse caso, de acordo com Vigotski (1993), o sujeito ao *inserir-se no meio material e a partir da sua relação com o mesmo, irá produzir sentido e significado, construindo novos conhecimentos, produtos da soma entre as suas experiências consolidadas e o novo, resignificando e edificando novos sentidos. Trata-se de aporte teórico de suma importância na análise do significado e dos sentidos, na identidade e sua relação com a transexualidade por permitir uma análise de microestruturas sem desconsiderar as significações no nível da cultura.*

As reflexões teóricas, epistemológicas e metodológicas encaminham a uma concepção processual de sujeito. O processo de produção da subjetividade é produzido a partir de sua interação com o ambiente social, pois interiorizamos informações da cultura, codificamos com o que já possuímos e conferimos sentido e significado (PINO, 2005; ZANELLA et al, 2007). Tais reflexões nos orientam para estudos dos processos culturais e históricos do fenômeno transexual, da relação entre o sujeito e a sua autoidentificação transexual e de procedimentos que evidenciem a processualidade de nosso objeto de investigação, por meio da produção de histórias de vida intergeracional com sujeitos transexuais.

Desse modo, este estudo objetiva compreender o processo de transexualização. Para tanto, especificamente pretende-se identificar a produção histórica de seus significados e a experiência vivida de seus sentidos.

O presente projeto de dissertação apresenta no segundo capítulo, o universo histórico e conceitual da transexualidade. O terceiro capítulo discute os pressupostos teóricos e metodológicos. O quarto capítulo conta as histórias de vida dos seis sujeitos representativos, as transexuais Gisele, Joana e Bridget e os transexuais Arthur, Zé e Sansão. O quinto capítulo analisa por meio de comparação intergeracional e intrageracional as categorias temáticas provenientes das histórias de vida: brincadeira de criança, autoidentificação, aparência de menino / menina, transformações corporais, família e participação política. Por fim, algumas considerações acerca das contribuições teóricas e metodológicas; do processo de transexualização e da necessidade de reflexão da prática psicossocial.

2 A PRODUÇÃO DO CONCEITO DE TRANSEXUALIZAÇÃO E SUA SIGNIFICAÇÃO

O fenômeno transexual envolve uma série de polêmicas e controvérsias acerca do seu campo conceitual e da sua nomenclatura patologizante encontrada nos manuais de transtornos mentais.

O presente capítulo busca problematizar as seguintes questões: como ocorre a produção científica acerca da transexualização? Qual é o contexto histórico na construção desta conceituação? Quais são os componentes do universo transexual? Qual é a contribuição da reflexão sobre identidade para a discussão da transexualidade?

2.1 A nomenclatura científica da transexualidade

O universo da transexualização permite reflexão e significação desde que sua conceituação foi produzida, na Grécia Antiga estando relacionada à religiosidade enquanto função societária; personalidade políticas renascentistas na França; artistas nos anos 40 e 50 de cabarés; mulheres guerreiras; intersexos; anomalias do corpo; cirurgia de transgenitalização; passando por ideias atinentes à transexualidade como uma psicose e disforia de gênero em grande parte do século XX e, atualmente, sobre ganhos referentes à legalização da mudança do prenome em documentos civis (BRUNS; PINTO, 2003)

O termo transexualidade passou a ser produzido graças ao caso de Christine Jorgensen (nascido George Jorgensen)⁵. Esta foi a primeira transexual a fazer a Redesignação Cirúrgica do Sexo por meio da vaginoplastia, que consistia na transformação do pênis em vagina, aproveitando-se a pele, o escroto e o corpo cavernoso do primeiro para a construção da segunda. Além disso, foi o primeiro caso noticiado pela mídia, que obteve atenção da sociedade em geral e não apenas científica (BRUNS; PINTO, 2003; SILVA, 2008).

⁵ Ex-militar que realizou a cirurgia de transgenitalização de homem para mulher.

Entretanto, antes de Christine Jorgensen, existiram dois casos de transexualização no século XX, que foram os de Roberta Cowell - o aviador Robert Cowell - e Lili Elbe - o pintor Einar Wegner -, na Alemanha e Dinamarca, respectivamente (BENTO, 2006; CECCARELLI, 2008; SILVA, 2008). Entretanto, nesses casos utilizou-se o método antigo que consistia na retirada do pênis e dos testículos e não tiveram o mesmo poder midiático que o de Christine.

Nessa mesma época, muitos indivíduos que se autointitulavam transexuais, e viviam reclusos em cabarés fazendo shows performáticos ou se prostituindo, procuravam pela modelação do corpo, através do uso de hormônios para diminuição (transexuais femininas) ou aumento (transexuais masculinos) de pelos corporais, ou surgimento (transexuais femininas) e desaparecimento (transexuais masculinos) das mamas. Era uma forma de expressar o pertencimento ao gênero identificado, transformando o seu nome e o seu corpo. Iniciava-se, aí, o termo “transexuais verdadeiros” ou “benjaminianos” criado por Benjamim⁶ (GRAZIOTTIN; VERDE, 1997) para designar, e, ao mesmo tempo, estigmatizar a pessoa transexual.

O transexual “verdadeiro benjaminiano” consiste no indivíduo que nega seu corpo e sexo anatômico (BENTO, 2009; GRAZIOTTIN; VERDE, 1997). Esse termo, a nosso ver, não reflete o fenômeno transexual do ponto de vista de seu processo. Se considerarmos a transexualidade apenas como intervenção “curativa” ou ligada apenas à genitália, estaremos negligenciando questões como gênero e identidade. Seria o mesmo que afirmar que a genitália é um entrave à reivindicação identitária do sujeito, sendo a cirurgia a única solução.

Por outro lado, devemos considerar o contexto em que o termo foi criado por Benjamim, ou seja, nos anos 50 em que o fenômeno transexual chamava a atenção da comunidade científica, dos meios de comunicação e da sociedade em geral. É, portanto, um marco histórico em estudos relativos ao universo transexual.

Nesse momento histórico, o número de pessoas que procurava a transgenitalização era enorme, forçando os grupos religiosos a fazerem acordos com as instituições de Saúde da época, temendo uma possível transexualização “em massa”. Com isso, muitos médicos, em parceria com a Igreja Católica, criaram o “teste do homem íntegro” com diversas perguntas acerca do corpo, gênero, etc. O teste, na verdade, era uma forma de despistar os candidatos,

⁶ Médico que nos anos 50, além de estudar o fenômeno transexual, realizou diversas cirurgias de transgenitalização em seus pacientes transexuais.

alegando que eram pessoas íntegras e não poderiam se submeter à cirurgia (BENTO, 2006; GRAZIOTTIN; VERDE, 1997; SILVA, 2008).

Cresceram, então, o número de cirurgias de redesignação do sexo clandestinas. Vários transformistas, travestis e jovens transexuais procuravam médicos e clínicas não conveniadas para submeterem-se a tratamentos hormonais e intervenções cirúrgicas, e em alguns casos retiravam a genitália em suas próprias residências (BRUNS; PINTO, 2003; CECCARELLI, 2008; SILVA, 2008).

A psicanálise e a psiquiatria da época viam a transexualidade e a travestilidade como uma psicose, psicopatia sexual ou disforia sexual. O preconceito leva a internação em manicômios - com tratamento a base de eletroconvulsoterapia - ou a submissão a permanecerem renegados a guetos gays, geralmente cabarés, exercendo a prostituição (BENTO, 2006; CECCARELLI, 2008; SILVA, 2008).

Ainda nos anos 50, a transexualidade e a travestilidade começaram a ser abordadas no universo cinematográfico com os filmes *Glen ou Glenda* (1953) e *Quanto mais quente melhor* (1959). Enquanto que o primeiro apresenta a história de um travesti fetichista e uma transexual, o segundo é uma comédia desprentesiosa sobre dois homens que se vestem de mulher para fugir de uma dívida.

Nos anos 60, começam os primeiros movimentos liderados por mulheres que visavam à igualdade entre os sexos, além do surgimento da moda andrógina (BENTO, 2006). Podemos observar em revistas e álbuns musicais sessentistas que os cortes de cabelo e as vestes tiveram como influência a androginia, tendo como seus maiores representantes a modelo Twiggy e o cantor David Bowie. Inclusive, este último aparece vestido com roupas femininas na capa do disco⁷ *"The Man Who Sold The World"* (O homem que vendeu o mundo⁸).

Nos anos 70, movimentos feministas criticam os transexuais e travestis, em especial às transexuais femininas. Uma de suas maiores críticas, a escritora Janice Raymond (BENTO, 2006; NICHOLSON, 2000), alegava que a transexualidade era uma estratégia dos homens de retornar ao poder, transformando-se em mulher e reconquistando a sua soberania. Este argumento pode ser facilmente questionado, visto que a transexual abandona qualquer resquício do universo masculino.

⁷ Acervo discográfico do pesquisador.

⁸ Tradução nossa.

Outra crítica pontuada por alguns movimentos feministas é que as mulheres transexuais reproduzem o “estereótipo de gênero feminino da mulher submissa”. Ao afirmarem que desejam ser mulheres, para formar família e se casarem, terminam por desfazer toda a luta das mulheres contra esse tipo de condição (CHILAND, 2008). Podemos considerar, neste caso, a associação com uma condição de aceitabilidade social, já que é um padrão respeitado e aceito pela sociedade em geral.

Nos mesmos anos 70, mais especificamente em 1977, a transexualidade entrou no DSM III (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders III*⁹) como Disforia de Gênero. No entanto, somente em 1994, foi substituída, agora no DSM IV (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders IV*¹⁰), como Transtorno de Identidade de Gênero (BENTO, 2006; GRAZIOTTIN; VERDE, 1997; SILVA, 2008).

Nas décadas seguintes (80, 90 e 2000), o movimento dos transexuais e travestis ganha notoriedade graças às diversas personalidades que apareciam em filmes, televisão ou revistas. Divine, comediantes travesti norte-americanos, Roberta Close, modelo transexual brasileira, Ru Paul, *drag queen* norte-americana, Bibiana Fernández, atriz transexual espanhola, Alexis Arquette, atriz transexual norte-americana, Letícia Lanz, poetisa transexual brasileira, Rose Venkatesan, transexual apresentadora de televisão indiana, Nany People, repórter transexual brasileira, Kim Petras, cantora transexual alemã, João Nery, escritor transexual brasileiro, Lana Wachowski, diretora de cinema norte-americana, e Buck Angel, ator pornô transexual norte-americano, são alguns nomes de transexuais, travestis e *drag queens / kings* que ganharam notoriedade e espaço nos meios midiáticos.

Ainda nos anos 80, 90 e 2000, houve uma maior contribuição cinematográfica, literária e televisiva a esse fenômeno. Os maiores representantes são os filmes “*A lei do Desejo*” (1987), de Pedro Almodovar, “*Traídos pelo Desejo*” (1993), de Neil Jordan, “*Priscilla, a Rainha do Deserto*” (1994), de Stephan Elliot, “*Minha vida cor de Rosa*” (1997), de Alan Berliner, “*Meninos não Choram*” (1999), de Kimberly Pierce, “*Madame Satã*” (2002), de Karim Ainouz, “*Transamérica*” (2006), de Duncan Tucker, o conto Triunfo dos Pelos, de Aretusa Von, a novela “*As filhas da Mãe*” (2001), de Silvio de Abreu, entre outros.

⁹ Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais III

¹⁰ Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais IV

Na produção científica, temos estudos (ANACLETO; MAIA, 2009) acerca da transexualização infantil e da aprovação dos pais para hormonização. Os casos mais famosos são de Tammy Lobel - nascido Thomas Lobel - que iniciou o processo de transexualização aos oito anos e da cantora Kim Petras, que deu início à mudança visual e corporal aos 10 anos, realizando a transgenitalização aos 16 anos.

Estas alterações corporais implicam em transformações no âmbito da “identidade de gênero”, através dos questionamentos – e permanências - aos termos binários – masculino e feminino – como formas únicas de gênero.

2.2 As conceituações de transexualização

Na atualidade, apesar de estas discussões atingirem vários setores sociais, ou seja, acadêmicos, midiáticos, jurídicos e cotidianos não somente acadêmico-científicos ou de grupos organizados, as definições e questões relacionadas ao universo transexual são pouco conhecidas (SILVA, 2008).

Para a sociedade em geral, transexuais, travestis, *cross-dresser* e *drag queens/kings* são todos homens (ou mulheres) homossexuais que vestem roupas e apresentam trejeitos típicos do “papel social de gênero” feminino - ou masculino - correspondente à sua cultura (BENTO, 2006; SILVA, 2008). Todavia, as nuances deste processo são inúmeras.

Em relação ao conceito de transexualidade destaca-se o procedimento transexualizador de homem para mulher, ou vice-versa, havendo um conflito entre o corpo, o gênero identificado e a identidade. Este conceito possibilita um avanço em relação ao sufixo *ismo* também utilizado, pois este denota algo patológico e que estigmatiza. Por outro lado, essa nomenclatura favorece a gratuidade da cirurgia de transgenitalização, vista como uma correção à “doença”. O “transexualismo” enquanto algo patológico está presente no DSM IV¹¹ que o enquadra em Transtorno de Identidade de Gênero (ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA, 2002).

¹¹ Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais IV

Alguns fatores devem ser levados em consideração, para uma pessoa ser considerada transexual. Para isto, esta não deve apresentar sintomas indicativos de esquizofrenia, síndrome de Klinefelter¹² e intersexualidade. Somando-se ao fato de que as ideações alusivas à transexualidade devem durar no mínimo dois anos, pois em alguns casos, o indivíduo pode afirmar ser transexual, mas a sua afirmação ser produto de um sintoma de surto psicótico ou de um pensamento efêmero, resultando em arrependimentos futuros se iniciado o processo transexualizador (ELIAS, 2010; OLIVEIRA, 2010; OMS¹³, 1993).

À utilização de denominações no universo transexual se adicionam aspectos relacionados ao diagnóstico de um indivíduo que recorre à Redesignação Cirúrgica do Sexo - ou *transgenitalização* - e as informações que se tem sobre essa problemática. O discurso do sujeito não se configura como o único acesso para esse tipo de intervenção cirúrgica, sendo necessária a aprovação de uma equipe multi e interdisciplinar composta por um psiquiatra, psicólogo, assistente social, endocrinologista e o cirurgião (ARÁN; MURTA; LIONÇO, 2009, BENTO, 2006; ELIAS, 2010). A tarefa desses profissionais é avaliar, através de acompanhamentos pré-operatórios que incluem visitas domiciliares, psicoterapias, histórico social de saúde, e identificar a condição para a submissão à cirurgia de mudança de sexo.

Esse tipo de acompanhamento se caracteriza pelo tratamento de psicoterapia com um psicoterapeuta conveniado ao programa, de visitas dos assistentes sociais e de tratamentos hormonais. É necessário ainda passar por mais três testes: o da “vida cotidiana”, no qual terá que vestir-se diariamente com roupas referentes ao gênero identificado; os psicológicos como HTP (*Hourse, Tree, Person*)¹⁴, MMPI (*Minnesota Multiphasic Personality Inventory*)¹⁵, Haven¹⁶ e Rorschach¹⁷; e exames de rotina para investigar o seu estado de saúde para submeter-se a uma cirurgia (PERES, 2001; SILVA, 2008).

A importância desses acompanhamentos com profissionais da saúde está relacionada a casos de transexuais que, após a cirurgia, se arrependem da decisão tomada e se automutilam, tentando voltar à forma pré-operatória. Chegam, às vezes, a cometer suicídio, pois não conseguem visualizar seu corpo pós transgenitalização, e não mais se sentir pertencente ao

¹² Síndrome relacionada aos cromossomos sexuais, apresentando um cromossomo X excedente. Os principais sintomas são seios evidentes, testículos pequenos e esterilidade.

¹³ Organização Mundial de Saúde

¹⁴ Teste de grafismo aplicado em avaliações psicológicas.

¹⁵ Questionário cuja função é analisar traços de personalidade e atitudes em relação a algum fenômeno.

¹⁶ Consiste em um conjunto de escalas que avaliam a inteligência geral.

¹⁷ Consiste em uma prova psicológica projetiva, fazendo com que o sujeito apresente respostas baseadas em sua interpretação referente a dez desenhos com manchas de tintas.

gênero que supostamente haviam se identificado (CARVALHO, 2011; GREGERSEN, 1983; SILVA, 2011). Mediante os pontos elencados, é de suma importância que a pessoa seja ouvida, informada e atendida por profissionais capacitados sobre o processo transexualizador.

Este processo inclui ainda o uso de roupas e trejeitos característicos do “papel de gênero” identificado, modelagem do corpo através do uso de hormônios para surgimento ou diminuição dos seios e/ou pelos corporais, dependendo da escolha do/a solicitante. A genitália para as transexuais femininas e os seios para os transexuais masculinos são as partes do corpo negadas e alvo de intervenção cirúrgica, sendo estas cirurgias uma saída para aliviar seu sofrimento, distanciar-se do papel social de gênero não identificado e obter aceitação social (BENTO, 2006; BRUNS; PINTO, 2003; ZAMBRANO, 2003).

Existem casos de transexuais que não desejam esperar o tratamento hormonal e a liberação da transgenitalização, recorrendo à automutilação, castrando-se, retirando a genitália - transexual feminina - ou os seios - transexual masculino -, em procedimentos cirúrgicos amadores e clandestinos. Há, ainda, transexuais e travestis que para permanecerem os mais femininos possíveis, realizam cirurgias faciais ou implantação de silicoes industriais, sem aparato técnico, com cirurgiões desconhecidos, porém mais acessíveis financeiramente (PERES, 2001, SILVA, 2008).

Além da cirurgia de transgenitalização e do processo transexualizador, os pedidos de alteração nos documentos de identidade são recorrentes no universo transexual. Esta foi possível com a Lei Nº 9.708, de 18 de novembro de 1998 que permite a adequação do prenome pela pessoa transexual (VIEIRA, 2000).

Na travestilidade, não há a reivindicação de uma única identidade feminina ou masculina ou ainda, de pertencer a apenas um gênero, mas de exercer os dois papéis performativos socialmente. O corpo dos/as travestis nada mais é que a expressão de suas identidades e não uma adequação ao binarismo homem e mulher (BUTLER, 2010; BARBOSA, 2010). Não há a negação da genitália, entretanto essa não é uma característica única, visto que há transexuais que convivem com seus sexos anatômicos, não fazem cirurgia e assumem uma identidade transexual.

Os indivíduos intitulados *cross-dresser*, antes conhecidos como travestis fetichistas (VIEIRA, 1977), são aqueles se travestem de mulher, ou vice-versa, em situações sexuais ou

específicas como grupos de encontros. Já as *drag queens* - ou *kings* - são aqueles que apresentam características consideradas femininas - ou masculinas -, inclusive travestindo-se, apenas em performances caricatas de comédia ou shows de dublagem. Não assumem uma identidade feminina - ou masculina - no cotidiano. Em ambos os casos não há reivindicação identitária ou modelação do corpo como os transexuais e travestis.

Nenhum desses quatro componentes pode ser definido, exclusivamente, como de pessoas homossexuais. Há casos de transexuais, travestis, *cross-dresser* e *drag queens/kings* que são heterossexuais. Ou seja, não é algo relacionado, exclusivamente, à orientação sexual, estão envolvidas questões da identidade - transexual e travesti -, do fetiche - *cross-dresser* - ou *profissional/ artística - drag queen/king*. Assim afirma Silva:

Essa questão quanto à sexualidade e aos relacionamentos transexuais é um pouco complicada, pois depende do indivíduo e das suas particularidades. Há casos de homens que recorrem à transgenitalização com o intuito de virarem mulheres lésbicas ou de moças que optam pela transgenitalização tornando-se bissexuais ativos para mulheres e passivos para homens (2008, p. 24).

Em estudos de Bento (2006; 2009), algumas transexuais afirmavam não transitarem entre os dois gêneros - masculino e feminino - pois sempre foram “mulheres”, cuja anatomia encontra-se em desacordo com seu psiquismo. A busca é pela identidade negada desde o seu nascimento, atribuindo à cirurgia de transgenitalização o “passaporte” para a “correção” do elemento estranho que se encontra em seu corpo.

O Código Penal e o Código de Ética de Medicina ainda consideram a Redesignação Cirúrgica do Sexo como uma lesão corporal gravíssima, sendo assim, reprovada. Destarte, só não é desaprovada em casos de intervenções cirúrgicas em indivíduos intersexos, pois se acredita que é uma “anomalia” que deve ser reparada. Entretanto, desde 14 de abril 1982, foi assinada a Lei nº 164 na Itália, seguida por outros países, inclusive o Brasil, que legitima e autoriza a transgenitalização (GRAZIOTTIN; VERDE, 1997). No Brasil, a mesma pode ser feita gratuitamente através do Sistema Único de Saúde (SUS).

As escolhas possíveis encaminham assim, ao questionamento das normatizações de gênero, de corpo e de identidade. A transexualização questiona a ideia de corpo naturalizado que deve ser o mesmo do nascimento até a morte, através das suas transformações corporais. Apresenta, ainda, a ideia de que a identidade é produto da relação interdependente entre social e individual e encontra-se sempre em produção e movimento.

Nesse sentido, podemos problematizar o conceito de identidade e de sua produção.

2.3 A transexualização e o conceito de identidade

O processo de transexualização implica um questionamento de identidade. Este conceito está vinculado ao contexto histórico e sofre transformações e metamorfoses (LANE, 2007; CIAMPA, 2005; 2007), graças ao compartilhamento de experiências sociais.

O homem apreende do contexto em que está inserido, seja histórico, social ou cultural, adicionando-se ao que já possui, onde é resignificado e se vai produzindo o seu “eu”. Desse modo, destacamos a importância de aspectos como a memória e a história de vida do sujeito, pois, de certa forma, são importantes para a edificação da sua identidade. Por outro lado, a ideia de identidade como algo pré-estabelecido deve ser problematizado, visto que esta não é algo imutável, sem cair, no entanto, na relativização do conceito.

A identidade, do ponto de vista psicossocial, pode ser dividida - apesar de se complementarem - em “nós” e “eu”, pois, ao falarmos de homem como produtor e produto do meio, não descartamos seus aspectos individuais. O “nós” estaria relacionado às diversas experiências sociais no percurso histórico que atendam aos diferentes papéis sociais que exercemos e aos seus regulamentos. Esta é a identidade social. O “eu” seria referente ao que o sujeito entende e percebe sobre a sua existência a partir das diversas circunstâncias em sua história de vida, ou seja, a identidade pessoal (CIAMPA, 2007; PAIVA, 2007).

Outros autores (CROCHÍK, 1997) afirmam que a própria cultura institui esses “papéis sociais da identidade social” correlativos à realidade na qual o indivíduo deve adequar-se. Sendo assim, os membros de um determinado grupo devem se “reduzir” ao papel que melhor lhes convêm para serem aceitos na sua comunidade, às vezes, abdicando de suas peculiaridades, estando categorizados em um papel pré-estabelecido cultural e socialmente da história interior de seu grupo.

Sawaia (2008) insere aspecto político em sua definição ao afirmar que:

Identidade é conceito político ligado ao processo de inserção social em sociedades complexas, hierarquizadas e excludentes, bem como ao processo de inserção social nas relações internacionais. O clamor pela identidade quer para negá-la, reforçá-la

ou construí-la, é parte do confronto de poder na dialética da inclusão/exclusão e sua construção ocorre pela negação dos direitos e pela afirmação de privilégios. Ela exclui e inclui parcelas da população dos direitos de cidadania, sem prejuízo à ordem e harmonia social (p. 124).

Os autores destacam em suas definições sobre identidade uma atribuição e produção para a manutenção das relações de poder (CROCKÍK, 1997; SAWAIA, 2008). Seria uma forma de dizer que a função da identidade é conferir aos indivíduos as suas posições na sociedade e conservação de seus valores e hierarquias. Já Pino (2005) destaca os aspectos simbólico e de significação, enquanto que Facchini (2005) enfatiza o caráter de produção coletiva das identidades, sob o viés da antropologia e dos movimentos sociais.

Este aspecto social da identidade evidencia a atenção a alguns preceitos para que possamos viver em harmonia com o mesmo. Apreendemos o que o meio nos apresenta e contribuímos na formação deste. Primeiro vem o que nos é atribuído através dos papéis que estão relacionados ao gênero, nacionalidade, hereditariedade, e aqueles que são adquiridos que estão relacionados aos estudos, profissões, religiões – sendo estas, às vezes, atribuídas – etc.

Podemos considerar ainda as identidades coletivas dos Movimentos Sociais (FACCHINI, 2005). Estes são comunidades cujos membros compartilham os mesmos objetivos e características. Nesse caso, a identidade de um grupo, movimento, comunidade não é algo conferido pelos próprios membros, autodenominado, mas produzido através de suas relações psicossociais.

Contraria-se assim a ideia de identidade associada apenas à repetição (ARGENTIERI, 2009; CECCARELLI, 2008). Vemos sob uma perspectiva da identidade como resignificadora e mutável. Somos autores e personagens da história que forma a nossa identidade; fazemos em nosso percurso de vida o mesmo que o roteirista: cria, apaga e reconstroem os personagens de seu roteiro para um filme (CIAMPA, 2007). A diferença é que o roteiro de um filme tem um ponto de partida e uma finalização, ao contrário da história de um indivíduo.

A história do indivíduo permite a experiência de contradições, ideologias, conflitos que vão se estruturando e se modificando (CIAMPA, 2005, 2007). Nesse sentido, considera-se que não existe apenas uma identidade, mas várias, o que torna o ser humano fragmentado, experiencial, em movimento, vez que o mesmo não representa o que ele realmente é, mas o que pode vir a ser (CIAMPA, 2005).

Se considerarmos que a transexualidade também se insere no processo identificatório, ou seja, em movimento, podemos afirmar que temos uma experiência de identidade atribuída pela sociedade através da nomeação do nosso corpo (prenome, gênero, etc) em confronto com a identidade que é experienciada e expressada. Ao travestir-se, adotar um novo prenome e transformar o corpo, o/a transexual apresenta o que afirma ser e não apenas um desejo (CHILLAND, 2008). O corporal e o visual são formas de expressão da identidade, sendo assim, atrelados à última.

Podemos considerar que os transexuais apresentam uma identidade com metamorfose visual – modelação corporal e no registro civil - a que se submetem (BARBOSA, 2010; TEIXEIRA, 2009). Podemos afirmar, ainda, que a transexualidade vai além da expressão de gênero e de uma identidade, sendo uma forma de reafirmação de suas identidades. Poderíamos, ainda, defender que seriam dois nascimentos, o “atribuído forçadamente” e o apresentado em consonância com o que sente.

Tomemos como exemplo o caso fictício¹⁸ de uma transexual feminina, intitulada Josefa. Ao nascer fora batizada como João por seus pais, mas com o passar do tempo, observava que usar roupas ou participar de brincadeiras correspondentes ao “papel social de gênero masculino” não era o que a satisfazia, muito menos aquele nome que lhe fora atribuído. Na adolescência, busca vestir-se com roupas que correspondam ao papel social identificado e adota outro prenome. Na maioridade, muda o registro civil e já com o corpo modelado, faz a transgenitalização. Hoje em dia, vive com uma moça, por quem se apaixonou, chamada Marta. João, Maria; Homem, Transexual, Mulher Lésbica. Parece até uma forma de tentarmos enquadrar esse indivíduo, entretanto é uma forma de mostrar a pluralidade que envolve a transexualidade e a sua relação com a identidade.

Em algumas entrevistas com transexuais, Bento (2006; 2009) observou que alguns de seus informantes negavam a sua história anterior ao processo transexualizador. De fato, isso contraria ao que explicitamos em relação aos “dois nascimentos”. Nesse caso, consideramos ser o mesmo que negar o percurso histórico e social da identidade desses indivíduos.

A cirurgia de transgenitalização e a alteração no registro civil, para a pessoa transexual, é a oportunidade de conter um corpo sexuado, e um prenome coerente a este corpo, aceito socialmente (BENTO, 2006; BUTLER, 2010). A nosso ver, não adianta apenas

¹⁸ Adaptação de nossa autoria a partir de relatos de transexuais entrevistadas por Bento (2006).

referir que deseja pertencer ao gênero identificado, mas reafirmar que já faz parte do mesmo, comprovando através do seu corpo modelado e da adoção de um prenome, ambos condizentes ao seu querer.

Ao solicitarem a intervenção cirúrgica e adotarem o papel social correspondente ao gênero identificado, muitos transexuais terminam por tentar corresponder às normas correlativas aos “papeis sociais de gênero”. Há transexuais femininas que almejam casar, constituir família, reproduzindo trejeitos e ações típicas e estereotipadas de uma mulher considerada “decente e de bom caráter” (ALMEIDA, 1999).

Podemos observar, a partir do exemplo acima, que a identidade dessas transexuais acarreta, enquanto processo cultural e histórico, questionamentos ou reproduções dos papéis desempenhados que sustentam e mantêm os valores do grupo ao qual pertencem. Nesse caso, poderíamos dizer que essas transexuais femininas apresentam a sua identidade social? Poderíamos considerar que sim, mesmo que reproduzindo um papel social, há a produção relacional de suas identidades. O papel que o indivíduo desempenha, vai ser o que “ele é” para o grupo, sendo uma forma de tentar localizar-se nos sistemas de papéis (PAIVA, 2007; LANE, 2007).

E ao falarmos de papéis sociais e da identidade, há alguns subtermos nesses segmentos que são identidade nacional, sexual, de gênero, etc (PAIVA, 2007, CHILLAND, 2008). Esses termos, em especial os dois últimos, ainda se encontram em constante construção, apesar da manutenção, nas teorias desses conceitos ligados a normas estabelecidas pela sociedade de comportamentos específicos ao que seria masculino ou feminino – gênero – ou homem e mulher – sexual – e, ainda, orientação sexual (BUTLER, 2010). Poderiam ser exemplificados como modo de vestir-se, características corporais e trejeitos - no caso da identidade de gênero – e, na orientação sexual – identidade sexual. Nessa perspectiva, a autora critica o uso desses termos como “ideais normativos”, quando somente o termo identidade poderia englobar a experiência descritiva da pessoa. O que o indivíduo experiencia é o que ele é ou virá a ser, por isso não é algo normativo, mas construído e em transformação.

Ao enfatizarmos a discussão da temática via identidade não significa estarmos “negligenciando” aspectos como gênero e corpo. Consideramos que não há negligência em relação a essas duas categorias, pois as mesmas estão atreladas à identidade. Consideramos a transformação corporal e a relação com o corpo por parte dos transexuais como uma

expressão – e impedimento no caso do corpo negado – da identidade. O mesmo para a categoria gênero, antes vista apenas como tradução cultural do sexo, quando envolve outras questões tais como a autoidentificação (BUTLER, 2010; LAQUEUR, 2001).

Em síntese, considera-se que a produção conceitual é histórica e cultural, promove o convívio com termos diversos – travestilidade, intersexualidade, artísticos (*drag queens* e *kings*) e *cross-dresser*–; a relação entre transexualidade e produção identitária nos permite questionar a ideia de que a transexualidade está associada à homossexualidade. Por último, o direito ao registro civil, permite questionar à crença de pertencimento ao gênero identificado e a pluralidade que envolve suas sexualidades - há transexuais homossexuais, bissexuais e heterossexuais -. Podemos assim problematizar o fenômeno transexual e estabelecer vinculação aos aspectos de autoidentificação e reivindicação identitária do que exclusivamente a uma orientação sexual.

Esta compreensão se apoia no pressuposto teórico da Psicologia Sócio-Histórica de Vigotski, especialmente nas categorias conceituais: sentido e significado, as quais subsidiarão a análise das informações e serão apresentadas a seguir.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Como ocorrem as experiências humanas? Como se dá o processo de produção de sentido e significado? Qual é o papel da linguagem e dos signos no processo de significação humana? Quais são os instrumentos e as criações humanas? Como se dá o processo de identificação e de formação de subjetividade? Quais podem ser os procedimentos metodológicos adotados para se conhecer a história da transexualização humana? A narração da história de vida possibilita a produção de sentidos e significados acerca da transexualização? Estas são as questões que discutimos a seguir.

3.1 A constituição sócio-histórica em Vigotski

A escolha da Psicologia Sócio-Histórica de Vigotski como proposta teórica e metodológica se dá especialmente pelas categorias de sentido e significado, visto sua contribuição à compreensão do processo de significação estar fundada na relação entre sujeito e o contexto sociocultural (MOLON, 2003).

Em uma retomada histórica podemos indicar que, no início do século XX, a Psicologia passava por uma fase de descrédito e era alvo de várias críticas perpetradas - em relação a sua metodologia e objeto de estudo - pelas ciências naturais. Não obstante, na própria Psicologia havia grupos de teóricos que questionavam essa dependência metodológica com as ciências naturais, tão reducionistas e mecanicistas e as várias dicotomias nos estudos psicológicos (MOLON, 2003; PINO, 2005; SILVA, 2008).

Vigotski era um dos “questionadores” a esse tipo de Psicologia, cujo método originário nas ciências naturais, não conseguia estudar os fenômenos psicossociais em seu ambiente natural e seus fatores históricos e culturais (PINO, 2005). Sua crítica se voltava também às dicotomias entre subjetivo e objetivo, natural e biológico, normal e anormal, consciente e inconsciente; a Psicologia como uma ciência elitista e com linguagem médica que se preocupava em categorizar os indivíduos em normais ou anormais, e que desconsiderava a influência dos estímulos sociais no comportamento (VIGOTSKI, 2004).

Mediante aos pontos elencados, Vigotski passa a pensar em uma Psicologia que estude a relação dialética e histórica entre o homem e o social. Junto a Leontiev e Luria, torna-se um representante da Psicologia Russa, apresentando uma forte referência – e não uma reprodução da teoria – do pensamento do materialismo histórico e dialético marxista, qual seja, o ser humano sofre influência – e influencia – o meio, produzindo, assim, a sua consciência (PINO, 2005). Ou como afirma Molon:

A teoria sócio – histórica elaborada por Vygotsky se aproxima tendencialmente da psicologia social e se afasta de modo considerável da psicologia russa, uma vez que o conhecimento filosófico de Vygotsky lhe permitiu realizar uma psicologia fundamentada no marxismo, não - reducionista e não - mecanicista. (2003, p.28)

É importante salientarmos que, Vigotski não se referia à ideia de uma teoria que vislumbresse um homem formado e dependente passivamente do meio social, mas de alguém que para ser reconhecido como ser humano, precisaria ter uma relação com esse meio e, por conseguinte, com a cultura. A partir das experiências sociais, do uso da linguagem, da comunicação é que o homem transforma a natureza, constitui cultura e é constituído por ela. Assim, estudar fenômenos humanos implica abarcar sua totalidade, considerando seus aspectos históricos, sociais e culturais (VIGOTSKI, 2004).

Segundo Lucci (2006), a base da teoria vigotskiana é de que o homem é um ser histórico e em movimento, transformador da realidade que o cerca e resignificador da natureza, que por sua vez, é sua “qualidade biológica”. Nesse contato, a natureza não é desestruturada, mas ganha novos elementos, sem perder a sua condição, por meio do simbólico. Este seria o agir no meio, que já está “dado” e iremos dar uma existência a ele, o qual chamou de signos¹⁹, que por ventura, são mediadores das nossas relações interpessoais.

Nesse sentido, entender a realidade e seus fenômenos enquanto um processo demanda compreender e explicar o seu percurso, incluindo as suas relações, contradições e constituições (VIGOTSKI, 2007). Desse modo, evita-se o perigo da normatização na ciência.

Em acordo com o exposto, o fenômeno psíquico só pode ser compreendido inserido na cultura, no social, na história, ou seja, fenômeno em processo, evitando sua fossilização (VIGOTSKI, 1993; 2007). Cultura esta plena de significados compartilhados na qual os sentidos serão experienciados na relação com o outro, permitindo um nascer cultural (PINO, 2005; VIGOTSKI, 1993).

¹⁹ Abordaremos a função dos signos e o processo de significação mais adiante.

3.2 O processo de significação

A transexualização nos parece ser um fenômeno que, sintetiza a relação entre o biológico e o cultural. Os componentes de transformação biológica são dispositivos de inserção cultural e social, ao mesmo tempo em que, representações da cultura demarcam as mudanças culturais e de comportamento sexual e identitário.

A contribuição da leitura de Vigotski em sua teoria sociogenética, que considera tanto os fatores biológicos quanto os sociais, de suma importância para se compreender o comportamento humano e a formação da subjetividade (LUCCI, 2006). Contudo, o cerne dessa teoria está localizado nas origens da constituição biológico - cultural do humano, na infância.

Como vimos anteriormente, Vigotski (2007) apontou que consciência humana é fruto das experiências com o meio e interiorização da cultura. Todavia, a questão biológica e genética também faz parte dessa produção. A criança ao nascer herda a sua natureza biológica passada pela sua espécie, mas isso não significa que a sua existência dependa somente dessa herança genética. Só a partir do desenvolvimento cultural que a criança vai produzindo a sua existência e tornando-se um ser humano (PINO, 2005).

Percebemos, então, que não há uma separação entre o biológico e o social. O primeiro é o nosso organismo, as nossas funções nervosas, os nossos reflexos, o nosso corpo, que é ativo e interage com o meio, de modo mais dependente em seu início. Mediante as experiências que a criança tem, associadas às suas funções biológicas, se transformam em funções psicológicas superiores. Nesse caso, a estrutura biológica seria um processo embrionário, enquanto que o nascimento cultural seria em nível superior, ou seja:

As funções psicológicas superiores, apesar de terem sua origem na vida sociocultural do homem, só são possíveis porque existem atividades cerebrais. Ou seja, essas funções não têm sua origem no cérebro, mas não existem sem ele, pois se utilizam das funções elementares que, em última instância, estão ligadas aos processos cerebrais (LUCCI, 2006, p. 07)

Esse processo de desenvolvimento psicológico da criança é caracterizado por quatro momentos: a gênese da espécie, conhecida como filogênese; em seguida, a sociogênese e desta para a ontogênese; a última parte seria a microgênese (PINO, 2005). Podemos observar que, o nascimento cultural da criança e todo o seu processo envolvem experiências sociais que

produzem novos conhecimentos. As funções cerebrais fazem parte do processo junto às superiores, sendo as primeiras superadas por estas últimas. No entanto, o biológico continuará existindo, de maneira superada e em constante transformação.

Todo esse percurso é histórico e cultural, pois inserido neste percurso se encontra a evolução da espécie. A cada trajeto evolutivo, o cérebro humano é moldado, seria o momento, citado anteriormente, da filogênese. O cérebro do Homem de Neandertal não é o mesmo do Homo Sapiens, pois cada um foi constituindo mediante a sua interação com o meio, associada à sua espécie. Há uma adaptação, a partir das interações sociais, ao ambiente, visto que de uma espécie evolutiva para a outra, há mudanças culturais e físicas (PINO, 2005).

Essas mudanças físicas, e no modo de vida, dão origem à sociedade a qual faz parte esse homem. Este é o segundo momento denominado de sociogênese (LUCCI, 2006; PINO, 2005). Pelo fato do homem ser produtor – e produto – do meio, já que é uma relação mútua, seu mundo exterior vai se constituindo e, o que antes era de uma forma, é superado a partir dessa estrutura anterior.

Ao ter contato com o social, o homem interioriza todas as informações que o mundo exterior oferece. As transformações culturais, os modos de vida, as regras da sociedade são absorvidos e a sua identidade se constituindo. Este momento seria o da ontogênese (PINO, 2005), que seria a origem do homem, produto dessa interação entre o social e o organismo biológico, visto que há a edificação das suas atividades mentais e da sua identidade, enquanto componente daquele meio.

Por último, temos a microgênese, ou seja, a partir da produção de sentidos e significados gerados nessa interação, tornando esse ser humano único (LUCCI, 2006). Este interioriza as informações sociais e culturais, as codifica com as experiências anteriores e atribui sentido às mesmas. Podemos notar, então, que é todo um processo dialético. Não emerge inexplicavelmente ou é “dado”, mas edificado.

O bebê ao nascer, além de receber um nome e uma função dentro da sua estrutura familiar, é alimentado e recebe todo o cuidado. Chora ao sentir fome, não porque aprendeu, mas porque faz parte da sua espécie. Assim, saberá que sempre que chorar terá o alimento ou uma necessidade atendida. Nesse caso, está experimentando o ambiente que o cerca. Alguns

anos depois nomeará os objetos, por aprendizagem, e refletirá sobre estes, se constituindo e sendo constituída nessa interrelação.

Pino (2005) pontua que em seus estudos, Vigotski afirmava que o ser humano é o único animal que pode construir a sua realidade e refletir sobre a mesma. Seu cérebro não serviria apenas para atender aos reflexos do meio, ou seja, a adaptação não seria por repetição, sem a ponderação sobre algo. Desse modo, o homem apresentaria algo além e estariam apresentadas as funções psicológicas superiores. Por meio destas, a criança agiria sobre o objeto e construiria a realidade, ao tempo em que está se constituindo. Não é um acesso direto, mas processual e simbólico (LUCCI, 2006; VIGOTSKI, 1993).

Desse modo, unicamente o nascimento biológico não explicita à complexidade que envolve o ser humano. Esse “primeiro” nascimento já estaria no homem, pois atende à sua espécie, aos seus instintos. Entretanto, não é o suficiente para facilitar a inter-relação e contato com o meio e a cultura. Por isso a necessidade de um segundo nascimento, que seria o cultural (PINO, 2005).

O nascimento cultural se caracteriza pelo desenvolvimento das funções psicológicas superiores, sendo estas mediadas pela linguagem e pelos signos. Por isso, apresenta um caráter simbólico e o outro é imprescindível neste processo, pois é por meio da aprendizagem e do contato com o outro que acontece a interiorização (LUCCI, 2006). O Outro na figura de nossos pais – e de seus antepassados – é que nos dá acesso à cultura, através também da imagem, por meio de nossas percepções sensoriais e motoras é que acessamos o mundo real e o mundo imaginário, agindo sobre a cultura (PINO, 2005). O Outro significa alguma ação nossa, nos devolve na forma de imagem²⁰ - mundo real - e codificamos, somando com o que já conhecemos - construindo nosso mundo imaginário – e restituindo ao ambiente, com novas informações.

A criança ao nascer apresenta uma carga genética que é carregada de aspectos culturais da sua espécie, por isso o caráter interdependente entre o biológico e o cultural. Com isso, não podemos afirmar que ambos são análogos, mas intercambiáveis. A natureza já está em seu lugar. É na relação com a cultura que o homem irá modificar e trazer novos conhecimentos e significados para a mesma, constituindo as funções psicológicas superiores.

²⁰ Quando nos referimos à imagem, não é no sentido de “ver algo com os olhos”, mas a tudo aquilo que nos dá acesso ao mundo exterior.

No entanto, para que isso ocorra necessitam das funções embrionárias que são advindas do biológico.

Essa humanização do homem sobrevém através do social, do contato com a comunidade e da apropriação da cultura. Mas a edificação da cultura e, por conseguinte, a humanização da espécie será por meio do trabalho em conjunto do homem e da sociedade (PINO, 2005). A história de vida de um indivíduo só acontece por meio da história da sua comunidade e espécie, por meio do processo de significação.

O significado é constituído por generalizações e conceitos advindos da inter-relação entre a linguagem e o pensamento (OLIVEIRA, 1992; MOLON, 2003). Este último agrupa as ideias captadas do meio externo e as reinterpreta, criando uma opinião ou conceituação. O sentido, por sua vez, seria a atribuição a esse significado de um objeto de uma experiência afetiva. Todos os significados e sentidos são atribuídos através da linguagem, e está constitui subjetividade. Importante ressaltar que a relação entre pensamento e linguagem só ocorre devido ao pensamento verbal que, por sua vez, só ocorre mediante o significado de uma palavra, como afirma Molon (2003, p.106) *o pensamento se realiza na palavra e esta ganha significado pelo pensamento.*

Portanto, o significado é social, geral, compartilhado por todos, apresenta uma estrutura que vai passando geracionalmente, possibilitando que haja a comunicação entre os homens. E através deste contato com o outro, que o seu comportamento vai sendo produzido, desenvolvendo o processo de formação da consciência humana. Já o sentido por ser algo micro-estrutural, apresenta uma atribuição carregada por experiências afetivas - somadas ao que o sujeito já possui - à sua realidade objetiva e aplicadas a depender do contexto.

Molon destaca a importância desse contato com o outro no processo de significação e formação da consciência:

O sujeito é constituído pelas significações culturais, porém a significação é a própria ação, ela não existe em si, mas a partir do momento em que os sujeitos entram em relação e passam a significar, ou seja, só existe significação quando significa para o sujeito, e o sujeito penetra no mundo das significações quando é reconhecido pelo outro (2003, p.11).

Por sua vez, Vigotski (1993) ressaltar que o sentido é diferente para cada pessoa, pois depende das experiências vividas, da sua subjetividade, da sua carga histórica de vida. Outro fator que deve ser levado em consideração - na questão do sentido - são os aspectos históricos.

A história de cada indivíduo está em movimento junto às mudanças socioculturais do seu meio externo. Por isso, a importância de se estudar quais os sentidos e o significado que os (as) transexuais experienciam em relação à transexualização. Esta, por sua vez, não estando vinculada somente à mudança do sexo.

Discorrendo, ainda, sobre sentido, é interessante notarmos que este não é algo exclusivamente individual, que emergiu no indivíduo e como consequência, atribuído ao significado. O sentido, mesmo sendo produto daquele, tem um caráter dinâmico a partir das diversas inter-relações sócio-históricas nos mais diferentes contextos da vida de alguém. Não devemos confundir o seu caráter pessoal, com algo estritamente individual.

É importante lembrar que além do sentido, o significado de uma palavra também apresenta o significado propriamente dito (OLIVEIRA, 1992; VIGOTSKI, 2007). Este configura a conceituação dada a uma palavra na forma geral, construída a partir da relação entre esse objeto e os homens, sendo compartilhada por todos. Parece haver uma leve semelhança com o significado, entretanto este é produto de ordem reflexiva na relação com os outros, enquanto que àquele, é conceito que ali se encontra de forma generalizada.

O signo é produto da reflexão do homem sobre um objeto, acontecendo através da junção entre o significado e o significante. Este último é a configuração corporal do signo (VIGOTSKI, 1993). Podemos notar que há todo um processo que se inicia a partir de algo que já existe (sinal), confirmando o caráter do materialismo dialético na teoria vigotskiana. Nesse caso, há uma relação em movimento entre signo, significado e o sentido.

Essas reflexões auxiliam neste debate quando associamos a transexualidade à “mudança de sexo”, pois é um significado compartilhado por todos. Podemos compreender a partir da leitura semiótica, sob a perspectiva de Vigotski (PINO, 2005), que a figura de uma personagem transexual em um seriado televisivo seria um significante - a configuração corporal do signo - e a nomenclatura dada ela seria o seu significado, sendo a soma desses dois, o signo.

A personagem, descrita acima, apenas se tornaria signo a partir da reflexão que o referente tem sobre ela. O referente é o indivíduo que recebe a informação do meio e reflete sobre o mesmo. Já os sentidos atribuídos a essa transexual dependeriam do contexto em que estivesse essa figura. Algumas semanas, dias, meses ou anos, esse mesmo indivíduo poderia

ainda manter a mesma opinião ou revê-la, conferindo novos sentidos. Ou seja, é uma relação em constante movimento.

Não obstante, não queremos dizer que apenas o sentido tem um caráter inconstante. O significado, mesmo sendo macro, da palavra, não é algo totalmente estático. Em algumas culturas, o significado de uma mesma palavra é diferente de um local para outro. Deste modo, a importância de se analisar as determinações da gênese cultural de alguém. Vale lembrar, ainda, que o significado não é uma associação entre a palavra e o objeto, mas uma reflexão da relação entre o pensamento e a linguagem (BARROS et al, 2009).

As considerações teóricas a respeito da concepção acerca do nascimento biológico e cultural do homem e os processos de significação, tendo como referência a teoria de Vigotski; da observação de que a subjetividade só pode ser entendida na relação com a objetividade nos levam a explicitar alguns norteadores da metodologia adotada neste estudo.

3.3 A metodologia utilizada

Na realização de uma investigação faz-se necessário o pesquisador ponderar qual metodologia deve ser escolhida. Tecer reflexões acerca da adequação do uso do método e da seleção dos instrumentos utilizados para a busca de informações. Descreve-se, assim, as concepções acerca da pesquisa qualitativa, os procedimentos metodológicos, os critérios de seleção dos sujeitos representativos, a entrevista narrativa presencial e *on-line*, a composição das Histórias de vida, análise de conteúdo comparativa inter e intrageracional.

A presente pesquisa é qualitativa, evidencia o ponto de vista dos sujeitos e a sua diversidade (CHIZZOTTI, 2000; TURATO, 2008) e apresenta as ponderações do pesquisador como forma de construção e produção de conhecimento, como destaca Flick:

[...] Os métodos qualitativos consideram a comunicação do pesquisador em campo como parte explícita da produção de conhecimento, em vez de simplesmente encará-la como uma variável a interferir no processo. A subjetividade do pesquisador, bem como daqueles que estão sendo estudados, tornam-se parte do processo de pesquisa. As reflexões dos pesquisadores sobre suas próprias atitudes e observações em campo, suas impressões, irritações, sentimentos, etc., tornam-se dados em si mesmo, constituindo parte da interpretação [...] (2009, p. 25)

Nesse caso, ao nos referirmos à investigação qualitativa com seres humanos, não podemos afirmar que seja algo meramente técnico, pré-definido em instruções, mas sim, pautado na asseveração da singularidade de cada pessoa e, justamente por isso aberta ao imprevisto, ao novo, pois o homem é um ser em movimento. Cada sujeito possui uma experiência de vida que deve ser posta em análise (VIGOTSKI, 2004).

Coerente com esta perspectiva, a escolha do método busca conhecimentos, teorias e conceitos vinculados à problemática estudada (FLICK, 2009). Estes, por sua vez, pretendem explicar, interpretar ou apresentar um conjugado de acontecimentos - ou fenômenos - através de sua investigação. Esta sistematização repercute em quem participa do estudo empírico e em quem lê os seus resultados, gerando assim, reflexões no pesquisador, no participante e no leitor, com cada um atribuindo sentidos a essa experiência (MINAYO, 2002; NEVES, 1996).

Nessa direção, entendemos que o pesquisador deve estudar e preparar estratégias, sendo aconselhável, a realização de uma observação *in loco* exploratória, negociações antecipadas, de modo claro e objetivo, com os sujeitos participantes da investigação (CHIZZOTTI, 2000; TURATO, 2005).

Os estudos na Psicologia podem promover uma reflexão a partir da expressão de sentimentos, por exemplo. Essa ação do pesquisador na relação com os participantes devem considerar os aspectos éticos implicados nela bem como refletir sobre as propostas da Bioética²¹ (CALVETTI; FIGHEIRA; MULLER, 2008; COZBY, 2009; FLICK, 2009; JORGE; LUDWIG; MÜLLER; REDIVO, 2007; MONTEIRO, 2007).

Nesse sentido, o método qualitativo de investigação e seus pressupostos subsidiaram a busca e compreensão do fenômeno da transexualidade. A opção metodológica privilegia a produção de histórias de vida com recorte inter e intrageracional, visto que vislumbra a possibilidade de evidenciar o fenômeno em seu movimento histórico (VIGOTSKI, 2004; ZANELLA et al, 2007).

Esse movimento da totalidade se faz representar em unidades que poderão ser analisadas pelo pesquisador, ou seja, compreender os movimentos históricos, sociais e culturais do sujeito, as condições que possibilitaram esse movimento e as suas experiências. Desse modo, em nosso estudo, as entrevistas narrativas e produção de histórias de vida, a

²¹ No Anexo 1 e 2 cópia da Carta de Aprovação do Comitê de Ética e do Parecer do Comitê de Ética.

partir de um recorte inter e intrageracional, podem propiciar a análise sócio-histórica da transexualidade.

Esta pesquisa busca com a produção da História de Vida identificar o significado e sentidos experienciados pelos participantes em seu processo de transexualização.

O recorte intergeracional busca a identificação das permanências e mudanças no ciclo da vida de cada geração, bem como as diferenças e semelhanças entre elas (OLIVEIRA; RODRIGUES; LEVI, 2010). A intergeracionalidade pode ser vista como um percurso de transmissão de ideologias, normas, lendas e tradições de uma comunidade, que passa de uma geração a outra. Podem ser transmitidos no grupo familiar como também, com outros membros mais antigos do grupo ao qual pertencemos para a geração atual. O recorte intrageracional permite identificar as nuances de gênero de uma mesma geração.

Desse modo, a identidade grupal e subjetividade de cada membro vão sendo construídas (LISBOA; FÉRES- CARNEIRO; JABLONSKI, 2007). Essa transmissão cultural pode ser inconsciente ou consciente. Enquanto estes autores destacam a herança intergeracional, Brandão, Smith, Sperb e Parente (2010) e Delgado (2010) destacam que a intergeracionalidade é uma relação entre gerações e não somente o legado de uma para outra. Este legado pode ser transmitido por meio das narrativas e da história oral.

Neste processo, as relações intersubjetivas são o alicerce para a edificação de suas identidades coletivas e individuais. Soma-se a isso, o fato de que há a contribuição para a edificação da história local da sua comunidade e, ainda, a composição da sua própria história (OLIVEIRA, 2007).

Esses processos da identidade coletiva e individual são conaturais aos sujeitos, pois são herdados através da história. Entretanto, só através da experiência e do vivido que se são edificados e constituídos (DELGADO, 2010). Percebemos, então, que a intergeracionalidade envolve três aspectos em seu processo: a memória, a dinâmica das relações intersubjetivas e a história. Seja na narrativa ou no ouvir, a produção da cultura de uma comunidade é organizada.

Desse modo, as histórias de vida representantes de cada geração podem evidenciar aspectos do fenômeno em estudo. Para tanto, a opção pelas narrativas produtoras de histórias de vida (CIAMPA, 2005) como forma de possibilitar ao entrevistado um contato com a sua

realidade e memória, diferente das técnicas narrativas de biografia e de depoimento (FLICK, 2009; HUMEREZ, 1998), ou seja:

O indivíduo, como ser social, ao narrar sua história estará interpretando o meio que o cerca e seu lugar no mundo. Apresentará comportamentos, valores, ideologias, atribuirá significados aos fatos, às situações, aos acontecimentos, às próprias ações, às de seu grupo e de sua comunidade. Como esses aspectos são vivenciados, transformam-se em memória, imaginação, projeto vital, enfim em sua identidade, representativa de seu grupo social (HUMEREZ, 1998, p. 35)

O sujeito no momento em que narra e tem contato com a sua história, vai reconstruindo e reinterpretando a sua experiência vivida (OLIVEIRA; RODRIGUES; LEVI, 2010). A partir da memória, essa construção vai sendo iniciada, e novos significados e sentidos podem ser produzidos e reproduzidos. Podemos considerar como um recurso que apresenta diversos olhares sobre uma realidade histórica e social de um determinado fenômeno (CIAMPA, 2005). A sequência da vida dos entrevistados é fundamental para a compreensão do funcionamento interior do seu grupo, pois cada indivíduo representa uma unicidade, que por sua vez, é uma peça formadora dessa coletividade. Permitem acesso aos dados de extrema riqueza, captando nuances, características e experiências referentes ao grupo do qual o sujeito faz parte (CIAMPA, 2005). Cada mente humana é um microcosmo da sociedade, sendo assim, os aspectos individuais de alguém podem ser resgatados da sua cultura e de sua história de vida, expressando e evidenciando a realidade sócio-histórica do seu grupo social (VIGOTSKI, 2004).

O pesquisador ao gravar a narração da história do participante privilegiado, estará registrando o percurso histórico e social daquele grupo o qual se interessou em investigar. Ao escrever sobre a sua pesquisa, publicar para o conhecimento do meio acadêmico e retornar aos pesquisados, estará contribuindo para a não mortalidade da sua investigação e, concomitantemente, da memória do público, ou local, estudado (DELGADO, 2010). Significa resgatar as reminiscências que constituem a sua cultura e resignificá-las, se autorreconhecendo como parte da sua história e de sua comunidade (OZÓRIO, 2007).

Nas entrevistas narrativas que são importantes para a produção de histórias de vida, o sujeito irá relatar, através de uma pergunta geradora de narrativa (FLICK, 2009), toda a sua história, desde o seu nascimento até o momento da entrevista. Narrar algo na presença de outro – entrevistador – torna-se um compartilhamento de conhecimentos entre narrador e receptor (OZÓRIO, 2007). O entrevistado tem contato com a sua história a cada encontro, dando novos sentidos e significados aos acontecimentos pertencentes à mesma, e o

entrevistador tem acesso a conteúdos pertencentes à historicidade de um determinado grupo social.

A entrevista narrativa *on-line* configura-se como uma ramificação da entrevista presencial (FLICK, 2009). É utilizada em casos em que o entrevistador e sujeito morem longe e não tenham como se encontrar ou quando o entrevistado não se sente à vontade em uma entrevista presencial. Os pontos positivos referem-se ao não deslocamento de ambos e a fluidez da conversa, visto que algumas pessoas sentem-se melhor utilizando ferramentas como *msn, skype, facebook* etc.

Torna-se relevante lembrarmos que nem toda história, de uma determinada comunidade, é oral (DELGADO, 2010). A história se dá por meio de acontecimentos, sejam orais ou não, pois está relacionada à dinamicidade desses eventos. O homem através da relação dialética com a natureza e com o outro, produz o seu percurso sócio-histórico, podendo ser na forma de conservação ou de transformação dessas produções.

Alguns cuidados devem nortear o pesquisador nas entrevistas narrativas, e, por conseguinte, na produção de histórias de vida. O primeiro problema estaria relacionado às imposições do pesquisador durante a narração, através dos valores próprios do investigador, sejam de natureza teórica ou ideológica (DEBERT, 2004). A nosso ver, o pesquisador deixaria de observar o fenômeno como ele é, para analisá-lo a partir da sua visão, no intuito de adequá-lo a aquilo que acredita. O olhar na pesquisa termina sendo direcionado às crenças teóricas, metodológicas ou ideológicas do investigador, atendendo às suas necessidades, contrariando o princípio maior de uma investigação: o bem comum.

Outro problema estaria relacionado à forma como o entrevistador pode proporcionar subsídios ao entrevistado de levá-lo *a ver outras dimensões e a pensar de maneira mais criativa a problemática que, através deles, nos propomos a analisar* (DEBERT, 2004, p. 142). Nesse caso, envolveria a forma como o investigador conduz a entrevista, se de forma mecânica ou de uma forma que instigue o narrador a falar e expressar as suas experiências.

O terceiro problema refere-se à fuga do assunto por parte do entrevistado. Por ser a história de vida, um instrumento narrativo que consente uma maior “liberdade” ao narrador, torna-se imprescindível, uma maior atenção do profissional que conduz a entrevista. Devendo

o entrevistador, de forma sutil, retornar ao ponto em que o sujeito parou, sem prejudicar os objetivos e a sua narração (FLICK, 2009).

Compete lembrarmos que as entrevistas narrativas e a produção da história de vida não acontecem em um único encontro, pois é necessário que sejam marcados outros encontros com o entrevistado, com o intuito de verificar pontos ou fragmentos não detalhados na entrevista anterior, além de possibilitar que o participante por meio de cada narração possa expressar sentimentos e rememore episódios importantes da sua vida (FLICK, 2009).

Os recursos provenientes da memória auxiliam na construção, na atribuição de significados e de sentidos dessa elaboração mnemônica. Este lembrar e verbalizar único sobre uma dada realidade histórica e social do fenômeno de interesse do pesquisador expressa, como citado anteriormente, o funcionamento coletivo no interior do grupo social estudado (OLIVEIRA; RODRIGUES; LEVI, 2010; VIGOTSKI, 2004).

3.4 O percurso de pesquisa

Inicialmente, realizamos um estudo da literatura brasileira acerca da transexualidade nos sites de revistas acadêmico-científicas brasileiras dos últimos dez anos, na área de conhecimento das Ciências Humanas, entre os meses de abril a julho de 2011. O período de abrangência foi de 1990 a 2011 com os descritores: “transexualização”, “transexualidade” associados à “diversidade sexual”, “gênero”, “corpo” e “identidade”. A escolha para leitura e estudo se deu pela presença no título, resumo e palavras-chave “transexualidade”, “processo transexualizador”. O resultado deste estudo subsidiou a compreensão histórica de produção de conceito e já apresentada anteriormente, no Capítulo 2.

Durante o período de fase exploratória da pesquisa, realizou-se busca *on-line* em sites de relacionamento social como *orkut*, *facebook* e *badoo*, bate-papos – ou *chat* – da *uol*, *ig* e *bol* – universo on line, internet grátis e Brasil on line, respectivamente - ou de grupos organizados, servindo como uma fonte de informação complementar ao estudo, já que a internet pode ser considerada uma relevante ferramenta de investigação (FLICK, 2009).

A investigação na internet consistiu uma tentativa de contato com os sujeitos, visto que muitos transexuais, travestis e *cross-dresser* utilizam esse tipo de ferramenta virtual. Entretanto, não conseguimos resultados satisfatórios, pois nos sites de relacionamentos e bate-papos, muitos transexuais negaram-se a manter contato conosco, alegando ser o universo virtual repleto de mentiras e chacotas, ainda que, informados acerca da pesquisa. Apenas dois entrevistados foram encontrados via internet.

As buscas por transexuais masculinos foi mais complicada. Contrariamente, das 04 transexuais femininas que foram contactadas, apenas 01 negou-se a participar. Percebemos ainda que estão em maior evidência em movimentos organizados e redes sociais. No caso dos transexuais masculinos, foram convidados 08 sujeitos de diferentes idades e locais, sendo que apenas 03 aceitaram participar da pesquisa. Aqueles que não se interessaram em fazer parte do estudo alegaram os seguintes motivos: preferir o anonimato e não querer contato com a Psicologia.

O instrumento principal utilizado foram entrevistas narrativas, através da pergunta geradora de narração (FLICK, 2009), que focaliza a relação dos participantes com sua autoidentidade transexual:

- Gostaria que você me contasse a história da sua vida. O interessante seria você começar pelo seu nascimento, infância, até o dia de hoje, e então, passar a contar todas as coisas que aconteceram, uma após a outra, envolvendo a descoberta do seu corpo, da sua sexualidade, o início do uso de roupas pertencentes ao gênero o qual você se identificava, a sua modificação corporal. Você pode levar o tempo que for preciso para isso, podendo dar detalhes, pois tudo o que for dito é importante para a pesquisa e me interessa.

Este procedimento permite, ao final da narração, questões esclarecedoras da narrativa que poderão ser realizadas pelo entrevistador (HUMEREZ, 1998).

Após o convite e obtenção do aceite por meio da assinatura do TCLE (Apêndice V), agendamos as entrevistas, respeitando a disponibilidade dos participantes. Estas foram gravadas em áudio do tipo MP4, e transcritas para posterior análise (Apêndice I). Exceto duas entrevistas que não foram gravadas, uma a pedido da entrevistada e a outra por ter sido *on-line*. As entrevistas foram realizadas individualmente. Vale salientar que o número de encontros foi definido até que o participante inicie a repetição de informações.

O período da coleta dos dados, por meio das entrevistas narrativas, foi de setembro de 2011 a julho de 2012. O resultado da composição das Histórias de Vida encontra-se no

Capítulo 4. O eixo narrativo busca apresentá-las desde a infância até o momento da entrevista (Apêndice II).

Em seguida, efetuamos a análise de conteúdo (Apêndice III) comparativa entre os grupos intergeracionais e intrageracionais, buscando identificar os sentidos experienciados pelos/as sujeitos representativos. Esse procedimento resultou na identificação das seguintes categorias temáticas: brincadeiras de criança, autoidentificação, aparência de menina/menino, transformações corporais, mudança no prenome, definição de papéis do outro na relação, família e participação política.

Em nossa pesquisa, a classificação intergeracional - na escolha dos sujeitos - se deu através da idade cronológica, com a suposição de que quanto mais velho, maior será o tempo de experiência de sua transexualização. O recorte intrageracional permitiu identificar as nuances de gênero de uma mesma geração. Investigamos quais as permanências e rupturas do processo de transexualização entre transexuais masculinos e transexuais femininas. Não poderíamos realizar, também, uma análise intrageracional através da idade cronológica, pois há inconsistência entre os representantes de cada geração.

Por fim, vale salientar que, utilizamos de diário de campo (Apêndice IV), a fim de contextualizar a pesquisa, cotejar informações e registrar reflexões do pesquisador durante o processo da investigação.

3.4.1 Participantes

Participaram desta investigação 06 Transexuais, sendo 03 masculinos e 03 e femininos, com idade entre dezoito (18) a sessenta e um (61) anos, sendo dois representantes de cada grupo geracional. Critério de inclusão na amostra é a autoidentificação enquanto transexual, transformação do corpo e utilização de vestimentas conforme esta autoidentificação, independente da realização da cirurgia de transgenitalização.

Os sujeitos privilegiados, seus nomes fictícios utilizados para suas histórias de vida e os procedimentos na busca de informações com cada um deles:

- Gisele – Transexual feminina, modelo fotográfica, residente em uma capital do Nordeste, 18 anos. Escolheu esse nome para sua história de vida por se identificar com a modelo Gisele Bündchen. Entrevista narrativa presencial e gravada. Foram dois encontros com a entrevistada.
- Joana – Transexual feminina, universitária, residente em uma capital do Nordeste, 30 anos. Não informou o motivo da escolha do pseudônimo para sua história. Entrevista narrativa presencial e gravada. Foram dois encontros com a entrevistada.
- Bridget – Transexual feminina, microempresária, residente em um interior do Sudeste, 48 anos. Escolheu esse nome fictício por ser fã da atriz Bridget Bardot. Entrevista narrativa presencial, mas não gravada por pedido da entrevistada. Foram anotadas as falas de sua narração e algumas delas foram sugeridas por Bridget por ocasião da leitura posterior de sua história de vida. Foi um encontro presencial para a entrevista e mais 03 por *e-mail*.
- Arthur – Transexual masculino, militante, residente em uma capital do Nordeste, 22 anos. Escolheu esse nome fictício porque era o mesmo de um personagem que criou na infância. Entrevista narrativa presencial e gravada. Foram dois encontros com o entrevistado.
- Zé – Transexual masculino, funcionário público, residente no interior do Nordeste, 48 anos. O pseudônimo escolhido é uma alusão à invisibilidade dos transexuais masculinos. Entrevista narrativa *on-line* via *msn*. Foram 04 encontros com o entrevistado.
- Sansão – Transexual masculino, funcionário público, residente em uma capital do Nordeste, 61 anos. O nome escolhido para sua história de vida é uma alusão ao personagem bíblico. Entrevista narrativa presencial e gravada. Foram três encontros com o entrevistado.

As entrevistas narrativas foram transcritas (Apêndice I) e subsidiaram a composição das histórias de vida (Apêndice II). Estas foram apresentadas aos participantes que poderiam modificá-las. Assim conhecemos seis pessoas e as apresentamos como personagens no capítulo 4.

Após essa apresentação, as histórias de vida foram submetidas à análise de conteúdo, sempre cotejadas com as transcrições das entrevistas narrativas e com as anotações de diário de campo do pesquisador (BARDIN, 2009; FLICK, 2009; MINAYO, 2002). Esta análise buscou o estudo das frases, palavras e características mais recorrentes, dentro do texto narrado, porque evidenciam elementos importantes da história do sujeito e de seu grupo

social, devendo ser categorizados (CAREGNATO; MUTTI, 2006; CHIZZOTTI, 2000; FLICK, 2009).

O uso de categorias fundamentou-se em modelos teóricos e que foi utilizado antes da pesquisa *in loco* e durante análise dos dados empíricos. Entretanto, podem ser modificadas, ou não, a depender do que foi obtido na investigação prática (FLICK, 2009). Seguimos esta proposta em que utilizamos três técnicas: síntese de análise de conteúdo, análise explicativa de conteúdo e estruturadora de conteúdo. A primeira consiste em extinguir trechos menos relevantes ou com significados idênticos e reduzir paráfrases análogas. A segunda técnica incide em esclarecer fragmentos prolixos, dúbios e conflitantes. A última está relacionada à tipificação e escalonamento dos dados (FLICK, 2009).

Desse modo, pudemos acompanhar o fenômeno em processo e compreender a construção da transexualidade, sua historicidade e suas nuances, envolvendo identidade e sofrimento psíquico. Pudemos ainda, conhecer as Histórias de Vida dos (as) transexuais privilegiados (as), as quais recontamos a seguir.

4 HISTÓRIAS DE VIDA

Nesse capítulo, apresentaremos as histórias de vida de Gisele, Joana e Bridget (representantes das transexuais femininas das gerações mais nova, do meio e mais velha) e de Arthur, Zé e Sansão (representantes dos transexuais masculinos das gerações mais nova, do meio e mais velha).

4.1 Gisele

“O meu pai, mãe, avó, sempre chamam de Gisele. Minhas amigas também me chamam de Gisele. Eu também não me tiro como homem, não tenho mentalidade masculina, malícia masculina, é... é isso, **eu nasci para ser mulher, mas com um erro.**”

Gisele é a representante da geração mais nova, tem dezoito anos, nasceu em uma cidade do Sudeste e é modelo fotográfico e de passarela. Mora com os familiares em uma cidade do Nordeste. Está noiva de um rapaz e diz ser vista e aceita como mulher pela família e pela comunidade aonde vive.

Relembra que na infância era tratada como menina, pelos familiares e colegas da mesma idade. Preferia ter contatos com brincadeiras e brinquedos considerados específicos para meninas. Expõe que sempre se viu como uma menina. *“A diferença entre eu e uma menina, é porque ela tem uma vagina e eu não tenho.”*

“Sempre ganhei boneca, brinquedo de menina... meu pai ainda trouxe, uma vez, um carrinho... eu quebrei e disse que queria boneca e não brinquedo de menino. Sempre brinquei de boneca e ganhava boneca.”

Relata que usava roupas masculinas, mas seus cabelos eram longos e tinha comportamento feminino, sendo considerada como uma garota pelas pessoas. Recorda que era obrigada a se vestir como menino durante a infância porque ainda não apresentava seios, mas que sempre as pessoas a consideravam menina. *“Sempre diziam: ei, parece uma menina, de cabelão e tudo.”*

Aos doze anos veio com familiares morar no Nordeste. Durante essa época, começou a adaptar as roupas masculinas, deixando-as mais femininas. *“Eu dava nó na blusa pra ficar curtinha, que nem mulher.”* Diz não ter sofrido em sua nova cidade.

“Eu achava que aqui por ser Nordeste, o povo não fosse informado como no Sudeste e fosse sofrer um preconceito maior, só que não sofri. Eu notei que tem menos preconceito que lá, lá no Sudeste tem muita homofobia, mas eu nunca sofri. Eu sou mais acolhida aqui, a sociedade daqui... sabe quando você tá na barriga da mãe? Pronto, foi assim que me senti aqui, acolhida.”

Relata que, na adolescência, seu pai não aceitava o fato de Gisele vestir-se e identificar-se como uma mulher. Segundo Gisele, seu pai achava que a mesma tinha “problemas mentais” e aos catorze anos foi levada a um psiquiatra.

“Bem, ele pensava que eu era doída, mas o psiquiatra disse que eu não tinha problema mental nenhum, que eu apenas pensava como menina, tinha cabeça feminina. Depois que o psiquiatra falou isso para ele, ele caiu em si e começou a me ver como menina totalmente.”

Narra que não teve problemas, na adolescência, relacionados a preconceito ou estranhamento das pessoas na escola e no bairro aonde reside. Recorda que ao sair com amigas travestis, foi abordada por um grupo de rapazes que queriam agredir suas colegas. Alega que um dos rapazes solicitou aos amigos que não *“batessem na morena”*, que era Gisele. *“Ai eu perguntei por que eles não iam bater em mim e ele disse que não era para mexer. E as meninas também são bonitas, mas sabe... foi Deus que me protegeu, até hoje ele me protege.”*

Recorda que nunca usou hormônios ou outro tipo de medicamento para ficar feminina, que seu corpo é feminino desde a puberdade.

“Na adolescência teve, claro, o problema da puberdade, como chamam... a minha cintura é de mulher, nunca fiz cirurgia para deixá-la assim, corpo todo natural, todo de mulher, nunca usei hormônio, essas coisas... Adolescência inteira como mulher. Não nasce barba em mim. Às vezes aparece um cabelinho, mas eu tiro com pinça, nada demais. Nada de barba cheia.”

Na adolescência é chamada pelos familiares e amigos pelo prenome feminino. Na escola, solicita que seu nome na lista de chamada seja com o nome social feminino. Gisele conta que sua avó, às vezes, a chama pelo prenome masculino, sendo corrigida por sua mãe. *“Minha avó não aceita pela descendência europeia e tradicional, diz que na cidade dela homem tem que ser macho, mas na rua ela me chama de Gisele.”*

Seis meses antes de completar quinze anos, Gisele vai morar com a avó no exterior, mas não se acostuma com o tempo e clima do local, preferindo voltar ao Brasil. Aos quinze anos retorna a sua cidade natal, se envolve com um rapaz e passam a morar juntos. Recorda

que nessa época, começa a pesquisar sobre transexualidade e travestilidade, alegando que queria entender esse universo.

“Eu gosto muito de ler, adoro ler, na minha casa tem muito livro, gosto muito de ler sobre transexual e travesti, não descarto falar sobre isso. Eu comecei a pesquisar mesmo, quando comecei a ter um raciocínio, com meus 15 anos que comecei a procurar, porque antes você pensa como criança, não liga para saber sobre isso.”

Gisele conta que aos dezesseis anos inicia sua carreira de modelo, posando seminua para o calendário de uma loja de artigos femininos. Nessa mesma época, participa de concursos de beleza femininos. *Já participei antes do Miss local, Miss Brasil. Só nunca participei de Miss Gay, sempre participei de concurso “homem e mulher.”* Devido às participações nos concursos de Miss e às viagens de um Estado para o outro, perdeu dois anos letivos no colégio, precisando recuperar em seguida e terminar o ensino médio.

Relembra que aos dezessete anos retorna ao Nordeste, iniciando seu curso técnico de Moda. Por problemas relacionados à falta de tempo, devido aos concursos de beleza e ao trabalho de modelo, resolve trancar o curso com poucos meses para seu término. Nessa mesma época, conhece um rapaz que se torna seu noivo. *“Com meu noivo não sou ativa, sempre como mulher, a genitália eu não uso.”*

Aos dezoito anos, Gisele pensa em realizar a cirurgia de transgenitalização, mas fora da cidade e por meio de serviço particular, pois não acredita que o Estado tenha profissionais capacitados para esse procedimento cirúrgico. Afirma, ainda, que uma conhecida realizou a transgenitalização no exterior, em clínica particular, e obteve resultados satisfatórios.

“Não quero fazer pelo SUS, quero fazer particular, menos aqui, não tenho muita confiança do pessoal daqui, não daria meu corpo, não iria me expor aos profissionais daqui. Tive um acidente e fui mal atendida pelos profissionais daqui, em um hospital. Se por uma besteira, o atendimento foi ruim, imagine algo mais complicado como uma cirurgia.”

Gisele afirma, ainda, que nunca se sentiu pertencente ao movimento transexual. Não participa de movimentos sociais LGBT, pois não se sente vinculada aos mesmos. Relata que sempre foi mulher. *“A única coisa que eu não digo “eu sou realmente uma mulher” é a genitália, mas nunca tive dúvida.”* Gisele considera que há diferenças entre ela e os transexuais e travestis.

“Nem aos transgêneros me vinculo ou me identifico. Não passei por um processo. Olha só, quando você é homossexual e quer passar para trans... hum... deixa eu ver, eu tenho um amigo que é homossexual e começou a passar a ser travesti, mas ele

tem um pensamento masculino, ele tem a mentalidade masculina, jeito de falar. Se você reparar, eu sou feminina, tenho mentalidade de mulher, eu choro muito, tem vezes que começo a chorar do nada, que nem mulher, porque mulher é emotiva. Porque homem não chora, porque homem tem aquele negócio de pegar no saco e coçar, falar gíria.”

“Transexual é aquele homem que quer tirar o órgão e virar mulher. Travesti é aquele que quer parecer com uma mulher, mas continua homem, quer ter o sexo, quer usar, já a transexual quer tirar o sexo. Como fui criada desde pequena como menina, descarto a possibilidade de ser travesti e transexual. Travesti é o homem que se traveste, que quer parecer com mulher... eu não, eu já nasci mulher, com corpo de mulher, semelhança de mulher.”

Gisele afirma que uma transexual só pode ser considerada mulher, se não apresentar feições masculinas. Considera vulgar homens que colocam roupas femininas e apresentam corpo masculino. Conta que aconselha o vizinho a não se travestir, pois *“ele pode ser gay, mas não pode ser mulher, que ficasse isso para ele.”* Afirma que tal atitude faz com que as pessoas tirem “chacotas” e partam para a agressão.

“Você já viu mulher com barba e voz grossa? Para mim, mulher... se tá pensando em ser mulher, que tome hormônio logo no começo, antes da puberdade. Não acho bonito, uma pessoa que se parece com homem e coloca um vestido, como tem um aqui nessa rua, lá no final. Ele coloca um vestido, mas com marca de barba, altão, bonito até, mas é motivo de chacota. Daqui a pouco, ela passa por aqui, com as putarias dela, de sainha, porque ela tem... melhor, ele tem 27 anos, eu falo ele, porque pra mim, ele não é ela...é ele. Pode tá de saia o que for, de barba na cara, é homem.”

Gisele almeja terminar seus estudos no curso técnico de Moda, juntar dinheiro para sua cirurgia de transgenitalização e se casar com seu noivo. *“Quando terminar meus estudos, vou fazer a faculdade de moda, quero unir minha profissão de modelo aos estudos.”*

4.2 Joana

“Eu queria me vestir de mulher, me maquiar, aí nisso eu fui fazendo aos poucos, para não chocar minha família e meus amigos.”

Joana é a representante da geração do meio, tem 30 anos, é universitária, militante de movimentos LGBT. Mora com familiares - em uma cidade do Nordeste - que são evangélicos e sente-se excluída. *“Porque você sabe, a família no lugar de ajudar é a primeira que tem preconceito, que acaba com a vida e detona a vida do homossexual e transexual.”*

Quando criança lembra que era diferente dos outros meninos e não gostava de brincadeiras masculinas. Alega que sempre preferiu andar com grupos mistos, de meninas e meninos.

“Eu brincava mais... na verdade, eu não brincava com meninas. Até hoje eu não gosto muito de andar com meninas, não sei porque, pois a maioria gosta, vê logo que é gay, aquele rapaz no meio de um monte de menina. Eu não, não gostava. Eu gostava de andar com menina e menino, tudo junto. Mas na hora das brincadeiras, era assim... homem só gosta de brincar de bola, né? Mas eu não queria, não vejo graça, em ficar olhando e correndo atrás de uma bola. Aí inventava que o pé tava doente, eu ficava olhando os meninos jogando bola. Aí eu ia brincar com as meninas de boneca, tava nem aí, até porque as meninas são mais compreensivas, né? Eu brincava de boneca, de casinha, escondido, quando ia na casa delas. Era assim a minha brincadeira.”

Joana, nos passeios com amigos, ia à praia olhar os garotos jogar futebol. Caso quisesse olhar para algum rapaz bonito, certificava-se que ninguém a estava observando, pois tinha medo que a descobrissem.

“Quando eles falavam de meninas, eu ficava voando, tapeava: “- ah... é bonitinha essa menina”, mas parava por aí, não tentava me aprofundar no assunto. Aí quando aparecia um cara bonitinho... e isso quando eu era criança, que sempre rola isso, né? Eu tinha que primeiro olhar para todo mundo, para poder olhar para aquele cara, para ver se alguém tava olhando, para não descobrirem, pois eu tinha medo que descobrissem.”

Recorda que, durante a infância até a adolescência, escondia a sua orientação sexual e afetiva por rapazes. *“Foi desde a infância até a adolescência assim, escondendo, escondendo. Só que aos poucos eu fui vendo que tinha pessoas que eram iguais a mim.”* Sua rotina diária incluía o mesmo trajeto. *“Então eu era um pouco reprimida, não tinha contato, era da igreja pra casa, da casa pra escola.”*

Aos 17 anos desconfiava que um amigo fosse homossexual, resolvendo, então, conversar com o mesmo e confirmar as suas suspeitas. Encontrou-se com o colega e perguntou sobre a sua homossexualidade. O amigo confirmou que era homossexual e isso fez com que Joana se assumisse como gay. *“Eu olhava para ele e tinha um pressentimento que ele era igual a mim, que era gay... nessa época, eu pensava que eu era gay.”*

Na adolescência andava com muitos rapazes gays, mas se sentia diferente deles. *“Eu era transexual, porque eu saía com gay e tudo, usava o cabelo curtinho, que nem menino e tal, só que era diferente, porque eu tinha vontade de me vestir de mulher.”* Ao final dos 17 anos resolveu assumir para si mesma que era transexual.

“Eu só não sabia definir, o que era. Eu comecei a me definir que não era gay, que não deveria me vestir como homem e nem gostava de viver como homem, na adolescência... que eu queria me vestir que nem mulher e ser mulher.”

Relembra que estava começando a sofrer perseguições e ser hostilizada por membros da sua família. Joana alega que tal fator fez com que iniciasse o processo de transexualização de forma gradativa, para “*não chocar*”. Alternava entre roupas masculinas e femininas no cotidiano. “*Ai eu fui vestindo uma blusinha feminina, com calça masculina ou uma blusinha masculina com uma calça feminina.*” Em seguida, aos 18 / 19 anos, aderiu ao uso de sapatos femininos e permitiu o crescimento dos cabelos, além da utilização de hormônios. Conta que constantemente era alvo de preconceito. Com o passar do tempo, devido a orientações de colegas, resolveu iniciar a transformação corporal e visual.

“Eu achava que deviam me aceitar na marra, se alguém me chamasse de viado... aff, ninguém ousasse me chamar de viado, que eu partia pra briga... mesmo super maquiada, louca, deslumbrada, eu queria respeito. A violência diminuiu, hoje em dia, eu entro em bar, show, passo despercebida, ninguém me reconhece como transexual, travesti... só se eu falar, aí o povo reconhece pela voz.”

“Aí eu fui amadurecendo, conhecendo pessoas que me orientassem, reví meu comportamento, que não era pra tá andando vulgar, aí já comecei a ver meu modo de vestir, aos poucos para não chocar o povo, fui tendo um pouco de noção, me dei ao respeito para ter o respeito.”

“Eu acho necessário esse processo de transformação, uso de hormônios, para que ela, a transexual, tenha uma certeza, se autoafirmar. Ela tem que modificar o corpo, ela não pode... pronto, já que tocamos nesse assunto... eu acho ridículo esses caras que se dizem travesti e transexual e tem um corpo totalmente masculino, barba, não tem nem a decência de tirar a barba. Coloca vestido, se maquia... fica com marca de barba, músculos, isso é ridículo. Servem de mangação pra o povo. O processo de hormonização para que seu corpo fique feminino e não sirva de mangação para os outros. O processo de transformação é importante para você e para as pessoas que vão te ver. Agora o que acontece, isso na maioria dos casos, os travestis e transexuais não tem dinheiro para a transformação e fazem por conta própria.”

Joana conta que devido ao processo de transformação foi instigada a se retirar de sua residência, pelos familiares residentes, além de sofrer violência física.

“[...] queria que eu fosse embora, que eu fosse expulsa. Mas eu fui resistindo. [...] Eu me defendia, ia para a agressão... se eu não fizesse isso, baixasse a cabeça, eu ia acabar como muitas transexuais e... ou seja, GLBT, porque engloba tudo, na rua. Se eu não me defendesse eu ia tá morta, porque eu não ia fazer programa, eu não me prostituo, eu posso morrer de fome, mas não me prostituo.”

Segundo Joana, as transexuais e travestis encontram grandes dificuldades de adentrar no mercado de trabalho, pois há preconceito por parte da sociedade.

“Na questão do emprego, você vê muitos gays em lojas trabalhando, mas você não vê uma travesti, uma transexual, porque as pessoas acham que chocam. Apesar de

ser pouca hipocrisia, porque choca na hora, porque vá na orla, nos bares de beira de esquina, uma transexual coloca um vestido e fica com vários caras. Choca na hora, no meio dito familiar, o shopping...”

Conta que prefere relacionar-se com homens heterossexuais, ao invés de homossexuais. Segundo Joana, caso um homem apresente trejeitos femininos, é descartado, pois não atende aos requisitos. Desconsidera pretendentes que não estejam seguros de sua sexualidade e não a vejam como mulher. *“A transexual tem a cabeça feminina, ela não vai ser ativa na relação, o parceiro vai ser o homem e ela a mulher.”*

Aos 26 anos resolveu submeter-se ao vestibular, sendo aprovada. Na universidade não sofreu nenhum tipo de discriminação, o que considera “sorte”. Entretanto, no início, notou um “estranhamento” por parte de professores e alunos, principalmente porque na caderneta de chamada seu nome estava no masculino.

“Eu pedi meses depois que me chamassem pelo nome feminino, porque toda vez que chamavam o nome de batismo na chamada, todo mundo me olhava e dizia que pensava que eu era mulher.”

“Tem gente que não se acostuma e esquece e chama pelo nome masculino. Eu acho assim, eu tenho uma aparência de mulher, me comporto como mulher, sou muito feminina, eu passo despercebida em shopping, loja, show, exceto quando eu falo... aí vem um cara me chamar pelo nome de batismo, é demais, né? Mas é normal, algumas pessoas se atrapalham, mas é normal. Mas você ser referida como homem é chato, me dá raiva e me magoa, o pessoal pensa que não, mas magoa, é desrespeitoso.”

Aos 30 anos, além de estudante universitária, Joana é militante dos direitos LGBT, participando de movimentos atinentes aos transexuais. Ainda não realizou a cirurgia de transgenitalização, mas está iniciando um processo de reabertura de um núcleo – com profissionais capacitados – que desempenha esse tipo de intervenção cirúrgica. Mesmo lutando pelo funcionamento desse espaço, Joana alega que existem algumas dificuldades relacionadas às limitações no serviço ofertado. *“Tria ter atendimento com psicólogo, psiquiatra... e ginecologista, nem sei pra que, né? Porque ginecologista é pra coisas femininas, médico pra mulher... devia ser era urologista.”*

Joana sonha ser independente e poder expressar a sua identidade, sem precisar responder às agressões e preconceitos em casa. *“-Meu Deus, eu vou aguentar, vou tolerar, vou estudar, vou fazer uma faculdade, não vou deixar que me humilhem”.*

4.3 Bridget

“Eu sou assim, bem vestida e mais caseira, com meu marido, porque quero, porque acredito que **uma mulher casada deve ser discreta e deve respeito a si mesma e ao marido.**”

Bridget é a representante da geração mais velha, tem 48 anos, nasceu em uma capital do Sudeste, atualmente reside em uma cidade do interior aonde é microempresária. É casada e seu marido a vê como mulher, assim como as pessoas da comunidade em que vive.

Quando criança, mais ou menos com 07 anos, lembra que gostava de assistir televisão, principalmente desenhos que tivessem personagens femininas e desde esta época, apesar de se considerar um menino, se percebia como diferente. Esse hábito era questionado por seu pai que a obrigava a brincar na rua com outros meninos. No entanto, se achava diferente dos outros meninos, por ser delicada e não gostar de jogar futebol e bolinhas de gude. Relata que os outros garotos estranhavam seu comportamento, mas que nunca a bateram, por a considerarem fraca. Preferia jogar amarelinha, mas em grupos mistos, pois *“não queria ser chamada de maricas por brincar apenas com meninas.”*

Aos 12 anos começa a frequentar cinemas da capital, assistindo a vários filmes de atrizes como Bridget Bardot e Marylin Monroe. Lembra que repetia poses e gestos dessas artistas em frente ao espelho, imaginando ser igual às mesmas. Esse comportamento era um misto de sentimento de culpa e satisfação por imitar essas atrizes.

Narra que na adolescência, olhava revistas de conteúdo erótico junto aos seus amigos, mas que sentia excitação em ver os amigos excitados e não com as figuras das mulheres nuas. Nessa época, começou a questionar que poderia ter *“algo ruim no corpo”*, procurando ajuda de um familiar que indica que procure um padre. Este solicita que rezasse demasiadamente. Bridget conta que cogitou em se tornar padre e todos os dias rezava, principalmente quando assistia ao seriado das “Panteras” e imaginava-se sendo a atriz Farrah Fawcett. Recorda que no período dos 14 aos 20 anos, sempre rezava a cada pensamento que remetesse a se imaginar como uma mulher. Afirma que era um garoto confuso, pois na época não tinha acesso a informações sobre transexualidade, travestilidade e homossexualidade.

Bridget conta que aos 20 anos foi forçada a ir a um bordel com seu pai, pois ainda era virgem e não tinha namorada. Relata que não gostou da experiência, pois não queria manter

relações sexuais com a prostituta, mas ser aquela mulher. “*Eu não gostava de mulher, eu queria ser uma... olha o dilema.*” Afirma que manteve relações com uma mulher por conta do pai que a esperava do lado de fora do quarto. Segundo Bridget, depois desse episódio, seu pai parou de “*ficar em cima*”, fazendo cobranças.

Aos 23 anos, conclui seu curso de nível superior, iniciado aos 19 anos. Relata que nessa época, foi a uma boate com uma prima e que se assusta com uma travesti que encontra no bar e resolve ir embora. Ao procurar a prima, a encontra beijando outra mulher. Esse fato a faz entender que a prima é lésbica e esta afirma que Bridget é gay. Nesse mesmo dia, Bridget encontra um rapaz e mantém relações sexuais. Considera que essa foi sua primeira perda de virgindade, porque não era algo forçado.

Dois anos depois, é aprovada em um concurso público e decide dividir apartamento com uma pessoa da família e assumir ser homossexual, sendo hostilizada pela maioria deles, exceto sua mãe. Nesse meio tempo, Bridget narra que resolveu travestir-se e sofreu preconceito por parte dos seus superiores no trabalho, mesmo trajando roupas sociais como *blazers* femininos, saias longas e coque nos cabelos. Este fato faz com que peça exoneração, aos 29 anos de idade e com 04 anos de exercício profissional.

Bridget conta que uma reportagem na televisão da cirurgia de uma transexual brasileira famosa faz com que decida viajar para o exterior para realizar a transgenitalização. No exterior teve que se prostituir, pois não conseguiria outro emprego por ser travesti. Relembra que a maioria dos clientes procurava travestis masculinizadas e ativas, o que não a satisfazia, pois não gostava de penetrar. Suas economias eram guardadas para investir em hormonização e próteses de silicone para ficar mais feminina.

Aos 30 anos, é pedida em casamento por um de seus clientes. Este questionou se Bridget era homossexual, travesti ou mulher. Bridget responde que se considerava mulher. Seu marido financiou os custos da cirurgia de transgenitalização, antecedido por dois anos de um processo transgenitalizador, seguido de tratamento com fonoaudiólogo para feminilizar a voz. Conta que ao se casar, tornou-se dona de casa. Entretanto, antes do casamento solicitou a mudança do prenome, entrando na justiça e conseguindo a causa.

Aos 34 anos, resolve retornar ao Brasil e entra em contato com os familiares, sendo bem recebida pela mãe e uma prima, enquanto que os demais a consideram uma

“*aberração.*” Aos 39 anos, Bridget resolve fazer a raspagem do pomo de adão, pois acredita que uma mulher não apresenta essa característica corporal. “*Resolvi fazer a raspagem do pomo de adão, por questões estéticas, sabe? Mulher de gogó não existe, né?*” Esse período pode comprar uma casa onde reside e trabalha. Seu marido também é empresário.

Bridget prefere ser conhecida como mulher e não como transexual. Para isso mantém contas em redes sociais verdadeiras e “*fakes*”. Nestas apresenta fotos de atrizes e nomes fictícios com contatos de outras transexuais. Entende que deve se proteger, pois será tratada de forma diferente e julgada.

“Lutei muito para ser feminina e ser mulher, não acho interessante que comecem a me tratar mal porque no passado fui uma pessoa de corpo masculino e cabeça de mulher... As pessoas julgam sem saber, pensam que trans é homem que cortou o pênis e não é... parece que ser homem tem que nascer com pênis e mulher com vagina, não entendem o interior. Por isso prefiro viver no anonimato e contar a poucas pessoas que sou transexual.”

Para ela o processo de autoidentificação foi como gay, depois como travesti e por último, como transexual.

“Sim...sou uma mulher transexual... não fico dizendo que nasci com corpo de mulher e acho que ser mulher ou homem é tornar-se, sabe? Eu tive o azar de nascer com corpo masculino, mas sempre tive alma feminina, o problema é que demorei pra notar que era trans, acho que o medo não permitia. Eu acho que primeiro me vi como gay, depois travesti e por último trans, mas até quando eu era gay e me travestia, eu via que queria era mesmo ser mulher, entende?”

Narra que nunca participou de movimentos LGBT, pois acredita que não há militância, mas desentendimentos entre seus membros. Segundo Bridget, há discriminação entre homossexuais, travestis e transexuais. Afirma que não tem preconceito contra homossexuais e travestis, pois cada um tem suas características e modos de pensar. “*Eu não critico homens afeminados que rebola, usam vestidos e falam fino mesmo com barba, porque tenho que levar críticas por modelar meu corpo de acordo com o que acredito que sou?*” Afirma que apenas não tolera comportamentos vulgares como uso de palavrões ou exposição sexual. Considera-se uma mulher empresária, casada, discreta, que deve cuidar do marido e da sua casa.

4.4 Arthur

“Quando eu era criança, fiz uma historinha, e coloquei o nome do personagem do menino de Arthur. Era um livrinho de cartolina que você abria as páginas e as figuras ficavam em pé. Ai eu fiz a história do Arthur, que **crescia, casava, tinha filhos e era médico... e vivia feliz.**”

Arthur é transexual masculino, representante da geração mais nova, tem 22 anos e reside em uma cidade do Nordeste. Militante LGBT, luta pela visibilidade dos transexuais masculinos.

Conta que na infância se sentia diferente das outras meninas, mas não sabia explicar o motivo. Nessa época não se considerava menino ou transexual. Recorda que se considerava uma menina, pelo fato de ser criado como uma garota por seus pais. *“Eu sabia que era menina, porque fui criado como menina, com nome de menina, então achava que era menina.”* Lembra que as outras crianças questionavam se era *“menino ou menina”*, devido ao seu jeito masculino. Preferia participar de brincadeiras relacionadas ao universo masculino.

Relembra que até os onze anos de idade evitava se expressar, com medo das pessoas acharem que era masculinizado. Ao completar onze anos, resolve cortar os cabelos, deixando-os bem curtos. Alega que não foi uma atitude consciente, pois a intenção não era ficar igual a um menino, mas era algo que queria fazer. *“Eu não sabia que ia parecer um menino, mas eu queria cortar o cabelo daquele jeito, não sei por que, vai ver era algo inconsciente.”* A família não aprovou a mudança de visual de Arthur, afirmando que o mesmo parecia um homem com o novo corte de cabelo. A partir desse episódio, Arthur passou a tentar se *“encaixar no universo feminino.”*

Conta que não se sentia confortável em desempenhar um papel ao qual não se identificava, passando a apresentar um quadro de depressão. Recorda que se autoidentificava como uma mulher heterossexual, devido à *“cultura heteronormativa”* a qual fazia parte. Narra que aos 16 anos, resolveu parar de tentar ser feminino. Relembra que na escola, não sofreu preconceito por parte dos colegas, pois era um grupo em que havia diversidade de seus membros.

“E eu já vivia em um ambiente LGBT, pouco heteronormativo, porque meus amigos a maioria era mais tranquilo, a gente estudava em um colégio que havia diversidade, no grupo tinha negros, pessoas de baixa renda, classe média, heteros, gays, lésbicas, era como se fosse uma família, não sofri preconceito durante esses 10 anos de escola e mesmo depois de terminar, tendo contato com esses colegas, não sofri preconceito por parte deles.”

Ao completar 18 anos, descobre que sente atração por garotas e se autoidentifica como lésbica. Segundo Arthur, o fato de se assumir lésbica, fez com que tivesse maior liberdade em apresentar trejeitos masculinos. Afirma que não teve problemas com a família, pois sempre criou autonomia perante a mesma. Relembra que convidava a namorada para sua residência e a beijava na frente dos pais. Entretanto, alega que a autoidentificação como lésbica durou um ano.

Segundo Arthur, ao assistir um seriado televisivo, se identificou com um personagem transexual masculino. Desde então, iniciou o seu processo transexualizador, passando a vestir roupas masculinas, usar “colete compressor” para esconder os seios, tomar hormônios e procurar serviços de saúde que ofertassem intervenções cirúrgicas para “transformações corporais”. Recorda que deixou de tomar antidepressivos e a sentir-se melhor consigo mesmo. “Parei de tomar antidepressivos, comecei a me equilibrar mais, me encontrar dentro de mim mesmo.” Devido à sua transexualização, não obteve apoio dos familiares, sendo ofendido pelos mesmos, culminando em sua saída definitiva da casa dos pais.

Narra que ao longo do processo, sentiu dúvidas em relação a sua identidade transexual e passou a pesquisar em sites sobre a temática, redes sociais e blogs acerca da existência de outros transexuais masculinos e se apresentavam as mesmas características. Conta que as dúvidas cessaram ao observar que havia características suas em outros transexuais.

“Eu comecei a pesquisar em sites na internet, em blogs coisas relacionadas à transexualidade, conheci outros transexuais em redes sociais, comecei a conversar com eles, pesquisar, para saber mais, porque como era uma coisa que não esteve desde sempre na minha cabeça, eu comecei a ter dúvidas, mesmo começado o processo de transexualização com 6 meses, eu ainda tinha dúvidas se era transexual ou não, eu procurava características em outros homens transexuais para ver se eu também as tinha e se era transexual mesmo.”

Arthur conta que - durante o início da transexualização - não se relacionou sexualmente com outras pessoas. Meses depois, descobriu que sentia atração, também, por rapazes, passando a relacionar-se com homens homossexuais. Arthur acredita que o fato de se autoidentificar primeiramente como mulher heterossexual, depois lésbica e, por fim, transexual bissexual, o faz subverter a ideia de que todo transexual masculino deve seguir uma masculinidade estereotipada. Afirma que expressões exageradas de masculinidade por parte de alguns transexuais soam forçadas. Alega que sua geração parece ter a “mente mais aberta” em relação a outras gerações.

“Tem transexuais que tem problemas com isso, que acham que devemos ser os mais masculinos ou machões possíveis, algo bem estereotipado. Eu acho até que eu subverto isso, porque veja só, eu antes achava que era uma mulher heterossexual, depois comecei a me assumir como lésbica, aí depois me descobri como transexual. E durante um tempo, passei a não ficar com ninguém, na transexualização... Aí quando voltei a ficar com alguém, voltei ficando com homens... homens gays.”

“Mas acho que esse meu pensamento e de alguns amigos meus é mais da nossa geração mesmo, a gente tem uma cabeça mais aberta em relação a isso. Acho que não tem a necessidade de ficar provando que é homem, uma masculinidade exagerada, acho que a minha masculinidade é o suficiente para acreditar que sou homem. Eu acho um absurdo quem exagera e tenta ser algo que vai além dos seus limites. Eu não tenho um corpo totalmente masculino, é como se eu não tivesse autoestima suficiente para me expressar com minha autoidentificação por completo, mas também eu não vou forçar, entende?”

Arthur acredita que a transexualidade é um fenômeno cultural, social, natural e não um transtorno mental. *“Um fenômeno natural também, não acho que seja totalmente social e cultural porque não acho que a sexualidade e o gênero sejam exclusivamente cultural e social”*. Discorda de argumentos relacionados a *“anomalias cerebrais”* ou tendências auto-mutilatórias e de ideação suicida. Alega que há conflitos entre o corpo e mente devido às pessoas tentarem se ajustar a normas *“heteronormativas.”*

“Não acho que seja doença mental, acho que seja um fenômeno... se existe uma doença mental, seria atrelada a isso, uma decorrência de fatores psicossociais de preconceito e que a cultura da gente nos obriga a fazer parte de uma norma heteronormativa e a gente se sente obrigado a seguir e acreditar nessas normas.”

Acredita que a invisibilidade dos transexuais masculinos se deve à sociedade ser machista, sexista e heteronormativa. Afirma que homens transexuais não são *“uma identidade sexual visível”* por não apresentarem um *“falo biológico”*, e, portanto não são nem *“objeto de desejo”* e nem são representativos de uma sexualidade *“existente”*. Segundo Arthur, o mesmo preconceito sofrido pelas mulheres, os homens transexuais também sofrem, por essa ausência do falo biológico. Acredita, ainda, que homens transexuais apenas ganham notoriedade ao desempenharem atividades consideradas femininas, como o caso do homem grávido ou do ator pornô transexual masculino que vende sua imagem como o homem que é penetrado pela vagina por outros homens nas relações sexuais.

“O homem é visto como sexualizado e a mulher não, por causa do falo biológico... e nós trans masculinos somos considerados e colocados na categoria feminina. A nossa sexualidade não é vista, porque nós não temos um falo biológico, um pênis biológico... e as trans femininas se tornam um objeto de desejo das heterossexualidades masculinas, porque elas são figuras femininas, portanto objeto de desejo de uma masculinidade dominante e sua sexualidade existe, porque elas têm o falo. Já nós, trans masculinos, acontece ao contrário, não somos objeto de desejo... e nem existimos, não temos o falo.”

Arthur conta que essa invisibilidade auxilia aqueles que preferem viver no anonimato, pois considera que a transexualização de transexuais masculinos apresenta uma discrição maior que a das transexuais femininas. Afirma que os resquícios de traços masculinos em transexuais femininas apresentam maior evidência que os femininos em transexuais masculinos. *“Fora que é muito mais fácil a gente viver anônimo, porque podemos transformar nosso corpo e obter um resultado sem que os outros percebam que somos trans.”* Expõe que muitos buscam o anonimato para não sofrerem preconceito e discriminação.

Em relação aos movimentos sociais LGBT, Arthur conta que há preconceito entre os mais diversos segmentos, entre gays masculinos e afeminados; lésbicas criticando transexuais, transexuais com travestis, transexuais homens com transexuais mulheres e vice-versa etc. Afirma que não concorda com esse tipo de discriminação, pois seus membros deveriam desconstruir preconceitos. *“Muitas pessoas que são do movimento dizem que querem desconstruir essa heteronormatividade, mas não conseguem por completo, sem nem perceberem.”*

Narra que há mais ou menos 01 ano, os transexuais masculinos foram ganhando visibilidade graças à publicação de uma obra auto-biográfica de um transexual masculino, sua decorrente aparição na mídia e à participação em eventos como o XVIII Encontro Nacional de Travestis e Transexuais. Considera a união e o desenvolvimento da cultura transexual masculina preponderante para a inserção do seguimento no movimento social e na sociedade. Entretanto, afirma que a construção dessa cultura é algo que deve surgir naturalmente ao longo do processo de edificação do movimento dos transexuais masculinos e do estabelecimento do seguimento populacional como identidade socialmente reconhecida e auto reconhecida.

“Isso cabe a nós trans homens, nos unimos e construímos uma cultura, de todo esse movimento... eu acho que isso vai contribuir para que muitos construam esse posicionamento político enquanto homem trans, com significado social e político.”

“Mas quando criarmos um grupo e for unido, acho que vai surgir naturalmente. Como as trans femininas que tem as culturas delas associadas a coisas artísticas como shows de drag, toda uma cultura que vem do iorubá e da cultura de terreiro... a gente ainda não tem isso, mas na união, com o grupo, pode ser que surja.”

Aos 22 anos, Arthur participa da criação de uma associação que tem como objetivo promover os direitos humanos da população transmasculina e LGBT em todo território nacional. Além disso, participa de sessões particulares com psicólogo e psiquiatra com o

intuito de produção do laudo para acesso à sua cirurgia, visto que se encontra em processo de hormonização e transexualização há mais de dois anos. Afirma que ao resolver as pendências atinentes ao processo de transexualização, dará prosseguimento a seus projetos de vida maiores, como cursar o ensino superior nas áreas das ciências humanas ou de saúde e se estabelecer no mercado de trabalho formal.

4.5 Zé

“Me chame de Zé.....eu sou um dos tantos zés desse Brasil, um **anônimo** das oportunidades.”

Zé é o representante da geração do meio, tem 48 anos, nasceu em uma cidade do interior do Nordeste. É funcionário público e militante em movimentos LGBT. Mora com a esposa em uma região metropolitana de uma capital nordestina.

Estudou, quando criança, em um colégio católico, apesar de sua família pertencer à outra religião. Recorda que se sentia diferente das outras crianças. Era obrigado a usar roupas femininas e comportar-se como uma menina, por medo de represálias dos pais. Relembra que suas brincadeiras infantis se resumiam ao universo feminino, não podendo brincar com brinquedos e jogos considerados para meninos. Afirma que desde pequeno sentia atração por moças.

“Desde cedo descobri q eu era diferente e as pessoas que me cercavam também... lembro quando eu tinha 4 anos minha mãe foi chamada no colégio que eu estudava, pela direção... o colégio era de irmãs, e a freira se dirigiu pra minha mãe e falou que eu tinha um problema, que eu era uma criança estranha...eu nunca esqueci o olhar e as palavras daquela freira... Eu sinto assim, desde criança eu olhava para o meu interior e encontrava um menino... mesmo que quando eu tomava banho e me via diante do espelho lá refletido um corpo de mulher. Eu tinha inveja dos gestos e brincadeiras mais simples dos meus irmãos, eles eram livres no ser. Eu era um prisioneiro de meu próprio corpo. Eu não sei onde aprendi até certos hábitos e maneiras masculinas, elas vinham naturalmente de dentro de mim.”

Zé afirma que desde pequeno sentia atração por moças. Relembra que ficava fascinado pelas mulheres que frequentavam os cultos da igreja que participava. Conta que ao descobrir que era “*homossexual*”, passou a sentir vergonha e culpa.

“Mergulhei na igreja nas doutrinas , nas cobranças e julgamentos...e cada vez mais forte eu sentia a divisão dentro de mim...o homem q existia , e as origens e doutrinas

q foram plantadas dentro de mim. Eu procurava ser bom em tudo que eu fazia... ser o melhor da sala de aula...ser o melhor filho... ótimo amigo...eu precisava preencher a vergonha, o vazio, e a voz que gritava dentro de meu ser... que eu era um homem em um corpo errado, um corpo de mulher, porque eu nunca tive um corpo feminino.”

Aos treze anos recorda que seduziu uma moça, mas ficou nervoso durante a relação sexual, pois não sabia como agir naquele momento. Um ano depois ingressou no movimento estudantil, tornando-se líder político com o passar da experiência. *“E quando alcancei o nível de líder, mais forte o homem vivia dentro de mim.”* Alega que sempre lutou por seus direitos e ideais.

Dois anos depois, esteve preso por questões políticas e, quando foi libertado, foi para o interior para evitar perseguições. Nesse meio tempo, Zé passou a adotar uma postura mais masculina.

“Passei alguns meses no interior... lá conheci uma jovem, linda religiosa que tinha missão de me converter. Só que terminou eu convertendo a moça e vivemos um lindo caso de amor. Por esse amor, eu enfrentei o mundo e rasguei a bolha que me envolvia, assumi minha homossexualidade, minha orientação e meu amor por essa moça. Abandonei tudo e passei a morar na cidade do interior com essa moça. A partir daí assumi minha aparência masculina: postura, roupas, comecei a fumar.”

Recorda que durante esse período, não tinha muito contato com seus familiares. Certo dia, Zé descobre que sua mãe estava doente e dormia seguidamente vários períodos do dia e da noite. Afirma que se sentiu culpado e com remorso pelo estado em que sua mãe se encontrava.

Foi nessa época que decidiu engravidar e permitir que seus pais adotassem e criassem sua criança, pois assim poderia oferecer à sua família a filha que eles queriam. Como sua companheira não concordou, terminaram o relacionamento e Zé, então, voltou para a capital, precisamente para a casa dos pais.

“Na minha cabeça eu era o errado... eu que tinha escolhido ser assim. Pensei, e resolvi que se eu tivesse uma filha ela ocuparia o meu lugar e meus pais ficariam felizes. Meu pai rejeitou a gravidez. Foi uma gravidez difícil, toda acompanhada, porque eu só fiz sexo uma vez, não tinha abertura para nascimento do bebê. Enfim, nasceu uma menina e ela foi registrada por eles e mora com eles, e cresceu conhecendo e convivendo com minhas conquistas e descobertas.”

Aos dezoito anos retorna aos movimentos políticos, principalmente LGBT. Fundou um grupo de resistência, mas este não obteve reconhecimento nacional, devido a *“disputas de poder”*. Ainda nessa época, recorda que continuava questionando a sua sexualidade. Resolve

prestar vestibular e obtêm êxito. Alega que a escolha do curso de Humanas era para *“compreender melhor as coisas, mas que aprendeu menos lá do que na rua”*. Kursou durante quatro anos, mas não concluiu o mesmo. Tempos depois, resolve prestar outro vestibular, para outro curso e novamente consegue aprovação.

Aos 22 anos conhece uma moça heterossexual que estava noiva. O namoro manteve-se em segredo durante três meses. Recorda que faltando um mês para o casamento da namorada, os dois resolvem fugir de ônibus para o Sudeste. A viagem durou nove dias e ambos passaram muitas dificuldades.

Chegando à cidade de destino, com suas economias, Zé e sua companheira abrem um negócio. Este relacionamento durou três anos. Sua namorada precisou retornar, pois a mãe estava doente. Algum tempo depois, Zé descobre que foi traído e há a separação. Com o fim do relacionamento, passou a trabalhar em uma empresa privada, sendo funcionário desta durante seis anos. Alega que sempre teve dificuldades para arranjar emprego.

“As oportunidades nunca caminham com as condições... em minha vida, pelo menos, ou vinha uma ou nenhuma. É muito difícil oportunidade de emprego para o homem trans... o cara vê um homem , e no documento uma mulher, ele rejeita logo. As oportunidades surgem sempre nos empregos informais, cozinhas, costuras, salão de beleza. Trabalhos manuais pesados. E minha vida foi sempre muito difícil a luta pela sobrevivência, ao ponto de não fazer muita diferença ser formado \ ou não. Eu precisava trabalhar, por ter uma aparência que estava fora do perfil "senso comum"... nunca arranjava colocação alguma. Sempre descartado pela aparência masculina, só me restava a inteligência e criatividade... para sobreviver. E como eu deve ter milhares de homens trans vivendo à margem da sociedade, mas muito mais grave, à margem da vida: a família não nos quer, a empresa nos exclui, a sociedade nos discrimina”.

Recorda que aos 25 anos concluí o nível superior. Após três anos, consegue emprego em um jornal local, mas em cargo diferente do almejado. Descobre que mesmo possuindo um currículo excelente, sua aparência não era o que os empregadores consideravam “compatível” para o cargo, sendo remanejado para o setor de telemarketing. Entretanto, Zé afirma que obteve ótimo desempenho, elogios e sucesso neste cargo.

Nesse mesmo período, ao visitar sua família, a mãe pede, que sempre avise quando for visitá-la, pois queria evitar que outras pessoas o vissem. Esse é o motivo que o leva a mudar-se de cidade. Conhece outra moça e resolve relacionar-se novamente. Aos 33 anos, compra uma casa em um conjunto residencial no interior.

Zé conta que é aprovado em um concurso público, aos 32 anos, conseguindo sua estabilidade. Continua fazendo parte dos movimentos LGBT, mesmo sofrendo preconceito por parte de outros membros. Considera que os transexuais são os que mais sofrem preconceitos devido à aparência e a reivindicação de suas identidades. Afirma que se autoidentificou como homem transexual aos 40 anos.

“O conhecimento transexual é muito novo, vem de 8\9 anos pra cá. Eu tenho trinta anos de luta LGBT e sete de transexual. Não conhecíamos este termo homem trans, para nós éramos homossexuais, anos depois se dividiu... lésbicas\gays\travestis. Depois vieram os bissexuais e transexuais. Foram anos de lutas, para se chegar às letrinhas e definições. E eu, pessoalmente, sofri e sofro até hoje muita rejeição até em meio dos lgbt's. Ouvi, muitas vezes, risos e gente fazendo pouco caso, me chamando de ela e depois pedindo desculpas. Mas depois repetindo a situação.”

Afirma que a invisibilidade dos transexuais masculinos deve-se a pouca organização dos movimentos dos próprios homens transexuais. Considera, também, que a falta de conhecimento e consciência do que é a transexualidade, faz com que alguns não se reconheçam enquanto transexuais. Acredita, ainda, que o preconceito faz com que muitos transexuais resolvam não se assumirem, para não sofrerem represálias da família e sociedade, resultando no abandono de suas casas, da escola e trabalho.

“Há meninos trans que são jovens e apareceram agora recente... é muito difícil assumir quando se dar a cara é pesado, por isso muitos não aceitam aparecer. Hoje eu percebo como a vida foi e é dura conosco, os diferentes. Hoje eu sou um cara 40 anos mais duro, que fala alto... sempre na defensiva, e sempre na espera. O preconceito maltrata tanto que cria um ser à parte dentro de cada um de nós homossexuais e transexuais, criando que está sempre de guarda, pronto para o combate, ou em outros casos molda na pessoa uma personalidade covarde, amedrontada, furtiva, sorrateira. Desde cedo isso ocorre, desde a infância... ou para enganar a família ou para ser aceito pelos amigos. Somos o que todos querem colocar embaixo do tapete. Não enxergam dentro delas, seres humanos. Vocês estudiosos buscam em conversas com os trans , entender...e nós trans procuramos também com profissionais da Saúde, da Psicologia...e o que encontramos são profissionais que não querem nos receber, respondem que desconhece, outros dizem que não estão preparados para tratar o assunto. Hoje a tarde, eu dirigia e pensava sobre nossa conversa e dentro de mim, eu desejava que seu mestrado possa ser lido, ou avaliado e ao final ele sirva de reflexão e de que forma os educadores, senhores " mestres, doutores, estudiosos " possam mudar a temática da educação, curriculares, as regras metodológicas da educação e dos educadores, pois ainda somos o segmento que mais abandona a escola. Eu sei que sou muito inteligente, trago comigo o dom da oratória, falo com muita fluência em público (perdoe-me a falta de modéstia) mas também reconheço que eu poderia ser um cara bem sucedido caso não fosse um trans”.

O uso de hormônios faz parte do seu processo de transexualização, porém, segundo Zé, não há um acompanhamento por profissionais na sua hormonização, sendo algo por conta própria. Conta que ainda não mudou o prenome no registro civil e em outros documentos, por ter que alterá-lo em inúmeros registros da universidade e do concurso aprovado.

Segundo Zé, a transexualidade não está relacionada somente à cirurgia de mudança de sexo ou ao uso de roupas masculinas / femininas. Entretanto, acredita que grande parte da população pensa o contrário. Alega que mesmo afirmando ser homem, algumas pessoas de seu convívio, não o respeitam. Conta que alguns professores não aceitam seu nome social ao realizarem chamadas em sala de aula.

“Ser transexual independe da roupa que você esta usando ou até mesmo com quem você está transando... ser transexual é ter uma identidade mental, diferente da que seu corpo apresenta. Eu por muitos anos só usei vestidos e roupas longas, mesmo assim, eu me sentia homem e desejava usar calças. A obrigatoriedade de mudar o corpo é muito pessoal... vai de cada um. E desejo sim, minha masculinização total... quero cirurgia, desejo hormonoterapia e tudo mais. Tenho amigos que não desejam passar por cirurgia, só hormonizados. A reconstrução do corpo ou da genitália é mais cobrança pessoal de cada um... e aí eu consigo acreditar pelo conhecimento e convivência que nós vivemos tantos anos sendo maltratados por todos, família, escola, sociedade, trabalho, que quando você cresce, você traz enraizado em seu intimo uma cobrança de ser e parecer. Esse ser e parecer é isso de ter peito tem q ter identidade fêmea....tem pênis é identidade macho... se não tem nada fisico que seja palpável, tocável...não é fêmea ou não é macho. Nascer trans é tão dolorido, você evitar ir a um banheiro, você evitar falar em público porque tem voz fina, você comprar prótese plástica para usar dentro da cueca, se envenenar com hormônios para ter pelos ou trejeitos masculinos. A sociedade vê um corpo de mulher vestido de homem, é como se você afrontasse, violentasse. Somos a quebra do que já é estabelecido, somos a prova de que as regras não comprovam nada, de que o certo e o errado é só ponto de vista, masculino / feminino é pouco, existe algo mais. Para alguns somos só o que eles veem: roupas!”.

Aos 48 anos, Zé está cursando sua terceira faculdade e continua participando de movimentos LGBT e políticos.

4.6 Sansão

“Gosto muito da história do Sansão... era um homem forte, integro. A diferença que ele perdia força quando cortavam o cabelo, no meu caso eu perco a força quando tenho muito cabelo.”

Sansão é o representante da geração mais velha, tem 61 anos, nasceu em uma cidade do Norte e é funcionário público. Atualmente reside - com sua namorada - em uma capital do Nordeste. Afirma que sua autoidentificação enquanto homem transexual ocorreu após os 50 anos de idade.

Recorda que quando criança, detestava brincadeiras que envolvessem bonecas, fogão e panelas, considerando “frescuras” de mulher. Preferia correr e pular com os meninos. Relata que sua mãe o obrigava a usar vestidos e “cachinhos e laços” nos longos cabelos.

“Mas ela sempre me forçava a usar cachinhos, eu odiava cabelo grande. Até que um dia...você vai até rir... pra você ver como eu me irritava com cabelos grandes... eu vi que meus irmãos tiveram que raspar o cabelo porque pegaram piolho, pois eu fiz questão de brincar pertinho do piolhento da rua pra pegar piolhos e raspar a cabeça... e foi tão bom não ter que usar cabelo grande, laços. Mas aí o cabelo cresce, mas por sorte, minha mãe cortou meu cabelo um pouco abaixo da orelha... era menos pior.”

Segundo Sansão, a adolescência ficou marcada pela leitura de gibis de faroeste e pela obrigação de vestir roupas femininas. Caso não usasse “*roupa de mulher*”, sofreria castigo por parte de sua mãe. Relata que seu pai não se preocupava com seu comportamento. Nessa época, considerava-se diferente das outras garotas e parecido com os homens.

“Meu pai sempre me tratou bem, nunca ficava no meu pé, até porque eu nem namorava, a preocupação dele era que eu ficasse grávida e mal falado.... acho que por isso ele nem notava que eu era masculino demais. Mamãe notava, porque vez ou outra me empurrava pretendentes. Foi passando o tempo e saímos da nossa cidade e fomos estudar fora, eu e meus dois irmãos... nossa família era rica... quer dizer, ainda é rica. Aí nessa época fui notando que era diferente de garotas e mais parecido com homens. Foi quando ouvi na rua me chamarem de Maria Homem... e eu nem fiquei ofendido.”

Aos 17 anos, Sansão foi morar - com seus irmãos - em uma capital do Sudeste do país. Durante esse tempo, namorou uma moça, colega de sala de aula no Ensino Médio, a qual considerava uma “*ladyzinha*”. Ao terminar o segundo grau, passa no vestibular e consegue emprego em uma loja, enquanto terminava os estudos. Nessa época, se autoidentificava como lésbica.

“E fui levando a vida, eu usava cabelo curto, usava calça feminina e blusa social masculina, usava regata pra esconder, tentava misturar, sabe? Vai que o povo me olhasse torto... mais do que já olhavam. E já namorava muita mulher, nesse tempo eu fiquei de caso com uma coroa casada... ela dizia que eu era o menino dela... Aí sai desse emprego, porque terminei a faculdade e fui trabalhar na área, porque passei em concurso.”

Aos 26 anos, resolve namorar um rapaz, por insistência da mãe que suspeitava da sua homossexualidade. Mantém relações sexuais e termina por engravidar. Sansão afirma que a relação sexual com um homem “*não foi ruim, mas também não foi bom.*” Relembra que a gravidez inesperada fez com que seu pai o tratasse de forma diferente. “*Meu pai disse que eu era uma puta em dar antes do casamento, mas minha mãe parecia feliz, acho que ela pensou: - amém, não é sapatão.*”

Conta que foi forçado, por seus pais, a casar com o pai do seu filho. Foram casados durante 11 anos, sendo que ambos mantinham relacionamentos extraconjugais. Sansão alega que seu marido sempre suspeitou que fosse “lésbica”. Em 1991, separou-se do marido e não brigou pela guarda do filho, preferindo que o mesmo ficasse com o ex-cônjuge, afirmando que não tinha vocação paterna ou materna.

“Foi quando assumi que era lésbica porque nessa época, na minha cabeça eu era lésbica. Foi quando comecei a usar roupas mais masculinas ainda e usar cuecas. Me senti livre e bem comigo mesmo. Minha família aceitou, porque no fundo sabiam, todos os pais sabem.... não tem como.”

Em 1997, pediu transferência do emprego público para uma capital do Nordeste, pois tinha se apaixonado por uma moça dessa região. Moraram juntos durante dez anos e logo após esse período, houve a separação. Durante esse relacionamento, Sansão questionou à companheira se a mesma o via como homem ou mulher.

“Comecei a me identificar como homem trans já coroa, antes eu pensava que era lésbica machona, caminhoneira. Mas depois fui lendo reportagens e assisti documentários na tv por assinatura, sobre transexualismo e vi que eu era um. Foi quando perguntei a aeromoça que namorei, na época, se pra ela eu era homem ou mulher. Ela disse que eu tinha corpo de mulher, mas atitude de homem.... foi aí que eu vi e pensei: sempre fui homem e não sabia. Mas só tomei coragem de modificar o corpo, uns anos atrás, antes pesquisei muito e entrei em contato com outros transexuais e profissionais para saber se era o que eu queria. E vi que é sim, sou homem, tenho jeito de homem e traços de homem, só falta ter corpo mais masculino, pra eu me sentir bem e completo. E pra as pessoas não me olharem torto. Ouça a minha voz, ela é masculina, sempre foi grave e grossa, acho que sempre fui macho, o problema que demorei a entender que era um.”

Recorda que, após a afirmação da ex-companheira e da autoidentificação como transexual, resolveu viajar a uma capital do Sudeste, buscando explicações acerca da cirurgia de transgenitalização, mastectomia e retirada do útero. Narra que o cirurgião especialista explica o caráter experimental da cirurgia de mudança de sexo para homens transexuais, aconselhando a retirada das mamas e do útero.

“Mas ainda fiquei com medo, sabe? Por isso, estou pedindo transferência para essa cidade no Sudeste, porque faço o acompanhamento psicológico lá, porque precisa pra fazer a mastectomia e faço a hormonização. Documentação também irei fazer lá, pra mudar o nome. Minha descoberta como homem trans é nova, sou um “adolescente” nessa área.”

Conta que aos 55 anos resolveu usar colete para esconder os seios e solicitou que no emprego, os colegas o chamassem pelo nome masculino. Segundo Sansão, alguns colegas ainda o chamam pelo nome feminino, o que considera uma falta de respeito.

“Alguns se negam e chamam pelo nome feminino, aí corrijo e mando chamar no masculino, senão chamo o nome deles no gênero oposto ao deles... aí terminam chamando o nome masculino. Porque é chato, acho desrespeitoso, eu todo macho, todo homem, sendo chamado com nome de mulher. Sou mulherengo, grosso, casca dura, forte e ainda vem me chamar pelo nome masculino?”

Sansão diz que sofre bastante preconceito por ser transexual, sendo xingado na rua de *“sapatão”* e *“homem de mentira”*. Lembra que começou a usar banheiros masculinos - aos 55 anos - e sofreu preconceito por parte dos homens que frequentavam esse ambiente. Narra que, certa vez, foi expulso de um banheiro de shopping por um segurança do local. *“Geralmente são homens que tem inveja de mim, mal sabem eles que “pego” mais mulheres que eles e bem bonitas.”*

Afirma que não tem interesse de participar de movimentos LGBT, pois não apresenta perfil para o ativismo e prefere a discrição e invisibilidade. Considera-se um homem heterossexual por apresentar atração sexual e afetiva por mulheres. *“Porque somos homens e homens gostam de mulheres.”* Conta, ainda, que todo transexual deve investir na transformação visual e corporal para ter respeito e não sofrer preconceito.

“Eu sou homem, sempre fui, mas não tinha consciência. Acho que tem que se transformar, tem que tirar peito, tomar hormônio, ser homem mesmo, porque se não transforma você fica parecendo uma lésbica masculina, uma mulher máscula que gosta de outra mulher, eu não, eu sou homem trans, sou um homem que tem um corpo feminino, mas que precisa modelar seu corpo pra ser masculino e igual a sua mente de homem... Homem tem pênis, não tem peito, tem barba, é rude, macho... mulher é frágil, tem vagina, peitos, bundão, tem as diferenças... Eu sou o primeiro tipo, um homem, só que com corpo errado, apenas.”

Aos 61 anos, Sansão reside com sua atual companheira e pretende mudar-se para o Sudeste, para iniciar sua transformação corporal.

5 OS SENTIDOS E SIGNIFICADOS DE TRANSEXUALIZAÇÃO

O presente capítulo pretende responder a alguns questionamentos acerca do processo de transexualização dos seis representantes transexuais: como se dá o processo de autoidentificação transexual? Quais são os sentidos experienciados no processo de transexualização? Quais são os movimentos identitários que são recordados? Existem indícios de ruptura intergeracional? Quais os elementos de significação que permanecem em suas histórias?

A apresentação da análise realizada implica necessariamente em fazer opções que, por sua vez, trazem algumas consequências. Importante destacar que o recorte aqui descrito é apenas para fins de apresentação, podendo parecer menos complexo do que realmente é. As etapas de vida também são formas de se contar uma vida entrelaçada na memória. Tomar as histórias de pessoas nas mãos e refletir sobre a unicidade delas, buscar proximidades, permanências e rupturas não é tarefa fácil. Por outro lado, revelar sua unicidade sem perder de vista seu emaranhado com e no contexto sócio-histórico.

5.1 Intergeracionalidade e o processo de transexualização feminina

O processo de transexualização apresenta alguns elementos de intergeracionalidade a partir das histórias de representantes de três gerações. Elementos que são evidenciados nas histórias de vida: brincadeiras de criança, estratégias de disfarce da transexualização, uso de vestimentas femininas, aplicação de hormônios, procedimentos cirúrgicos para transformação corporal e relacionamento com a família e amigos.

Brincadeiras de criança vividas por Gisele foram facilitadas por possuir uma aparência feminina, apesar de ter nome masculino e usar roupas masculinas, que podiam adquirir feminilidade com o artifício de encurtar as blusas. O uso de cabelos longos e a aparência feminina lhe permitem uma participação no mundo das brincadeiras de boneca, evitando o mundo dos carrinhos. Contrariamente, as representantes das outras gerações parecem ter tido mais dificuldade: Joana precisava aparentar ser menino, brincar de bonecas

às escondidas e se percebia diferente dos meninos, que preferiam jogar futebol. Seus amigos eram meninos e meninas. Bridget também brinca com crianças e relembra ter preferências por assistir desenhos femininos e jogar amarelinha, evitando jogar futebol ou bolinha de gude, embora tenha sido forçada pelo pai a participar desses jogos. Joana ainda se permitia disfarçar o olhar ao se interessar por outro menino e elogiava as meninas para evitar uma possível identificação como homossexual. Podemos verificar esses relatos de experiências nos fragmentos a seguir:

“Não queria ser chamada de maricas por brincar apenas com meninas” (Bridget).

“Eu brincava mais... na verdade, eu não brincava com meninas. Até hoje eu não gosto muito de andar com meninas, não sei porque, pois a maioria gosta, vê logo que é gay, aquele rapaz no meio de um monte de menina. Eu não, não gostava. Eu gostava de andar com menina e menino, tudo junto. Mas na hora das brincadeiras, era assim... homem só gosta de brincar de bola, né? Mas eu não queria, não vejo graça, em ficar olhando e correndo atrás de uma bola. Ai inventava que o pé tava doente, eu ficava olhando os meninos jogando bola. Ai eu ia brincar com as meninas de boneca, tava nem aí, até porque as meninas são mais compreensivas, né? Eu brincava de boneca, de casinha, escondido, quando ia na casa delas. Era assim a minha brincadeira” (Joana).

“Quando eles falavam de meninas, eu ficava voando, tapeava: “- ah... é bonitinha essa menina”, mas parava por aí, não tentava me aprofundar no assunto. Ai quando aparecia um cara bonitinho... e isso quando eu era criança, que sempre rola isso, né? Eu tinha que primeiro olhar para todo mundo, para poder olhar para aquele cara, para ver se alguém tava olhando, para não descobrirem, pois eu tinha medo que descobrissem” (Joana).

“Sempre diziam: ei, parece uma menina, de cabelão e tudo” (Gisele).

“Sempre ganhei boneca, brinquedo de menina... meu pai ainda trouxe, uma vez, um carrinho... eu quebrei e disse que queria boneca e não brinquedo de menino. Sempre brinquei de boneca e ganhava boneca” (Gisele).

“Eu comecei a pesquisar mesmo, quando comecei a ter um raciocínio, com meus 15 anos que comecei a procurar, porque antes você pensa como criança, não liga para saber sobre isso” (Gisele).

“A diferença entre eu e uma menina, é porque ela tem uma vagina e eu não tenho” (Gisele).

Podemos observar que na infância nenhuma delas se percebia como transexual. Joana e Bridget se percebiam diferente e fora dos padrões. No entanto, Gisele tem convicção que era pertencente ao grupo das meninas. O mundo das brincadeiras parece demarcar as diferenças e marcam as lembranças. Estes estereótipos reproduzem e evidenciam permanências no processo de identificação (BENTO, 2006, 2009). Estes estereótipos de gênero compõem o processo de significação que são registros culturais compartilhados e revelam as permanências desses significados sociais que se mantiveram de uma geração para a outra.

A preocupação de Joana e de Bridget em não ser consideradas diferentes e “homossexuais” parece ser um aspecto importante no processo identificação. Ser pela negação. O fato de brincar em grupos mistos era uma forma das “diferenças” não serem apontadas. Esse momento é identificado como homossexual, por desconhecer, ainda, o que era a transexualidade. Gisele se diferencia, pois se percebe como menina desde pequena. Descreve uma facilidade no processo de autoidentificação.

As recordações das brincadeiras da infância trazem para Joana, a percepção de maior tolerância e compreensão das garotas, constituindo-se uma experiência afetiva importante. A característica da delicadeza, fraqueza e passividade feminina marca a infância de Bridget, evitando retaliação por parte dos outros meninos. Parece que, contingencialmente, não houve violência dos colegas para consigo: por ser frágil, ocasiona um tratamento de piedade por parte dos outros garotos. Gisele não teve problemas relacionados às brincadeiras infantis com outras crianças, entretanto os pais a proibiam de usar roupas femininas. Essa proibição é entendida e explicada porque a mesma não tinha corpo desenvolvido, sendo inadequado o uso de vestimentas para meninas.

As recordações de criança de Joana permitem a possibilidade de admirar os rapazes na praia. Para Gisele, está relacionada à imaturidade e ao desinteresse pelo mundo dos adultos. Podemos compreender, em consonância com Vigotski (1993; 2007), que o sentido não é algo inerente ao ser humano ou que é estritamente individual. Ao contrário, só é possível através de uma relação dinâmica e interdependente sócio – historicamente com o meio externo e interno. Os sentidos podem ser os mais diversos, a depender dos diferentes contextos. É pessoal, experiencial, afetivo e não exclusivamente individual.

Autoidentificação de Gisele é lembrada como algo sem problemas, porque sempre se identificou como pertencente ao gênero feminino, enquanto Joana e Bidget passaram por um “caminho” de autodenominações. Joana considerava-se homossexual até o final da adolescência e a partir daí se autoidentificou como transexual. Bridget se reconhecia enquanto homossexual no início da fase adulta, depois como travesti e, por último, transexual.

O processo constante de autoidentificação vem ao encontro da relação interdependente entre sujeito e contexto sócio cultural (VIGOTSKI, 1993; 2007). Nesse sentido, podemos compreender que o entorno de experiências de Gisele em relação à sua transexualização permite que desde pequena se perceba como mulher. No caso de Joana e Bridget, esse

processo permitiu, especialmente no caso da segunda, que apenas se autodenominassem transexuais na fase adulta. Podemos considerar, ainda, que a transexualidade de Joana está vinculada a se perceber como transexual e não mulher.

Bento (2006; 2009) entrevistou diversas transexuais, e algumas se consideravam como pertencentes à categoria mulher desde crianças, deste modo as suas transexualizações eram vistas como correções a algo incorreto em seu corpo. Semelhante ao ocorrido com Gisele, os dados indicam que há a permanência dessa significação da transexualização atinente a uma correção corporal e ao pertencimento à categoria mulher desde a infância. Nos casos de Joana e Bridget, as suas transexualizações estão relacionadas a uma alteração estética corporal, aceitabilidade social e coesão com o papel social de gênero identificado. Não há alusão à doença, anomalia genital ou a um transtorno mental, mas um sentir-se “diferente”, como vemos a seguir:

“Transexual é aquele homem que quer tirar o órgão e virar mulher. Travesti é aquele que quer parecer com uma mulher, mas continua homem, quer ter o sexo, quer usar, já a transexual quer tirar o sexo. Como fui criada desde pequena como menina, descarto a possibilidade de ser travesti e transexual. Travesti é o homem que se traveste, que quer parecer com mulher... eu não, eu já nasci mulher, com corpo de mulher, semelhança de mulher” (Gisele).

“A única coisa que eu não digo “eu sou realmente uma mulher” é a genitália, mas nunca tive dúvida” (Gisele).

“Aí fui chegando no ponto também que eu fui amadurecendo mais, conhecendo outras pessoas e fui vendo o que eu realmente era e que eu não era gay, eu era... ia mais além disso, do homossexualismo, do homossexual em si, entende? Eu era transexual, porque eu saía com gay e tudo, usava o cabelo curtinho, que nem menino e tal, só que era diferente, porque eu tinha vontade de me vestir de mulher. O homossexual em si, se veste como homem, vive como homem, mas tem atração por pessoa do mesmo sexo que ele, o que diferencia é o comportamento, a roupa, a vida que é... masculina, masculinizada. A transexual não. Eu queria me vestir de mulher, me maquiar [...]” (Joana).

“O processo de hormonização, para que seu corpo fique feminino e não sirva de mangação para os outros” (Joana).

“Eu não gostava de mulher, eu queria ser uma... olha o dilema” (Bridget).

“Sim... sou uma mulher transexual... não fico dizendo que nasci com corpo de mulher e acho que ser mulher ou homem é tornar-se, sabe? Eu tive o azar de nascer com corpo masculino, mas sempre tive alma feminina, o problema é que demorei pra notar que era trans, acho que o medo não permitia. Eu acho que primeiro me vi como gay, depois travesti e por último trans, mas até quando eu era gay e me travestia, eu via que queria era mesmo ser mulher, entende?” (Bridget).

“Resolvi fazer a raspagem do pomo de adão, por questões estéticas, sabe? Mulher de gogó não existe, né?” (Bridget).

Aparência de menina foi facilitada pelo uso de roupas femininas. Assim, vimos que Gisele e Joana, na adolescência, sendo a última de forma gradativa, e Bridget, mais tarde, na fase adulta podem experimentar a vestimenta como uma extensão corporal. Nesse sentido, a blusa feminina, escolhida por Joana está relacionada ao universo feminino e a sua reivindicação identitária. Para contrastar e ser aceita mantém o uso da calça masculina. Bridget usava roupas femininas sociais no trabalho, porque sentia que as mesmas eram adequadas ao ambiente e expressavam sua identidade. Gisele adaptava blusas masculinas em femininas como forma de afirmar que era uma garota e que deveria usar vestes que fossem coerentes com o que acreditava ser pertencente ao gênero feminino.

Segundo os postulados de Vigotski (1993; 2007), o homem, ao contrário dos outros animais, possui a capacidade de produzir a sua realidade e interferir em seu processo. A sua adaptação não seria vinculada à reprodução ou repetição de um estímulo apenas, mas a uma reflexão e problematização acerca do que o rodeia. Na sua relação com o meio, que seria interdependente, em uma forma de adaptar-se ao mesmo, o ser humano modificaria este meio e a si mesmo.

Podemos observar, então, que houve uma reflexão anterior e partilhada acerca desses trajes - que foi passada geracionalmente - e uma nova ponderação dos mesmos, através do contato com o meio. Vigotski (1993; 2007) afirma que o ser humano incorpora as ideias apreendidas do meio externo e as reinterpreta e ressignifica, criando outra opinião. É um acesso processual, simbólico e adaptativo. Como podemos observar nos trechos a seguir.

“Eu dava nó na blusa pra ficar curtinha, que nem mulher” (Gisele).

“Eu fui vestindo uma blusinha feminina, com calça masculina ou uma blusinha masculina com uma calça feminina” (Joana).

Transformação corporal complementa a aparência e a autoafirmação identitária. Assim o uso de hormônios para o desaparecimento de pelos no rosto, peito, costas e surgimento dos seios. Como podemos perceber nos fragmentos a seguir:

“Você já viu mulher com barba e voz grossa? Para mim, mulher... se tá pensando em ser mulher, que tome hormônio logo no começo, antes da puberdade” (Gisele).

“Pode tá de saia o que for, de barba na cara, é homem” (Gisele).

“Não acho bonito, uma pessoa que se parece com homem e coloca um vestido, como tem um aqui nessa rua, lá no final. Ele coloca um vestido, mas com marca de barba, altão, bonito até, mas é motivo de chacota. Daqui a pouco, ela passa por aqui, com

as putarias dela, de sainha, porque ela tem... melhor, ele tem 27 anos, eu falo ele, porque pra mim, ele não é ela...é ele” (Gisele).

“Eu acho necessário esse processo de transformação, uso de hormônios, para que ela, a transexual, tenha uma certeza, se auto-afirmar. Ela tem que modificar o corpo [...]” (Joana).

“[...] eu acho ridículo esses caras que se dizem travesti e transexual e tem um corpo totalmente masculino, barba, não tem nem a decência de tirar a barba, coloca vestido, se maquia.. fica com marca de barba, músculos, isso é ridículo” (Joana).

“Eu achava que deviam me aceitar na marra, se alguém me chamasse de viado... aff, ninguém ousasse me chamar de viado, que eu partia pra briga... mesmo super maquiada, louca, deslumbrada, eu queria respeito. Aí eu fui amadurecendo, conhecendo pessoas que me orientassem, reví meu comportamento, que não era pra tá andando vulgar, aí já comecei a ver meu modo de vestir, aos poucos para não chocar o povo, fui tendo um pouco de noção [...]” (Joana).

“A violência diminuiu, eu entro em bar, show, passo despercebida, ninguém me reconhece como transexual, travesti... só se eu falar, aí o povo reconhece pela voz” (Joana).

“O processo de transformação é importante para você e para as pessoas que vão te ver” (Joana).

“Resolvi fazer a raspagem do pomo de adão, por questões estéticas, sabe? Mulher de gogó não existe, né?” (Bridget).

“Eu não critico homens afeminados que rebolam e falam fino mesmo com barba, porque tenho que levar críticas por modelar meu corpo de acordo com o que acredito que sou?” (Bridget).

“Lutei muito para ser feminina e ser mulher, não acho interessante que comecem a me tratar mal porque no passado fui uma pessoa de corpo masculino e cabeça de mulher... As pessoas julgam sem saber, pensam que trans é homem que cortou o pênis e não é... parece que ser homem tem que nascer com pênis e mulher com vagina, não entendem o interior. Por isso prefiro viver no anonimato e contar a poucas pessoas que sou transexual” (Bridget).

A aceitação social se dá pela mudança na aparência. As três transexuais apostam na transformação visual e corporal para ser o mais feminina possível, estando associada a uma forma de não sofrer preconceito, nem ser ridicularizada pelos outros. É, pois, na relação com o outro, que seu comportamento vai sendo produzido (VIGOTSKI, 1993; MOLON, 2003, PINO, 2005). Desse modo, podemos entender que a necessidade de parecer mulher é um significado de permanência entre as gerações. A transformação visual e corporal se justifica necessária para aceitação social e não sofrer retaliações e preconceito. Estas permitem evitar o choque, xingamento, bem como passar despercebida e aceitação forçada.

O sentido da transformação corporal e visual não totalizada – marca de barba, rosto ainda masculino em contraste com roupas femininas - está vinculado a um sentimento de

“choque”, deslumbramento e loucura, para Joana. Já para Bridget, – o tratamento com fonoaudiólogo para feminilizar a voz, raspagem do pomo de adão e uso de hormônios, – está vinculado a invisibilidade de seu processo de transexualização, possibilitando viver no anonimato.

O corpo impõe ainda dois sentidos: um de expressão de identidade – de modelação corporal, com o uso de hormônios, maquiagens e vestes femininas modelação corporal –, e outro de impedimento de identidade – da voz e do pomo de adão, visto que denunciam a transexualidade de Joana e Bridget. Temos assim afecções advindas do corpo que se expressam na alma (ESPINOSA, 1971). O corpo negado como expressão do sofrimento psíquico de Joana e Bridget. Por outro lado, a modelação corporal é uma forma de expressão da identidade. Desse modo, a ação sobre o seu corpo, através da transformação visual e corporal, permite às três transexuais favorecer a expressão das suas identidades. Para esse mesmo autor, todo corpo é constituído por uma ideia e esta é um modo de expressão do sujeito. Alma e corpo devem estar juntos e em consonância, se um sofre, o outro também padece. Um corpo é recusado porque não é expressão da alma desse alguém.

Parecer feminina diminui a possibilidade de sofrer preconceito e violência, Joana e Bridget passam “despercebidas” pelas outras pessoas, pois visualmente são femininas. Entretanto, para Joana, sua voz pode denunciar a sua transexualidade. Gisele sente-se acolhida no Nordeste, atribuindo o sentido de estar amparada como em “uma barriga materna”. Acredita que não sofre preconceito por “intervenções divinas”. O fragmento abaixo evidencia o sentido de “intervenção divina” ao não preconceito sofrido por Gisele.

“Aí eu perguntei por que e ele disse que não era para mexer. E as meninas também são bonitas, mas sabe... foi Deus que me protegeu, até hoje ele me protege” (Gisele).

Joana e Gisele acreditam que a transformação corporal e visual das transexuais deve ser padronizada. Afirmam que uma transexual deve ser discreta em sua imagem e comportamento, devendo transparecer feminilidade. Caso a transexual resolva se comportar de forma vulgar e sua aparência seja ambígua, estará contribuindo para que sofra preconceito por parte da sociedade. Uma ambiguidade corporal e visual que possa ser percebida é vista como agressiva e como forma de forçar o meio a aceitá-las. Bridge parece romper com essa ideia de padronização, afirmando que a transformação corporal é necessária para a própria transexual sentir-se bem, mas não precisando haver um padrão a ser seguido.

Podemos perceber, então, que para Joana e Gisele, o preconceito sofrido por algumas transexuais é justificado por seus comportamentos e visuais fora dos padrões. Alegam que uma transexual vulgar ou com resquícios de masculinidade força a sociedade a aceitá-la. Entretanto, se a transexual comporta-se de forma discreta e “decente”, o meio tende a respeitá-la. É uma busca por uma aceitabilidade social que, por conseguinte, desautoriza as expressões de suas identidades. Nesse caso, parece contraditório que a geração mais velha seja mais tolerante em relação a outras formas de expressão de identidade transexual do que a geração mais nova e do meio. Estas defendem a transformação corporal para atender aos padrões.

Os ideais normativos de comportamento são edificados a partir do que o meio externo demanda. Este pode ser modificado pela história e experiências humanas (LANE, 2007; VIGOTSKI, 1993; 2007). Dessa forma, as rupturas expressam mudanças e podem favorecer novos modos de existir.

Nesse sentido, o corpo adolescente revela para Joana a condição de ser homossexual, enquanto Bridget considerava-se anormal e, no contato com uma familiar lésbica, na fase adulta, se autodenominou homossexual, passando alguns anos a se considerar travesti e através do acesso e comunicação com mídias que abordavam a temática da transexualidade, passou a procurar hormonização e transformação corporal. Gisele se percebia como mulher, desde a infância, ao ter contato com as outras meninas e adaptar seu visual do masculino para o feminino. Ao ter contato com outros corpos, Joana, Gisele e Bridget se autoidentificam e seus corpos ganham outros sentidos. Ou seja, o corpo é definido a partir da disposição de ser afetado por outros corpos (ESPINOSA, 1973). Assim, são produzidos, desconstruídos e reconstruídos os corpos. Destarte, através das interações com os outros, que os corpos e identidades das três transexuais femininas foram sendo produzidos.

Mudança no prenome é importante aspecto de semelhança e defesa de direitos no processo de transexualização das três transexuais: Bridget mudou os documentos, Gisele, alterou listas de chamada no ambiente escolar e Joana retificou lista de frequência na Universidade. Assim, o prenome feminino reconfirma e assegura as suas identidades. Entretanto, se para Gisele não há problema a chamarem pelo prenome masculino, para Joana o nome masculino denuncia o resquício de uma masculinidade negada. Ser chamada por outro nome é o mesmo que não ser aceita, e ao mesmo tempo, evocar algo que é recusado. Podemos observar tal questão no trecho abaixo:

“Tem gente que não se acostuma e esquece e chama pelo nome masculino. Eu acho assim, eu tenho uma aparência de mulher, me comporto como mulher, sou muito feminina, eu passo despercebida em shopping, loja, show, exceto quando eu falo... aí vem um cara me chamar pelo nome de batismo, é demais, né? Mas é normal, algumas pessoas se atrapalham, mas é normal. Mas você ser referida como homem é chato, me dá raiva e me magoa, o pessoal pensa que não, mas magoa, é desrespeitoso” (Joana).

A mudança do prenome, parecer feminina e mudar o corpo são acompanhados da **definição de papéis do outro na relação**. Esta parece reafirmar a reprodução de papéis sociais normativos. O fato de Gisele, Joana e Bridget separarem em ativo – homem heterossexual - e passiva – mulher transexual - um relacionamento afetivo, mantêm uma ideia de relação heterossexual normativa e padrão, por meio do seu acesso a regras e normas dos papéis sociais de gênero (BUTLER, 2010; SILVA, 2008). Já o homem homossexual é aquele que apresenta traços femininos, que tem atração afetiva e sexual por pessoas do mesmo, mas que ainda mantém uma vida “masculina”. Os significados de experiências homossexuais são compartilhados pelas três gerações e expressam os elementos culturais fossilizados no processo de significação (VIGOTSKI, 1993; 2007). Vejamos a seguir:

“A transexual tem a cabeça feminina, ela não vai ser ativa na relação, o parceiro vai ser o homem e ela a mulher” (Joana).

“Eu tenho um amigo que é homossexual e começou a passar a ser travesti, mas ele tem um pensamento masculino, ele tem a mentalidade masculina, jeito de falar. Se você reparar, eu sou feminina, tenho mentalidade de mulher, eu choro muito, tem vezes que começo a chorar do nada, que nem mulher, porque mulher é emotiva. Porque homem não chora, porque homem tem aquele negócio de pegar no saco e coçar, falar giria” (Gisele).

“Ele pode ser gay, mas não pode ser mulher, que ficasse isso para ele” (Gisele).

“Com meu noivo não sou ativa, sempre como mulher, a genitália eu não uso” (Gisele).

Em relação à genitália associada ao “ser mulher”, de igual modo às transformações corporais, Joana e Gisele acreditam que só podem ser consideradas “realmente mulheres” se apresentarem uma vagina. Joana afirma que ginecologista é “*médico de mulher*”, no intuito de criticar a não contratação de um urologista para o núcleo que trabalha no processo de transgenitalização. Gisele não afirma que é “*realmente mulher*” pelo fato de ainda apresentar genitália masculina. Diferentemente, Bridget acredita que ser homem ou ser mulher vai além de suas genitálias.

Família demarca experiência importante no processo de transexualização das três transexuais: Joana relata situações de preconceito, violência e desrespeito. As experiências

ruins com seus familiares marcam lembranças de discriminação e intolerância aos transexuais, travestis e homossexuais; Bridget, lembranças de dominação e repressão, visto que era forçada pelo pai a brincar com os meninos (infância) e a manter relações sexuais com mulheres (fase adulta). Diferente destas gerações, Gisele confere um sentido positivo a família. Pelo fato de fazer parte de um ambiente familiar mais permissivo, Gisele não sofreu preconceito por parte dos familiares. Essa ocorrência nos alerta para a experiência mais aberta que a representante da geração mais nova parece ter vivido com seus familiares.

A família que reprime o comportamento, por exemplo, de imitar trejeitos e poses de mulheres, se faz acompanhar de castigos expiados por meio de orações a fim de cura e obtenção de perdão divino, ou de aconselhamento de um padre e uma familiar religiosa, como vimos na lembrança de uma de nossas personagens.

Por último, a **participação política** em movimentos sociais LGBT é divergente. A representante da geração mais nova, Gisele não se reconhece como pertencente ao movimento dos transexuais e travestis. A geração do meio, Joana é militante e acredita que a participação nos movimentos é uma forma de lutar por seus direitos enquanto transexual. Por outro lado, as experiências da representante da geração mais velha, Bridget acredita que os movimentos sociais LGBT são locais permeados por discriminação e desunião entre seus próprios componentes.

Em síntese, as experiências relatadas e produzidas nas histórias de vida possibilitaram problematizar o universo de sentidos experimentados, mutáveis ao longo da vida e os significados compartilhados pelas representantes das três gerações de transexuais. O caráter de mobilidade das identidades transexuais apresenta uma mobilização inicial “*ser o mais feminina possível*”, que se diferenciam pela unicidade experiencial: Gisele nasceu para ser mulher e ocorreu um erro; Joana foi mudando aos poucos para não agredir a família e Bridget mudou para ser mulher casada e respeitadora.

5.2 Intergeracionalidade e o processo de transexualização masculina

As recordações relatadas para a produção das histórias de vida dos transexuais masculinos apresentam importantes aspectos referentes às brincadeiras de criança, à autoidentificação, à aparência de menino, às transformações corporais, ao relacionamento com a família e às experiências políticas em movimentos organizados.

Brincadeiras de criança são percebidas como um momento marcante de não pertencimento ao universo feminino. Quando crianças, Arthur, Zé e Sansão não se consideravam meninos, entretanto, não se sentiam satisfeitos com brincadeiras, roupas e gestos considerados de menina. As estratégias de disfarce para adentrar ao universo masculino, seja nas brincadeiras ou na adaptação visual, foram utilizadas por Arthur e Sansão. O primeiro cortou os cabelos curtos e, o segundo ficava perto de meninos com piolhos, para ter que raspar o cabelo. Para Zé, essas táticas não foram possíveis, devido ao medo e grande vigilância de seus pais extremamente religiosos. Estas experiências foram assim narradas:

“Eu não sabia que ia parecer um menino, mas eu queria cortar o cabelo daquele jeito, não sei por que, vai ver era algo inconsciente” (Arthur).

“Eu sinto assim, desde criança eu olhava para o meu interior e encontrava um menino... mesmo que quando eu tomava banho e me via diante do espelho lá refletido um corpo de mulher. Eu tinha inveja dos gestos e brincadeiras mais simples dos meus irmãos, eles eram livres no ser. Eu era um prisioneiro de meu próprio corpo. Eu não sei onde aprendi até certos hábitos e maneiras masculinas, elas vinham naturalmente de dentro de mim” (Zé).

“Mas ela sempre me forçava a usar cachinhos, eu odiava cabelo grande. Até que um dia...você vai até rir... pra você ver como eu me irritava com cabelos grandes... eu vi que meus irmãos tiveram que raspar o cabelo porque pegaram piolho, pois eu fiz questão de brincar pertinho do piolhento da rua pra pegar piolhos e raspar a cabeça... e foi tão bom não ter que usar cabelo grande, laços (Sansão).

Autoidentificação foi experiência permeada pela culpa e pela confusão na vida dos três personagens. Arthur entrou em depressão por ter que agir como uma mulher; Zé buscou refúgio na religião por sentir-se culpado e Sansão fingia ser heterossexual para seus pais, com medo de represálias. As histórias de autoidentificação de Zé e de Sansão são semelhantes entre si: se consideravam lésbicas e posteriormente como transexuais heterossexuais. O processo de autoidentificação, na experiência de Artur, se diferencia: inicialmente, se percebia como heterossexual, ao final da adolescência, como homossexual e atualmente se percebe como transexual bissexual. Esse modo permanente de autoidentificação se modifica na experiência deste representante da geração mais nova e essa amplitude de possibilidades permite inúmeras experiências.

Para Arthur, ser transexual e bissexual é uma forma de subverter a ideia de que todo transexual masculino deve seguir o estereótipo de homem “machão” e heterossexual. O sentido atribuído a sua bissexualidade é de subversão a regras que começam a ser estabelecidas aos próprios transexuais. Podemos perceber que o fato de ser transexual bissexual evidencia que a transexualização não está vinculada à orientação sexual, mas a uma reivindicação da identidade, como podemos ver nos trechos a seguir:

“Eu sabia que era menina, porque fui criado como menina, com nome de menina, então achava que era menina” (Arthur).

“E eu já vivia em um ambiente LGBT, pouco heteronormativo, porque meus amigos a maioria era mais tranquilo, a gente estudava em um colégio que havia diversidade, no grupo tinha negros, pessoas de baixa renda, classe média, heteros, gays, lésbicas, era como se fosse uma família” (Arthur).

“[...] eu ainda tinha dúvidas se era transexual ou não, eu procurava características em outros homens transexuais para ver se eu também as tinha e se era transexual mesmo” (Arthur).

“Tem transexuais que tem problemas com isso, que acham que devemos ser os mais masculinos ou machões possíveis, algo bem estereotipado. Eu acho até que eu subverto isso, porque veja só, eu antes achava que era uma mulher heterossexual, depois comecei a me assumir como lésbica, aí depois me descobri como transexual. E durante um tempo, passei a não ficar com ninguém, na transexualização.. Aí quando voltei a ficar com alguém, voltei ficando com homens... homens gays” (Arthur).

“O conhecimento transexual é muito novo, vem de 8\9 anos pra cá. Eu tenho trinta anos de luta LGBT e sete de transexual. Não conhecíamos este termo homem trans, para nós éramos homossexuais, anos depois se dividiu... lésbicas\gays\travestis. Depois vieram os bissexuais e transexuais. Foram anos de lutas, para se chegar às letrinhas e definições” (Zé).

“Foi quando assumi que era lésbica, aos meus 37 anos... porque nessa época, na minha cabeça eu era lésbica. Foi quando comecei a usar roupas mais masculinas ainda e usar cuecas. Me senti livre e bem comigo mesmo” (Sansão).

“Comecei a me identificar como homem trans já coroa, antes eu pensava que era lésbica machona, caminhoneira” (Sansão).

A informação, via meios de comunicação, e a participação em movimentos organizados permitiu a Arthur, Sansão e Zé a se autoidentificarem como transexuais.

Aparência de menino era uma meta a ser conquistada: Para Zé, o uso de vestimentas e gestos masculinos era sinônimo de liberdade do ser. Roupas e brincadeiras femininas eram doloridas. Sansão considerava tudo relacionado ao universo feminino “irritante” e cheio de “frescuras”, enquanto que Arthur preferia brincar e agir como menino de forma “inconsciente”, porque se sentia bem. Fumar e participar como líder em movimentos

estudantis, para Zé, ganham sentido e foram modos de evidenciar masculinidade; Sansão alterna vestes masculinas e femininas para não ser notado até que, adulto, passou a usar roupas masculinas, pois se sentia livre ao vesti-las. Mundo masculino e livre ganha sentido para ele. Nessa época, Sansão se identificava como uma “lésbica machona”. Os trechos a seguir evidenciam esses pontos:

“A partir daí assumi minha aparência masculina: postura, roupas, comecei a fumar” (Zé).

“E quando alcancei o nível de líder, mais forte o homem vivia dentro de mim” (Zé).

“E fui levando a vida, eu usava cabelo curto, usava calça feminina e blusa social masculina, usava regata pra esconder, tentava misturar, sabe? Vai que o povo me olhasse torto... mais do que já olhavam” (Sansão)

Transformações corporais não requerem para Arthur, obrigatoriamente, que se siga um estereótipo masculino exacerbado apoiado em regras já estabelecidas de gênero. Afirma que a transformação corporal é uma ação com o intuito de se sentir bem consigo mesmo e não para atender a uma norma. Para Zé, a modificação do corpo auxilia o transexual atender aos requisitos impostos do que é “ser homem”, pela sociedade. O “parecer” ser homem é importante para não se sofrer preconceito e ser tratado como representante do universo masculino. Sansão considera que a modelação corporal é relevante para que o transexual tenha a imagem mais próxima o possível de um corpo masculino. Acredita, ainda, que mente e corpo devem ser os mesmos e estar em sintonia, tornando-se necessárias e obrigatórias às cirurgias.

A transexualidade é vista como um fenômeno social, natural e cultural por Arthur. Este não considera uma anomalia cerebral ou um transtorno, porém afirma que alguns transexuais ainda se prendem às normas heteronormativas homem – hetero – pênis e mulher – hetero - vagina. Zé considera que é uma identidade mental, produzida no seu contato com o corpo e com o meio. Sansão não apresenta uma opinião sobre o termo transexualidade em si, mas afirma que um transexual masculino somente é homem se o corpo apresentar pelos, pênis e músculos. Podemos perceber nos fragmentos abaixo:

“Acho que não tem a necessidade de ficar provando que é homem, uma masculinidade exagerada, acho que a minha masculinidade é o suficiente para acreditar que sou homem. Eu acho um absurdo quem exagera e tenta ser algo que vai além dos seus limites. Eu não tenho um corpo totalmente masculino, é como se eu não tivesse autoestima suficiente para me expressar com minha autoidentificação por completo, mas também eu não vou forçar, entende?” (Arthur).

“Não acho que seja doença mental, acho que seja um fenômeno... se existe uma doença mental, seria atrelada a isso, uma decorrência de fatores psicossociais de preconceito e que a cultura da gente nos obriga a fazer parte de uma norma heteronormativa e a gente se sente obrigado a seguir e acreditar nessas normas” (Arthur).

“Ser transexual independe da roupa que você está usando ou até mesmo com quem você está transando... ser transexual é ter uma identidade mental, diferente da que seu corpo apresenta. Eu por muitos anos só usei vestidos e roupas longas, mesmo assim, eu me sentia homem e desejava usar calças. A obrigatoriedade de mudar o corpo é muito pessoal... vai de cada um. E desejo sim, minha masculinização total... quero cirurgia, desejo hormonoterapia e tudo mais. Tenho amigos que não desejam passar por cirurgia, só hormonizados. A reconstrução do corpo ou da genitália é mais cobrança pessoal de cada um... e aí eu consigo acreditar pelo conhecimento e convivência que nós vivemos tantos anos sendo maltratados por todos, família, escola, sociedade, trabalho, que quando você cresce, você traz enraizado em seu íntimo uma cobrança de ser e parecer. Esse ser e parecer é isso de ter peito tem q ter identidade fêmea...tem pênis é identidade macho... se não tem nada físico que seja palpável, tocável...não é fêmea ou não é macho. Nascer trans é tão dolorido, você evitar ir a um banheiro, você evitar falar em público porque tem voz fina, você comprar prótese plástica para usar dentro da cueca, se envenenar com hormônios para ter pelos ou trejeitos masculinos. A sociedade vê um corpo de mulher vestido de homem, é como se você afrontasse, violentasse. Somos a quebra do que já é estabelecido, somos a prova de que as regras não comprovam nada, de que o certo e o errado é só ponto de vista, masculino / feminino é pouco, existe algo mais. Para alguns somos só o que eles veem: roupas!” (Zé).

“Eu sou homem, sempre fui, mas não tinha consciência. Acho que tem que se transformar, tem que tirar peito, tomar hormônio, ser homem mesmo, porque se não transforma você fica parecendo uma lésbica masculina, uma mulher máscula que gosta de outra mulher, eu não, eu sou homem trans, sou um homem que tem um corpo feminino, mas que precisa modelar seu corpo pra ser masculino e igual a sua mente de homem... Homem tem pênis, não tem peito, tem barba, é rude, macho... mulher é frágil, tem vagina, peitos, bundão, tem as diferenças... Eu sou o primeiro tipo, um homem, só que com corpo errado, apenas” (Sansão).

O modo como a **família** se relaciona com eles tem peculiaridades: Arthur levava as namoradas para casa, com o consentimento da família, para que estes tivessem conhecimento de sua vida amorosa; Zé passou a se empenhar nos estudos, no trabalho e na relação com a família, procurando “ser o melhor em tudo” para merecer o amor dos pais. Engravidou para poder dar a seus pais a filha que eles nunca tiveram e, Sansão namorou um rapaz para despistar as desconfianças da mãe. Parece que o representante da geração mais nova, Arthur, teve mais facilidade para assumir a homossexualidade. Zé aceita ser mãe para poder doar uma filha aos pais como uma maneira de “compensar” o sofrimento que considera ter causado à sua família. Para o representante da geração mais velha, ganha sentido, manter um relacionamento heterossexual, como uma tática de ocultação da sua homossexualidade, e ser melhor aceito pela mãe. Os fragmentos abaixo evidenciam essas peculiaridades:

“Eu procurava ser bom em tudo que eu fazia... ser o melhor da sala de aula...ser o melhor filho... ótimo amigo...eu precisava preencher a vergonha, o vazio, e a voz que gritava dentro de meu ser...” (Zé).

“Na minha cabeça eu era o errado... eu que tinha escolhido ser assim. Pensei, e resolvi que se eu tivesse uma filha ela ocuparia o meu lugar e meus pais ficariam felizes” (Zé).

“Meu pai disse que eu era uma puta em dar antes do casamento, mas minha mãe parecia feliz, acho que ela pensou: - amém, não é sapatão” (Sansão).

A mudança no prenome tem um significado e permanece entre as três gerações. O nome social masculino no ambiente cotidiano foi adotado pelos três transexuais masculinos. Entretanto, não houve mudança e formalização do prenome em documentos e registros civis. Além desse fator, Zé e Sansão consideram desrespeitoso serem chamados pelo nome batismo, visto que desautoriza a afirmação de suas identidades masculinas. Como podemos observar nos trechos abaixo:

“E eu, pessoalmente, sofri e sofro até hoje muita rejeição até em meio dos lgbt's. Ouvei, muitas vezes, risos e gente fazendo pouco caso, me chamando de ela e depois pedindo desculpas. Mas depois repetindo a situação” (Zé).

“Alguns se negam e chamam pelo nome feminino, aí corrijo e mando chamar no masculino, senão chamo o nome deles no gênero oposto ao deles... aí terminam chamando o nome masculino. Porque é chato, acho desrespeitoso, eu todo macho, todo homem, sendo chamado com nome de mulher. Sou mulherengo, grosso, casca dura, forte e ainda vem me chamar pelo nome masculino?” (Sansão).

A definição de papéis do outro na relação em conformidade com a autoidentificação apresenta indícios de ruptura nas experiências dos representantes das últimas duas gerações: Arthur e Zé afirmam que seus parceiros (as) não devem ter papéis estabelecidos em suas relações. No entanto, para Sansão, homens e mulheres apresentam funções, sentimentos e papéis definidos e estabelecidos, como podemos ver logo abaixo:

“[...] Homem tem pênis, não tem peito, tem barba, é rude, macho... mulher é frágil, tem vagina, peitos, bundão, tem as diferenças [...]” (Sansão).

O olhar do outro também implica sobre suas figuras, trazendo mudanças para a adequação dos corpos e da aparência visual, além de conflitos entre o que é necessário mostrar ou se deseja evidenciar (LIMA, 2011). O contato com o outro os fazem perceber o que deve ser comparado e transformado em seus corpos e visuais, podendo ser evidenciado nos trechos a seguir.

“Eu comecei a pesquisar em sites na internet, em blogs coisas relacionadas à transexualidade, conheci outros transexuais em redes sociais, comecei a conversar com eles, pesquisar, para saber mais, porque como era uma coisa que não esteve desde sempre na minha cabeça, eu comecei a ter dúvidas, mesmo começado o processo de transexualização com 6 meses, eu ainda tinha dúvidas se era transexual ou não, eu procurava características em outros homens transexuais para ver se eu também as tinha e se era transexual mesmo” (Arthur).

“[...] você comprar prótese plástica para usar dentro da cueca, se envenenar com hormônios para ter pelos ou trejeitos masculinos. A sociedade vê um corpo de mulher vestido de homem [...]” (Zé).

Mas depois fui lendo reportagens e assisti documentários na tv por assinatura, sobre transexualismo e vi que eu era um. Foi quando perguntei a aeromoça que namorei, na época, se pra ela eu era homem ou mulher. Ela disse que eu tinha corpo de mulher, mas atitude de homem.... foi aí que eu vi e pensei: sempre fui homem e não sabia. Mas só tomei coragem de modificar o corpo, uns anos atrás, antes pesquisei muito e entrei em contato com outros transexuais e profissionais para saber se era o que eu queria. E vi que é sim, sou homem, tenho jeito de homem e traços de homem, só falta ter corpo mais masculino, pra eu me sentir bem e completo. E pra as pessoas não me olharem torto. Ouça a minha voz, ela é masculina, sempre foi grave e grossa, acho que sempre fui macho, o problema que demorei a entender que era um” (Sansão).

Por último, a **participação política em movimentos organizados LGBT**. Segundo Arthur, o desconhecimento de grande parte da população acerca da existência dos transexuais masculinos deve-se ao fato de não possuírem uma imagem sexualizada e ligado ao “falo”, além dos próprios homens transexuais preferirem o anonimato para não sofrerem preconceito. Zé compactua da mesma opinião de que um anônimo ou pessoa que não tenha a transexualidade exposta sofrerá menos preconceito, fazendo com que muitos prefiram se esconder. A falta de consciência do que é ser transexual e a ausência de organização ainda são apontados como agravantes para essa invisibilidade dos movimentos transexuais masculinos. Sansão não demonstra interesse em participar dos movimentos organizados e diz preferir o anonimato. Este, por sua vez, é preferível para evitar sofrer preconceito.

Zé enfatizou a dificuldade em arranjar emprego. A transexualidade é vista como um entrave para crescimento profissional. A discriminação também é sentida no ambiente de trabalho e nos movimentos organizados LGBT. A evocação do prenome feminino é considerada uma afronta. Para ele, as pessoas o tratam com preconceito por possuir um corpo feminino, mas apresentar postura masculina e afirmar que é um homem. Arthur cita a discriminação no meio LGBT, enfatizando que a mesma enfraquece o grupo como um todo. Sansão também citou o desconforto de ser chamado pelo nome de batismo. Entretanto, o sentido atribuído ao preconceito sofrido é de que as pessoas, principalmente os homens, sentem inveja de sua capacidade de relacionar-se com muitas mulheres. Sentidos diferentes produzidos acerca do preconceito sofrido. Os fragmentos abaixo evidenciam o que foi analisado:

“O homem é visto como sexualizado e a mulher não, por causa do falo biológico... e nós trans masculinos somos considerados e colocados na categoria feminina. A nossa sexualidade não é vista, porque nós não temos um falo biológico, um pênis biológico.... e as trans femininas se tornam um objeto de desejo das

heterossexualidades masculinas, porque elas são figuras femininas, portanto objeto de desejo de uma masculinidade dominante e sua sexualidade existe, porque elas têm o falo. Já nós, trans masculinos, acontece ao contrário, não somos objeto de desejo... e nem existimos, não temos o falo” (Arthur).

“Fora que é muito mais fácil a gente viver anônimo, porque podemos transformar nosso corpo e obter um resultado sem que os outros percebam que somos trans” (Arthur).

“Muitas pessoas que são do movimento dizem que querem desconstruir essa heteronormatividade, mas não conseguem por completo, sem nem perceberem” (Arthur).

“Isso cabe a nós trans homens, nos unimos e construímos uma cultura, de todo esse movimento... eu acho que isso vai contribuir para que muitos construam esse posicionamento político enquanto homem trans, com significado social e político” (Arthur).

“As oportunidades nunca caminham com as condições... em minha vida, pelo menos, ou vinha uma ou nenhuma. É muito difícil oportunidade de emprego para o homem trans... o cara vê um homem, e no documento uma mulher, ele rejeita logo. As oportunidades surgem sempre nos empregos informais, cozinhas, costuras, salão de beleza. Trabalhos manuais pesados. E minha vida foi sempre muito difícil a luta pela sobrevivência, ao ponto de não fazer muita diferença ser formado \ ou não. Eu precisava trabalhar, por ter uma aparência que estava fora do perfil "senso comum"... nunca arranjava colocação alguma. Sempre descartado pela aparência masculina, só me restava a inteligência e criatividade... para sobreviver” (Zé).

”Eu sei que sou muito inteligente, trago comigo o dom da oratória, falo com muita fluência em público (perdoe-me a falta de modéstia) mas também reconheço que eu poderia ser um cara bem sucedido caso não fosse um trans” (Zé).

“Geralmente são homens que tem inveja de mim, mal sabem eles que “pego” mais mulheres que eles e bem bonitas” (Sansão).

As histórias das três gerações nos permitiram refletir que ao contrário das transexuais femininas, os masculinos parecem (exceto Sansão) não estar empenhados em atender aos pressupostos heteronormativos, apoiados nos binarismos masculino / macho e feminino / fêmea. A geração mais nova e do meio acreditam que a transexualidade não deve ser sustentada em estereótipos. A transformação corporal é necessária para o bem-estar do transexual ou para não sofrer preconceito. O ser transexual não está pautado na cirurgia de mudança de sexo ou na mastectomia, indo além desse pensamento reducionista. Para esses dois transexuais, a transexualização é um terceiro elemento e não uma imitação de um homem ou mulher.

5.3 A intrageracionalidade na geração mais nova

Os representantes da geração mais nova, Artur e Gisele, experimentam situações diferentes **nas brincadeiras de criança**. Gisele preferia brincar de bonecas. Essas preferências não recebem objeção por parte dos familiares. No contexto infantil, Gisele também não encontra dificuldades: as outras crianças consideravam Gisele como ela se apresentava, uma menina, mesmo que usando roupas masculinas. Artur tinha dúvidas, não se considerava um menino, se apresentava as outras crianças como seus pais diziam que era.

Os seguintes fragmentos de narrativas dessas experiências ilustram:

“Sempre ganhei boneca, brinquedo de menina... meu pai ainda trouxe, uma vez, um carrinho... eu quebrei e disse que queria boneca e não brinquedo de menino. Sempre brinquei de boneca e ganhava boneca” (Gisele).

“Sempre diziam: ei, parece uma menina, de cabelão e tudo” (Gisele).

“Eu sabia que era menina, porque fui criado como menina, com nome de menina, então achava que era menina” (Arthur).

Parecer menino ou menina se constitui importante demarcador de sentido (VIGOTSKI, 1993, 2007) das experiências transexuais: Gisele moldava suas roupas masculinas para que ficassem femininas e confirmassem o sentido de sua feminilidade, enquanto Arthur cortou os cabelos bem curto, aparentando uma masculinidade, de modo “inconsciente”, sem a intenção de parecer um menino. Estar e sentir-se inserido no contexto traz desafios e estratégias de ação, que foram assim relatadas:

“Eu dava nó na blusa pra ficar curtinha, que nem mulher” (Gisele).

“Eu não sabia que ia parecer um menino, mas eu queria cortar o cabelo daquele jeito, não sei por que, vai ver era algo inconsciente” (Arthur).

Na autoidentificação transexual as experiências são peculiares: Gisele nunca se autoidentificou como transexual, mas sim como mulher, desde criança. Já Arthur passou por um processo, identificando-se primeiramente como mulher heterossexual no início da adolescência, com forte marca da vontade da família; lésbica, ao conviver com outros colegas homossexuais e simpatizantes da diversidade sexual, social e étnica; e homem transexual/bissexual ao ter contato com outros transexuais, filmes e textos sobre transexualidade. O processo de transexualização para Arthur tem um sentido de liberdade e de felicidade consigo mesmo. Para Gisele é necessário uma reparação a algo incorreto no corpo. Vejamos abaixo:

“Transexual é aquele homem que quer tirar o órgão e virar mulher. Travesti é aquele que quer parecer com uma mulher, mas continua homem, quer ter o sexo, quer usar, já a transexual quer tirar o sexo. Como fui criada desde pequena como menina, descarto a possibilidade de ser travesti e transexual. Travesti é o homem que se traveste, que quer parecer com mulher... eu não, eu já nasci mulher, com corpo de mulher, semelhança de mulher” (Gisele).

“[...] eu antes achava que era uma mulher heterossexual, depois comecei a me assumir como lésbica, aí depois me descobri como transexual. E durante um tempo, passei a não ficar com ninguém, na transexualização.. Aí quando voltei a ficar com alguém, voltei ficando com homens... homens gays” (Arthur).

O acesso às informações foi importante para ambos: para atender a curiosidade de Gisele, porque esta se considera mulher ou para Artur ter certeza de sua condição transexual, conforme se vê a seguir:

“Eu gosto muito de ler, adoro ler, na minha casa tem muito livro, gosto muito de ler sobre transexual e travesti, não descarto falar sobre isso. Eu comecei a pesquisar mesmo, quando comecei a ter um raciocínio, com meus 15 anos que comecei a procurar” (Gisele).

“Eu comecei a pesquisar em sites na internet, em blogs coisas relacionadas à transexualidade, conheci outros transexuais em redes sociais, comecei a conversar com eles, pesquisar, para saber mais, porque como era uma coisa que não esteve desde sempre na minha cabeça, eu comecei a ter dúvidas, mesmo começado o processo de transexualização com 6 meses, eu ainda tinha dúvidas se era transexual ou não, eu procurava características em outros homens transexuais para ver se eu também as tinha e se era transexual mesmo” (Arthur).

Nesse sentido, a relação com o contexto, por meio do olhar do outro e do que se produz na cultura, a autoidentificação encontra significados que vão reverberando sentidos e vice-versa. O homem necessita do olhar e contato com o outro, em uma relação interdependente, para produzir sentidos e os significados (VIGOTSKI, 1993).

Os significados da compreensão e **definição de papéis do outro na relação**, ou seja, ser homem e o ser mulher – para Gisele – estão pautados em modelos delineados e binários. O primeiro é visualizado como agressivo, rude e frio, em contrapartida o segundo é considerado passivo, emotivo e delicado. Esses modelos tem força e permanecem na cultura e são mantidos fossilizados. Por outro lado, Arthur considera que atender a “papéis” apoiados em binarismos seria o mesmo que reproduzir regras heteronormativas, podendo indicar elementos de ruptura a essas regras. Como podemos observar nos fragmentos abaixo:

“Olha só, quando você é homossexual e quer passar para trans... hum... deixa eu ver, eu tenho um amigo que é homossexual e começou a passar a ser travesti, mas ele tem um pensamento masculino, ele tem a mentalidade masculina, jeito de falar. Se você reparar, eu sou feminina, tenho mentalidade de mulher, eu choro muito, tem vezes que começo a chorar do nada, que nem mulher, porque mulher é emotiva.

Porque homem não chora, porque homem tem aquele negócio de pegar no saco e coçar, falar gíria” (Gisele).

“Tem transexuais que tem problemas com isso, que acham que devemos ser os mais masculinos ou machões possíveis, algo bem estereotipado” (Arthur).

“Acho que não tem a necessidade de ficar provando que é homem, uma masculinidade exagerada, acho que a minha masculinidade é o suficiente para acreditar que sou homem. Eu acho um absurdo quem exagera e tenta ser algo que vai além dos seus limites” (Arthur).

“Não acho que seja doença mental, acho que seja um fenômeno... se existe uma doença mental, seria atrelada a isso, uma decorrência de fatores psicossociais de preconceito e que a cultura da gente nos obriga a fazer parte de uma norma heteronormativa e a gente se sente obrigado a seguir e acreditar nessas normas” (Arthur).

Transformações corporais, por sua vez, também apresentam diferentes sentidos: Gisele considera que devem seguir modelos estabelecidos e apoiados em ideais de corpo e comportamentos femininos/masculinos. Parte de uma ideia de que o corpo deve ser o mais parecido com o que é considerado natural. Arthur acredita que a transexualidade deve atender às necessidades da pessoa transexual e não se apoiar em arquétipos estabelecidos pela sociedade. Considera, ainda, que sua transexualização e bissexualidade são formas de subversão às regras de gênero. Entretanto, afirma que a pouca visibilidade dada aos transexuais masculinos se mantêm pelo fato dos mesmos não possuírem um “falo biológico”. Assim nos falam:

“Você já viu mulher com barba e voz grossa? Para mim, mulher... se tá pensando em ser mulher, que tome hormônio logo no começo, antes da puberdade. Não acho bonito, uma pessoa que se parece com homem e coloca um vestido, como tem um aqui nessa rua, lá no final. [...] Pode tá de saia o que for, de barba na cara, é homem” (Gisele).

“O homem é visto como sexualizado e a mulher não, por causa do falo biológico... e nós trans masculinos somos considerados e colocados na categoria feminina. A nossa sexualidade não é vista, porque nós não temos um falo biológico, um pênis biológico” (Arthur).

Nessa direção, Aran e Murta (2009) e Fausto-Sterling (2002) afirmam que a imposição da naturalização dos corpos, baseada em um discurso médico, termina por ser predominante no processo de transexualização. A transgenitalização e procedimentos de hormonização são vistos como formas de correção a um corpo “anormal” e que deve ser coerente às normas dos dois modelos de corpos biológicos: homem e mulher. Caso o sujeito queira se “transformar em mulher”, a sociedade e a medicina irão exigir que essa transformação e as características físicas sejam concernentes a esses modelos estabelecidos. Gisele permanece nesse discurso apoiado em modelos biológicos.

Concordante com essa reflexão, Nicholson (2000) afirma que essa diferenciação precisa dos corpos em masculino e feminino, macho e fêmea, origina-se da ideia de uma identidade sexual. Esta última se baseia na visão fisiológica de que homens e mulheres possuem corpos diferentes, e por isso, comportamentos diferenciados. Seria uma forma de dizer que o corpo é determinado apenas biologicamente e a “identidade dos sexos” é originada a partir do que esse mesmo corpo apresenta. O corpo equivaleria a um “porta-voz” da distinção binária de homem e mulher.

Por outro lado, Gagnon (2006) afirma que a ideia de sexo biológico, a forma de se fazer sexo e as sexualidades sofrem influências históricoculturais. Segundo esse autor, em cada cultura existem seus “roteiros sexuais”. Estes podem ser adaptados pelos indivíduos a partir dos seus contextos. Há roteiros sobre cada sexualidade, mas que a depender de cada um pode ser reproduzido ou modificado. Nesse caso, o que se entende sobre sexo hoje e no passado, pode ser recurso para se reproduzir a sexualidade no futuro. A ideia acerca do sexo é algo estrutural, que apresenta uma origem, mas que pode ser afetada e contextualizada, a depender da situação e momento histórico.

A mudança do prenome na documentação e registros civis é uma pretensão para ambos. Não relatam dificuldades em serem tratados/as pelo nome de batismo, embora no cotidiano já sejam tratados por nomes escolhidos.

A reação da família parece ir ao encontro de significados culturalmente difundidos que associam a transexualização a um transtorno mental. O pai de Gisele a levou, inicialmente, a um psiquiatra. A mãe de Arthur entende que ele estava com problemas mentais. Entretanto, a forma como as famílias lidaram foi diferente: os pais de Gisele aceitaram sua transexualidade, respeitando a utilização do prenome escolhido pela mesma. Os familiares de Arthur toleravam que o mesmo fosse homossexual, mas não transexual. Para a mãe de Arthur, a sua transexualidade estava associada a fazer papel de palhaço perante aos outros. Podemos perceber as nuances desse processo nos fragmentos a seguir:

“Bem, ele pensava que eu era doída, mas o psiquiatra disse que eu não tinha problema mental nenhum, que eu apenas pensava como menina, tinha cabeça feminina. Depois que o psiquiatra falou isso para ele, ele caiu em si e começou a me ver como menina totalmente” (Gisele).

“Como fui criada desde pequena como menina, descarto a possibilidade de ser travesti e transexual. Travesti é o homem que se traveste, que quer parecer com mulher... eu não, eu já nasci mulher, com corpo de mulher, semelhança de mulher” (Gisele).

Em relação à **participação em movimentos de transexuais**, os dois representantes apresentam concepções conflitantes: Gisele não demonstra interesse, porque se considera mulher e não se sente pertencente à categoria dos transexuais. Lutar por direitos está incoerente com o que pensa de si mesma. Contrariamente ao posicionamento de Arthur, pois acredita que ser militante é uma forma de exigir seus direitos e visibilizar os transexuais masculinos, apesar do anonimato oferecer uma vida sem violência. Parece que uma contradição está presente: ao mesmo tempo em que a participação política e a visibilidade indicam indícios de ruptura elas também trazem a possibilidade de sofrer preconceito. Estar anônimo tem razões defensivas. Vejamos, a seguir:

“Nem aos transgêneros me vinculo ou me identifico. A única coisa que eu não digo “eu sou realmente uma mulher” é a genitália, mas nunca tive dúvida” (Gisele).

“Isso cabe a nós trans homens, nos unimos e construímos uma cultura, de todo esse movimento... eu acho que isso vai contribuir para que muitos construam esse posicionamento político enquanto homem trans, com significado social e político” (Arthur).

“Mas quando criarmos um grupo e for unido, acho que vai surgir naturalmente. Como as trans femininas que tem as culturas delas associadas a coisas artísticas como shows de drag, toda uma cultura que vem do iorubá e da cultura de terreiro... a gente ainda não tem isso, mas na união, com o grupo, pode ser que surja” (Arthur).

Em síntese, podemos destacar que os dois representantes da mesma geração indicaram permanência nas significações de adequação do visual para menino (Arthur) e menina (Gisele) quando crianças e mudança do prenome, e importantes indícios de ruptura nesse processo: autoidentificação transexual, transformação corporal e definição de papéis para homem e mulher, relação com a família, participação política em movimentos transexuais.

5.4 A intrageracionalidade na geração do meio

Os representantes da geração do meio, Joana e Sansão, lembram que na infância sentiam-se diferentes das outras crianças. Desde cedo, Joana paquerava os rapazes na praia, enquanto que Zé ficava fascinado pelas moças religiosas. Nas **brincadeiras** com as outras crianças preferiam jogos infantis diferentes dos esperados e propostos: Joana não gostava de jogar futebol e nem de brincar com brinquedos masculinos, enquanto que Zé considerava que as brincadeiras dos meninos eram sinônimos de liberdade. Joana criava estratégias de disfarce

para transitar entre os dois grupos e participar de brincadeiras femininas. Zé tinha medo de brincar com os meninos, então preferia, forçadamente, participar de jogos femininos. Parece ter sido mais fácil para Joana transitar disfarçadamente entre os meninos e as meninas.

A **autoidentificação** inicial é a de homossexual para ambos e apresentou permanência em seus processos: na adolescência e com sentimentos de medo e de culpa por sentirem atração homoafetiva. Frequentar e praticar preceitos religiosos são sentidos diferentes: Zé buscava uma forma de aliviar sua culpa, enquanto que Joana frequentava obrigatoriamente como forma de agradar a família e evitar represálias. Contato com outros homossexuais auxiliaram no processo de autoidentificação: Zé passou a se considerar lésbica ao ter seu primeiro relacionamento com mulheres e Joana cogitou ser gay ao conversar com um amigo homossexual. Passaram a se considerarem transexuais em idades diferentes: Zé se reconheceu como transexual após os 40 anos, enquanto que Joana se autoidentificou como transexual no final da adolescência. O primeiro alega que seu reconhecimento enquanto transexual masculino foi tardio devido à invisibilidade da transexualidade masculina nos meios midiáticos e movimentos organizados, visto que não teve muito contato com outros transexuais masculinos. Já a segunda alega que notava diferenças entre seu comportamento e dos amigos homossexuais, pois não sentia atração homoafetiva apenas, mas queria ser e *comportar-se como uma mulher*.

Nesse sentido, as narrativas ressaltam que o contato com o outro auxilia na produção de suas identidades e edificação de sentidos e significados. Podemos perceber nos trechos abaixo:

“Eu brincava mais... na verdade, eu não brincava com meninas. Até hoje eu não gosto muito de andar com meninas, não sei por que, pois a maioria gosta, vê logo que é gay, aquele rapaz no meio de um monte de menina. Eu não, não gostava. Eu gostava de andar com menina e menino, tudo junto. Mas na hora das brincadeiras, era assim... homem só gosta de brincar de bola, né? Mas eu não queria, não vejo graça, em ficar olhando e correndo atrás de uma bola. Aí inventava que o pé tava doente, eu ficava olhando os meninos jogando bola” (Joana).

“Foi desde a infância até a adolescência assim, escondendo, escondendo. Só que aos poucos eu fui vendo que tinha pessoas que eram iguais a mim” (Joana).

“Então eu era um pouco reprimida, não tinha contato, era da igreja pra casa, da casa pra escola” (Joana).

“Eu olhava para ele e tinha um presentimento que ele era igual a mim, que era gay... nessa época, eu pensava que eu era gay” (Joana).

“Eu só não sabia definir, o que era. Eu comecei a me definir que não era gay, que não deveria me vestir como homem e nem gostava de viver como homem, na adolescência... que eu queria me vestir que nem mulher e ser mulher” (Joana).

“Eu sinto assim, desde criança eu olhava para o meu interior e encontrava um menino... mesmo que quando eu tomava banho e me via diante do espelho lá refletido um corpo de mulher. Eu tinha inveja dos gestos e brincadeiras mais simples dos meus irmãos, eles eram livres no ser” (Zé).

”Mergulhei na igreja nas doutrinas, nas cobranças e julgamentos... e cada vez mais forte eu sentia a divisão dentro de mim... o homem q existia , e as origens e doutrinas q foram plantadas dentro de mim. Eu procurava ser bom em tudo que eu fazia... ser o melhor da sala de aula...ser o melhor filho... ótimo amigo...eu precisava preencher a vergonha, o vazio , e a voz que gritava dentro de meu ser... que eu era um homem em um corpo errado, um corpo de mulher, porque eu nunca tive um corpo feminino” (Zé).

Aparência para compor a transformação visual tem peculiaridades: Joana ao se identificar enquanto transexual, preferiu alternar entre usar uma peça masculina e outra feminina, como forma de não chocar. Zé - mesmo não se identificando como transexual na adolescência e em grande parte da fase adulta - adotou uma postura masculina. Acreditava que o fato de fumar e tornar-se líder em movimentos políticos o tornava masculino e fortaleceria o homem dentro de si. A liderança e o poder político ganham sentido de masculinidade, para Zé. Algumas estratégias de adaptação foram utilizadas para superarem a dificuldade no relacionamento com a família e comunidade: Joana, além de alternar o uso de roupas masculinas e femininas, passou a comportar-se de forma menos vulgar. Zé procurava ser competente em todos os papéis sociais que desempenhava: filho, estudante, religioso e militante. Engravidou para que seus pais pudessem adotar sua filha e terem o prazer de criar uma criança que não fosse transexual. Estratégias utilizadas no sentido de serem aceitos. A maneira de vestir-se ou uma gravidez planejada ganham contornos, funções e sentidos além dos significados sociais compartilhados.

Consideramos, no entanto que, ao adotarem roupas e posturas as quais se identificam, atendem às suas reivindicações identitárias, todavia subvertem as normas e regras estabelecidas dos binarismos masculino e feminino. Decididamente, porque suas genitálias estão assinaladas e significadas em uma cultura que associa pênis – homem – masculino e vagina – mulher – feminina, em uma lógica exclusivamente biológica e naturalista, as estratégias de adaptação utilizadas estão também presas a esta mesma cultura e tem a finalidade de evitar sofrimento e represálias. O nosso corpo está inserido culturalmente em papéis determinados, sendo o diferente considerado estranho e anormal (STADLER; CARMO, 2011).

Cultura esta que define também a aparência como critério de inserção no mundo do trabalho: as duas narrativas evidenciam sofrimento e preconceito: Zé acredita que a sua imagem de transexual masculino impossibilitou conseguir trabalhos formais antes de ser concursado. Joana alega que as transexuais femininas não arrumam emprego porque a sociedade quer escondê-las. Resta então, a inserção no mercado informal.

Transformação corporal é vista como necessária para evitar discriminação e preconceito: Joana afirma que um comportamento mais reservado, sem vulgaridades e o corpo transformado são ações necessárias para que as transexuais não sofram discriminação e violência. O “portar-se de acordo com uma mulher”, seguindo seus papéis sociais é uma maneira de adentrar ao universo feminino e, concomitantemente, não ser agredida. O preconceito a tornou mais cautelosa e reservada. Zé está concordante que as modificações do corpo e da imagem auxiliam no anonimato e evitam preconceito. Contudo, reconhece que a invisibilidade e a manutenção do que é estabelecido - nos binarismos homem/masculino e mulher/feminino - dificulta, a reivindicação dos direitos dos transexuais. Sentir-se homem transexual é mais importante do que a transformação corporal. Esta se torna importante apenas para “parecer ser homem” e não sofrer preconceito. No caso de Joana, a transexualidade é uma consonância entre a mente e o corpo, onde ambos devem estar em conformidade. A cirurgia de transgenitalização e o uso de hormônios para desaparecimento dos pelos corporais são obrigatórios para ser uma mulher transexual. Os sentidos nas narrativas abaixo evidenciam esses pontos de vista peculiares e diferentes:

“Aí eu fui vestindo uma blusinha feminina, com calça masculina ou uma blusinha masculina com uma calça feminina” (Joana).

“Aí eu fui amadurecendo, conhecendo pessoas que me orientassem, revi meu comportamento, que não era pra tá andando vulgar, aí já comecei a ver meu modo de vestir, aos poucos para não chocar o povo, fui tendo um pouco de noção, me dei ao respeito para ter o respeito” (Joana).

“Eu acho necessário esse processo de transformação, uso de hormônios, para que ela, a transexual, tenha uma certeza, se autoafirmar. Ela tem que modificar o corpo, ela não pode... pronto, já que tocamos nesse assunto... eu acho ridículo esses caras que se dizem travesti e transexual e tem um corpo totalmente masculino, barba, não tem nem a decência de tirar a barba. Coloca vestido, se maquia... fica com marca de barba, músculos, isso é ridículo. Servem de mangação pra o povo. O processo de hormonização para que seu corpo fique feminino e não sirva de mangação para os outros. O processo de transformação é importante para você e para as pessoas que vão te ver. Agora o que acontece, isso na maioria dos casos, os travestis e transexuais não tem dinheiro para a transformação e fazem por conta própria” (Joana).

“Na questão do emprego, você vê muitos gays em lojas trabalhando, mas você não vê uma travesti, uma transexual, porque as pessoas acham que chocam. Apesar de ser pouca hipocrisia, porque choca na hora, porque vá na orla, nos bares de beira de esquina, uma transexual coloca um vestido e fica com vários caras. Choca na hora, no meio dito familiar, o shopping...” (Joana).

“Na minha cabeça eu era o errado... eu que tinha escolhido ser assim. Pensei, e resolvi que se eu tivesse uma filha ela ocuparia o meu lugar e meus pais ficariam felizes” (Zé).

“Eu procurava ser bom em tudo que eu fazia... ser o melhor da sala de aula...ser o melhor filho... ótimo amigo...eu precisava preencher a vergonha, o vazio, e a voz que gritava dentro de meu ser...” (Zé).

É muito difícil oportunidade de emprego para o homem trans... o cara vê um homem, e no documento uma mulher, ele rejeita logo. As oportunidades surgem sempre nos empregos informais, cozinhas, costuras, salão de beleza. Trabalhos manuais pesados. E minha vida foi sempre muito difícil a luta pela sobrevivência, ao ponto de não fazer muita diferença ser formado \ ou não. Eu precisava trabalhar, por ter uma aparência que estava fora do perfil "senso comum"... nunca arranjava colocação alguma. Sempre descartado pela aparência masculina, só me restava a inteligência e criatividade... para sobreviver. E como eu deve ter milhares de homens trans vivendo à margem da sociedade, mas muito mais grave, à margem da vida: a família não nos quer, a empresa nos exclui, a sociedade nos discrimina” (Zé).

“Eu sei que sou muito inteligente, trago comigo o dom da oratória, falo com muita fluência em público (perdoe-me a falta de modéstia) mas também reconheço que eu poderia ser um cara bem sucedido caso não fosse um trans” (Zé).

Eu por muitos anos só usei vestidos e roupas longas, mesmo assim, eu me sentia homem e desejava usar calças. A obrigatoriedade de mudar o corpo é muito pessoal... vai de cada um. E desejo sim, minha masculinização total... quero cirurgia, desejo hormonoterapia e tudo mais. Tenho amigos que não desejam passar por cirurgia, só hormonizados. A reconstrução do corpo ou da genitália é mais cobrança pessoal de cada um... e aí eu consigo acreditar pelo conhecimento e convivência que nós vivemos tantos anos sendo maltratados por todos, família, escola, sociedade, trabalho, que quando você cresce, você traz enraizado em seu íntimo uma cobrança de ser e parecer. Esse ser e parecer é isso de ter peito tem q ter identidade fêmea...tem pênis é identidade macho... se não tem nada físico que seja palpável, tocável...não é fêmea ou não é macho. Nascer trans é tão dolorido, você evitar ir a um banheiro, você evitar falar em público porque tem voz fina, você comprar prótese plástica para usar dentro da cueca, se envenenar com hormônios para ter pelos ou trejeitos masculinos. A sociedade vê um corpo de mulher vestido de homem, é como se você afrontasse, violentasse. Somos a quebra do que já é estabelecido, somos a prova de que as regras não comprovam nada, de que o certo e o errado é só ponto de vista, masculino / feminino é pouco, existe algo mais. Para alguns somos só o que eles veem: roupas!” (Zé).

A mudança no prenome, no cotidiano, apresentou importante permanência nessa geração: Joana e Zé pretendem ter seus nomes sociais registrados nos documentos civis. Joana solicitou aos professores que fosse colocado seu prenome social na caderneta de chamada e exigiu aos colegas e familiares que a chamassem pelo nome feminino. Zé também pediu aos amigos, colegas de trabalho, de partido político e familiares que o referisse com o nome

masculino. Ambos consideram desrespeitoso e doloroso serem chamados pelo prenome de batismo e serem associados ao gênero ao qual não se identificam.

Definição de papéis do outro na relação indica algumas nuances de gênero: Joana considera que uma transexual deve ser mais delicada e passiva, sendo seu parceiro mais ativo. Para ela, todo companheiro de uma transexual deve ser um homem heterossexual e não homossexual. Zé afirma que o ser ativo e a liderança em movimentos políticos faz crescer o homem que existe dentro de si. Considera ainda que há algumas posturas que são mais masculinas, como fumar. Há definições, em ambos os casos, de papéis masculinos e femininos que são compartilhados culturalmente.

A relação com a família indica aspectos de permanências: os familiares de Joana e Zé não aceitaram suas transexualizações, sendo a primeira vítima de violência física por parte de um familiar. Zé não sofreu agressão física dos familiares, contudo não era respeitado por sua mãe que solicitava que o mesmo não tivesse contato com suas amigas e seus vizinhos, pois *tinha vergonha da transexualidade do filho*. As estratégias para serem aceitos indicam permanência e manutenção - Zé engravidou e permitiu que seus pais adotassem sua filha, enquanto Joana alternava entre roupas masculinas e femininas para não chocar os familiares.

Participação política indica elementos e permanências intrageracionais: os dois representantes da geração do meio, Joana e Zé, são militantes de movimentos LGBT e acreditam que as pessoas transexuais devem ser mais politizadas, com intuito de garantirem seus direitos.

O processo de transexualização da geração do meio apresentou algumas rupturas: os sentidos produzidos acerca da transformação corporal e dos comportamentos normativos esperados para um transexual, bem como permanências em relação à significação do preconceito, da relação com a família e no ambiente de trabalho.

5.5 A intrageracionalidade na geração mais velha

As lembranças narradas pelos representantes da geração mais velha, Bridget e Sansão, destacam que as **brincadeiras de crianças** marcaram suas histórias: Bridget não se sentia a

vontade com os meninos, enquanto que Sansão preferia a companhia dos amigos nas brincadeiras e jogos, por achar que as meninas eram “frescas”. Entretanto, Sansão tinha liberdade para brincar com os meninos, ao contrário de Bridget que era proibida de brincar com meninas.

A **aparência** e as estratégias de disfarce, para ambos, foram utilizadas para situações distintas: Bridget brincava com grupos mistos para poder participar e ter liberdade de brincadeiras junto às meninas e não ser considerada “maricas”. Sansão pegava “piolhos” para poder raspar os cabelos e sentir-se mais menino e adequado visualmente. Ambos tentavam passar despercebidos perante o olhar das outras crianças e dos seus pais. Esses sentimentos perduram até a adolescência. Os dois representantes da geração mais velha não participavam de paqueras juntos aos amigos, preferindo estarem em refúgio: Bridget preferia ir ao cinema assistir filmes com atrizes famosas – e imitá-las em seu quarto –, mesmo que se sentindo diferente, como algo ruim e Sansão colecionava revistas de faroeste. Os fragmentos abaixo evidenciam o que foi exposto até esse momento:

“Mas ela sempre me forçava a usar cachinhos, eu odiava cabelo grande. Até que um dia...você vai até rir... pra você ver como eu me irritava com cabelos grandes... eu vi que meus irmãos tiveram que raspar o cabelo porque pegaram piolho, pois eu fiz questão de brincar pertinho do piolhento da rua pra pegar piolhos e raspar a cabeça... e foi tão bom não ter que usar cabelo grande, laços. Mas aí o cabelo cresce, mas por sorte, minha mãe cortou meu cabelo um pouco abaixo da orelha... era menos pior” (Sansão).

“Meu pai sempre me tratou bem, nunca ficava no meu pé, até porque eu nem namorava, a preocupação dele era que eu ficasse grávida e mal falado.... acho que por isso ele nem notava que eu era masculino demais. Mamãe notava, porque vez ou outra me empurrava pretendentes. Foi passando o tempo e saímos da nossa cidade e fomos estudar fora, eu e meus dois irmãos... nossa família era rica... quer dizer, ainda é rica. Aí nessa época fui notando que era diferente de garotas e mais parecido com homens. Foi quando ouvi na rua me chamarem de Maria Homem... e eu nem fiquei ofendido” (Sansão).

“Algo ruim no corpo” (Bridget).

Essas estratégias de sobrevivência e de inserção no contexto social e cultural são permeadas de sofrimento, pois ao mesmo tempo em que devem seguir normas externas, devem atender aos desejos e inquietações como sujeito (PINO, 2005).

A **autoidentificação** inicial para ambos foi como homossexual: Bridget assumiu ser gay aos 25 anos e Sansão considerava-se lésbica aos 18 anos. A relação com outros homossexuais permitiu essa identificação. Entretanto, Bridget, também se percebia como travesti, antes de se autoidentificar transexual. Podemos perceber nos trechos abaixo:

“Comecei a me identificar como homem trans já coroa, antes eu pensava que era lésbica machona, caminhoneira. Mas depois fui lendo reportagens e assisti documentários na tv por assinatura, sobre transexualismo e vi que eu era um” (Sansão).

“Eu acho que primeiro me vi como gay, depois travesti e por último trans, mas até quando eu era gay e me travestia, eu via que queria era mesmo ser mulher, entende?” (Bridget).

As **transformações corporais e visuais** foram gradativas: Sansão alternava entre peças masculinas e femininas e Bridget usava roupas femininas sociais no ambiente de trabalho. A modelação corporal é vista, para ambos, como uma forma de tornar seus corpos coerentes com os “modelos naturais” de homem e mulher. A afirmação do “corpo errado” é recorrente em suas narrativas. Além disso, com as intervenções cirúrgicas, Bridget e Sansão podem passar despercebidos aos julgamentos das outras pessoas, podendo, assim, viver no anonimato. Este último serve como uma proteção contra o preconceito e homofobia, tornando-se uma alternativa comum adotada por vários transexuais (BENTO, 2006).

Podemos observar que esse olhar sobre o corpo torna-se um instrumento político, visto que atende às necessidades e funcionamentos de determinados grupos. Nesse caso, não adiantaria apenas o sujeito afirmar “eu sou mulher” ou “eu sou homem”, mas sim atender ao pressuposto do gênero como representante do biológico (LAQUEUR, 2001). Assim, Bridget acredita que transexuais são vítimas de transfobia por serem considerados diferentes e Sansão afirma que os homens o tratam com agressividade e intolerância por terem inveja de sua sorte com as mulheres. Como podemos perceber no trecho abaixo:

“Geralmente são homens que tem inveja de mim, mal sabem eles que “pego” mais mulheres que eles e bem bonitas” (Sansão).

“Lutei muito para ser feminina e ser mulher, não acho interessante que comecem a me tratar mal porque no passado fui uma pessoa de corpo masculino e cabeça de mulher [...]” (Bridget).

O acesso às informações sobre a transexualidade para ambos ocorreu pelos meios de comunicação midiáticos: reportagens e documentários na televisão; por pesquisas na internet e em livros específicos sobre o tema; contato com outros transexuais e a procura por profissionais especialistas na área da transexualização.

Os fragmentos de narrativas a seguir retratam o processo de transformação corporal:

“Resolvi fazer a raspagem do pomo de adão, por questões estéticas, sabe? Mulher de gogó não existe, né?” (Bridget).

“As pessoas julgam sem saber, pensam que trans é homem que cortou o pênis e não é... parece que ser homem tem que nascer com pênis e mulher com vagina, não entendem o interior” (Bridget).

“Sim... sou uma mulher transexual... não fico dizendo que nasci com corpo de mulher e acho que ser mulher ou homem é tornar-se, sabe? Eu tive o azar de nascer com corpo masculino, mas sempre tive alma feminina, o problema é que demorei pra notar que era trans, acho que o medo não permitia” (Bridget).

“Eu não critico homens afeminados que rebolam e falam fino mesmo com barba, porque tenho que levar críticas por modelar meu corpo de acordo com o que acredito que sou?” (Bridget).

“E fui levando a vida, eu usava cabelo curto, usava calça feminina e blusa social masculina, usava regata pra esconder, tentava misturar, sabe? Vai que o povo me olhasse torto... mais do que já olhavam” (Sansão).

“Foi quando assumi que era lésbica, aos meus 37 anos... porque nessa época, na minha cabeça eu era lésbica. Foi quando comecei a usar roupas mais masculinas ainda e usar cuecas” (Sansão).

“Mas só tomei coragem de modificar o corpo, uns dois anos atrás, antes pesquisei muito e entrei em contato com outros transexuais e profissionais para saber se era o que eu queria. E vi que é sim, sou homem, tenho jeito de homem e traços de homem, só falta ter corpo mais masculino, pra eu me sentir bem e completo. E pra as pessoas não me olharem torto. Ouça a minha voz, ela é masculina, sempre foi grave e grossa, acho que sempre fui macho, o problema que demorei a entender que era um” (Sansão).

“Porque é chato, acho desrespeitoso, eu todo macho, todo homem, sendo chamado com nome de mulher. Sou mulherengo, grosso, casca dura, forte e ainda vem me chamar pelo nome masculino?” (Sansão).

“Eu sou homem, sempre fui, mas não tinha consciência. Acho que tem que se transformar, tem que tirar peito, tomar hormônio, ser homem mesmo, porque se não transforma você fica parecendo uma lésbica masculina, uma mulher máscula que gosta de outra mulher, eu não, eu sou homem trans, sou um homem que tem um corpo feminino, mas que precisa modelar seu corpo pra ser masculino e igual a sua mente de homem... Homem tem pênis, não tem peito, tem barba, é rude, macho... mulher é frágil, tem vagina, peitos, bundão, tem as diferenças... Eu sou o primeiro tipo, um homem, só que com corpo errado, apenas” (Sansão).

O discurso de Bridget e Sansão acerca da modelação corporal está associado à necessidade de aceitabilidade social e coerência entre psiquismo e corpo. Alguns transexuais acreditam que a intervenção cirúrgica é uma forma de conter um corpo sexuado e serem aceitos pela sociedade, visto que sua estrutura corporal visualmente seria a mais feminina, ou masculina, possível. Essa ideia pode estar também associada às regras normativas de gênero, visto que a concepção de masculino e feminino está definida pela genitália (BENTO, 2006; 2009). Desse modo, seriam ideais impostos por normas sociais e repetida, reafirmada, contraditoriamente, pelos sujeitos que gostariam de romper com essas mesmas normas.

Mudança no prenome está presente nas narrativas dos dois transexuais da geração mais velha: Bridget mudou o prenome nos registros civis e casou-se no exterior, de forma legalizada. Para Sansão, este processo ainda será empreendido. Este pretende mudar o nome de batismo para o social em seus documentos, após as primeiras transformações corporais em uma instituição em outro estado.

A definição de papéis do outro na relação, ser homem e ser mulher refletem a permanência dos significados compartilhados culturalmente: Bridget considera que uma mulher deve ser discreta e passiva e Sansão acredita que o corpo masculino deve apresentar virilidade e agressividade. Para este, todo homem transexual é heterossexual, pelo fato de ser homem. Reafirma assim, valores pautados em regras heteronormativas que privilegia os binarismos masculino e feminino com suas características e funções construídas histórica, social e culturalmente.

Nesse sentido, Hennigen (2006) destaca como o controle e modelações de comportamento atendem as normatizações, negando as diferenças, as pluralidades, contextos e experiências dos sujeitos. A transexualidade questiona o binarismo - masculino e feminino -- e incomoda as “transgressões” a essas normatizações.

A relação com a família indica aspectos de permanência: os dois representantes dessa geração foram obrigados pelos pais a brincarem com meninas (Sansão) e meninos (Bridget). Ambos, na adolescência e início da fase adulta, foram morar e trabalhar longe da família, distanciando-se dela. A reação da família ao saber de suas transexualidade, segundo as narrativas foi de preconceito e distanciamento.

A participação política em movimentos transexuais evidencia a opção pelo anonimato ou a visibilidade: Sansão e Bridget não participam da militância LGBT por preferirem viver no anonimato, e Bridget considera que há discriminação entre os próprios membros desses movimentos.

Em síntese, as análises intergeracionais e intrageracionais aqui apresentadas evidenciaram alguns elementos de manutenção: o significado dos papéis sociais de homens e mulheres mostrou-se bastante pertinente nas falas das três transexuais femininas, podendo ser considerado um elemento fossilizado na cultura e transmitido intergeracionalmente: Gisele,

Joana e Bridget compartilham a ideia de que homem deve ser o mais masculino, rude e ativo possível, enquanto mulheres devem ser reservadas, delicadas e passivas.

Os elementos de manutenção no processo de autoidentificação transexual: Joana e Bridget se percebem homossexual para depois, se considerarem transexuais. Todas, no entanto, compartilham a ideia de que devem seguir regras de comportamento para adentrarem ao universo feminino. O mesmo ocorre com os transexuais que se identificavam como homossexuais e, em seguida, transexuais. Apenas Gisele não se considera transexual, mas uma mulher com um erro na genitália.

O processo de transexualização masculina permite detectar rupturas nos seguintes sentidos: Arthur e Zé mostraram-se contrários à reprodução de estereótipos masculinos, considerando que a transexualidade vai além desses rótulos. Apenas Sansão, representante da geração mais velha, não concorda desta opinião.

Na análise intrageracional, percebemos que houve importantes sinais de rupturas entre os representantes da geração mais nova e do meio acerca das significações de transexualidade, homem, mulher e auto-identificação transexual. Na geração mais velha, há mais elementos de manutenção dos significados sociais do ser homem e ser mulher.

Os transexuais da geração mais nova e a transexual feminina da geração do meio se autoidentificaram como transexuais - ou mulher, no caso de Gisele - mais cedo devido ao acesso a meios midiáticos. O transexual masculino e os transexuais da geração mais velha apresentaram autoidentificação transexual mais tarde.

As rupturas estão presentes nos sentidos de adequação visual, à opinião acerca da transfobia, à orientação sexual e participação em movimentos transexuais. As permanências estão relacionadas às brincadeiras de criança, estratégias de disfarce, relação com a família, significado de ser homem e ser mulher, acesso à temática da transexualidade e a modelação corporal para auxiliar no anonimato.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que as contribuições teóricas e metodológicas da Psicologia Sócio-Histórica, estudos de gênero, corpo e identidade são férteis para a compreensão da complexidade do processo de transexualização. Trata-se de um processo autoidentitário que envolve mais do que travestilidade, transformação corporal e mudança de prenome social. Esse processo deve considerar os aspectos de inserção em contexto social, histórico e político, os quais permitem a expressão de identidades mutantes. A expressão destas pode ser viabilizada por meio de entrevistas narrativas, na produção de história de vida como método de pesquisa qualitativo.

Nesse sentido, consideramos a riqueza da produção das histórias de vida, visto que estas permitem uma lembrança que se presentifica na narração, expressando assim, experiências individuais/sociais e históricas. Permitem ainda um encontro profícuo entre pesquisador/contador de história de um outro e sujeito/narrador de história de si. A alteridade se torna um exercício constante e desafiador. As histórias expressam a complexidade da vida, impregnam-se de fatos, de nuances e de experiências. A flexibilidade da pesquisa qualitativa permite algumas mudanças durante o processo da pesquisa. Neste estudo, o uso da internet foi fundamental para o registro virtual de uma das narrativas – a de Zé - em função da distância geográfica.

Desse modo, a história oral – ou escrita – acessada através da memória permite a expressão do processo de transexualização com a identificação da manutenção de significados e a produção de novos sentidos. Assim, os aspectos históricos de manutenção do conceito puderam ser analisados na produção histórica, a partir do levantamento bibliográfico da temática. A conceituação de transexualidade produzida na primeira metade do século XX caracteriza-se pelos diagnósticos de psicose sexual nos anos 50, modificando-se recentemente no DSM IV para “Transtorno de Identidade de Gênero”. Estes usos e termos contribuem para a sedimentação e fossilização de significados compartilhados e podem alimentar preconceitos.

O recorte de análise intergeracional, nas histórias de vida, permite observarmos a manutenção de aspectos do conceito de transexualidade em diferentes períodos e contextos históricos lembrados pelos sujeitos privilegiados. Proporciona, ainda, visualizarmos as permanências de significados compartilhados e fossilizados e as possíveis rupturas.

A intrageracionalidade permite percebermos as nuances e experiências de gênero entre os representantes da mesma geração. Nesse caso, torna possível o acompanhamento do processo de produção de sentido e de ressignificação de suas transexualizações.

Consideramos que no processo de transexualização, descritos pelos (as) transexuais participantes, não há uma decisão abrupta dessa transformação, nem um entendimento de que seus corpos não estavam em “consonância” com o gênero identificado. Ocorre sim, uma mudança complexa, ao longo de suas histórias, em que estão configurados os significados compartilhados e resistentes às mudanças, os quais permanecem e sustentam os preconceitos. Os significados mantêm-se fossilizados na cultura, transmitidos intergeracionalmente. Convivem, por outro lado, nesse mesmo processo, como a outra face da mesma moeda, as experiências cotidianas que permitem uma modificação e, quiçá, uma ruptura por meio de novos sentidos. Os sentidos, portanto, não são elementos fixos, mas sim, produzidos através da linguagem e da sua função comunicativa estabelecidas pelas interações sociais, simbólicas e históricas. Por ser algo experiencial e repleto de cargas afetivas, o sentido é pessoal e mutante.

As categorias de sentido temáticas permitiram a visão de um mundo permissível ou não da criança e das brincadeiras: aqueles que tiveram contexto menos livre, como os três transexuais masculinos e as duas transexuais da geração do meio e mais velha, precisaram adotar estratégias de disfarce para não sofrerem preconceito por parte dos pais e das outras crianças. O sentir-se diferente das outras crianças, o desejo de participar de brincadeiras, usar roupas e cortes de cabelos contrários ao seu “papel social de gênero” manteve-se em todos os relatos.

A aparência é um elemento bastante pontual no processo de transexualização dos seis sujeitos da pesquisa. Ter que parecer menino ou menina, estar conforme os padrões de gênero heteronormativos, leva os/as seis transexuais entrevistados a transformarem o corpo e mudarem o visual. A autoimagem torna-se importante para que o outro o aceite. O olhar do meio interfere nas visões de que Gisele, Bridget, Joana, Zé e Sansão possuem sobre seus corpos. A aparência e o parecer ser fazem parte de uma negociação social com a família e comunidade. O ideal de corpo está pautado em normas sociais do que é uma estrutura corpórea de um homem e de uma mulher e seus respectivos comportamentos, mantendo-se o binarismo.

Observamos, ainda, que o “parecer ser homem/ mulher” auxilia no anonimato da pessoa transexual, e, por conseguinte, a defende do preconceito. Entretanto, Arthur e Zé consideram que a obscuridade de suas transexualidades impossibilita as reivindicações por seus direitos. Os outros entrevistados veem a invisibilidade como uma forma de não sofrer preconceito. O não ser percebido torna-se uma defesa e resguardo. O parecer ser transforma-se em uma estratégia de reivindicação identitária, concomitantemente de proteção ao preconceito e aceitabilidade social.

Essa invisibilidade, no caso dos transexuais masculinos, pode ser considerada semelhante à invisibilidade histórica das mulheres. Arthur considera que os transexuais masculinos não são visíveis, por não apresentarem um pênis, e, por conseguinte, ainda serem considerados mulheres. No próprio processo de seleção dos entrevistados para a pesquisa, tivemos como argumento para a negativa ao convite “não queremos exposição, preferimos o anonimato”. Em comunidades específicas para transexuais, em redes sociais, a grande maioria é de transexuais femininos. Os três transexuais masculinos entrevistados afirmaram que o autorreconhecimento da transexualização masculina é algo novo.

A transformação corporal é vista, ainda, como uma forma de expressão de suas identidades e da sexualidade. Esta última enfatizada por Gisele, Joana e Sansão em suas falas. Em diversos momentos a relação entre transexualidade e orientação sexual é destacada. Entretanto, a reivindicação identitária é o principal elemento em todas as narrativas. O corpo torna-se um componente de suas identidades. A ambiguidade corporal e visual foi um fator apontado pelos entrevistados, principalmente pelas transexuais femininas e pelo transexual masculino da geração mais velha. Um corpo ambíguo não é considerado natural e, destarte, não sendo bem visto. Não há espaço, ainda, para um terceiro gênero ou sexo, restando uma adequação ao que se encontra “errado”. O estético – baseado em uma visão apenas biológica – se adiciona ao corpo. Há uma lógica de “defesa inclusiva”, como forma de fazer parte de um padrão. Assim, os discursos de Gisele, Joana, Bridget, Sansão estão pautados na busca de um marido/esposa ideais para viver como homem/mulher com um corpo sexuado apenas com a transgenitalização, satisfazendo às regras normativas dos papéis sociais de gênero.

Por outro lado, Zé e Arthur discordam e buscam a não reprodução dos estereótipos sociais. Esta reprodução, entretanto, é reafirmada na Psiquiatria em que os transexuais e travestis ainda são vistos como indivíduos com comportamentos desviantes, pois defendem ideias de um corpo naturalizado, aquele de nascimento e que deve ser conservado.

A autoidentificação mostrou-se ser um processo em mutação nas histórias dos seis participantes. Observamos que no processo de transexualização ocorre a passagem de autoidentificação homossexual para a transexual. As duas transexuais femininas das gerações do meio e mais velha e os três transexuais masculinos consideravam que as suas identificações com o gênero “oposto” eram advindas de uma orientação sexual. Com o passar do tempo e o contato com outros transexuais e o acesso a informações se autorreconhecem enquanto transexuais. Gisele, representante feminina da geração mais nova, se diferencia dos demais por se perceber como mulher e não homossexual ou transexual.

A família também marcou as histórias de vida dos personagens privilegiados dessa pesquisa. Estratégias de adaptação, de saída de casa ou da cidade natal para evitar constrangimentos. Apenas Gisele, a representante feminina mais nova, relembra que não sofreu preconceito dos pais, parentes e colegas, o que facilitou a expressão de sua transexualidade.

A reivindicação de prenome manteve-se em todas as histórias transexuais. A adoção do nome social no lugar do de batismo esteve presente na trajetória dos seis participantes. O nome escolhido faz parte de suas autoidentificações. Evocar o nome de batismo é desrespeitar as suas identidades. A reivindicação do nome social no ambiente escolar e universitário foi um ponto abordado nas histórias de Gisele, Joana e Zé.

A participação política apresenta indícios de rupturas intergeracionais e intrageracionais. Gisele não participa de movimentos LGBT, porque não se sente pertencente ao mesmo. Bridget e Sansão acreditam que há discriminação dentro da própria categoria, ocasionando o desinteresse de ambos em ingressar em movimentos organizados. Arthur, Zé e Joana são militantes, sofrem preconceito, mas acreditam que a luta por seus direitos é o que os torna visíveis e cidadãos.

Em síntese, os elementos de permanência presentes no processo de significação parecem ser: transformação seguindo os papéis heteronormativos e identidades aceitos socialmente como forma de buscarem uma "normalidade" e evitarem o preconceito. A significação presente na cultura nomeia os corpos em modelos pré-estabelecidos do que é ser homem e ser mulher, seus papéis, funções e imagens. Gisele, Joana, Bridget, Arthur e Sansão não se veem como “revolucionários do gênero” com suas transexualidades. Zé afirma que a transexualidade é um fenômeno que ocasiona rupturas às normas do corpo e gênero, mas traz

consigo alguns pensamentos dessas mesmas regras dos papéis sociais: “fumar é uma postura masculina”. Gisele, Joana, Bridget e Sansão repetem os estereótipos do que é ser homem e ser mulher, pautados em determinismos biológicos mantidos culturalmente.

Indícios de ruptura presente na produção de sentido parecem ser: experiência de múltiplas formas sem definição de papéis predefinidos e um contexto familiar e social com mais liberdade para a experiência da diversidade. Os sentidos podem expressar duas funções: romper com as determinações culturais, como no caso da transexualização de Arthur não atender a padrões heteronormativos, visto que é transexual e bissexual, bem como sedimentar novos preconceitos e normatizações, presente nas falas de Gisele, Joana e Sansão que consideram que um corpo ambíguo é vulgar e fora dos padrões.

A produção do conceito de transexualização encontra-se em constante movimento, evidenciando seu caráter flexível e de práxis, em conformidade com as mudanças sócio-históricas. As experiências narradas em histórias permitiram compreender a relação entre identidade e processo de transexualização. A modelação corporal é uma maneira de expressão da identidade que atende a si mesmo/a, bem como ao olhar do outro. À medida que os valores da convivência com a diversidade são compartilhados socialmente, e veiculados nos meios de comunicação, embora ainda de forma estereotipada e caricata, impulsionam mudanças e expressões de identidades, e vice-versa.

Consideramos que a Psicologia deve refletir sua prática estando em consonância com as mudanças sociais. Uma questão relevante surgiu durante o processo de seleção de participantes para a pesquisa e em uma das entrevistas, devendo ser objeto de reflexão para nós, psicólogos: durante as tentativas com diversos transexuais, grande parte sequer cogitou participar da pesquisa, sob a alegação de que a Psicologia apenas os cataloga e não os ajuda. Particularmente e de forma emblemática, Zé expressa seu descontentamento em relação à postura de psicólogos no atendimento a transexuais e travestis. Assim se refere ele: “[...] procuramos também com profissionais da Saúde, da Psicologia... e o que encontramos são profissionais que não querem nos receber, respondem que desconhece, outros dizem que não estão preparados para tratar o assunto.” Esperamos que a presente dissertação possa contribuir com essa reflexão.

Por fim, consideramos que as reflexões aqui apresentadas permitiram o surgimento de outras questões: a transexualidade nos meios midiáticos e artísticos voltados para o público infantil. Como a mídia voltada às crianças trata desta temática? A utilização de personagens transexuais no cinema, quadrinhos, desenhos animados possibilitaria uma relação com a diversidade sexual e atingiria os significados perpetuados por meio dos preconceitos? Qual a

relevância política da criação de personagens transexuais e travestis em quadrinhos e desenhos infantis? Esses são questionamentos que poderão ser melhor investigados em um futuro projeto.

REFERENCIAS

ALMEIDA, S. J. A. Construindo o imaginário: a autorização para ser mulher, heterossexual e ortodoxa. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, 1999. v. 10, n. 01. 48 - 65.

ANACLETO, A. A. A., MAIA, A. C. B. Gênero na infância: análise do filme "La vie in rose" como instrumento pedagógico em educação sexual. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**. 2009. v. 4, n. 3. 01-11.

ARÁN, M. A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo – gênero. **Ágora** Rio de Janeiro, v. IX n. 1 jan/jun 2006. 49-63.

ARAN, M.; MURTA, D. Do diagnóstico de transtorno de identidade de gênero às redescrições da experiência da transexualidade: uma reflexão sobre gênero, tecnologia e saúde. **Physis [online]**. 2009, vol.19, n.1. 15-41.

ARÁN, M; MURTA, D.; LIONÇO, T. Transexualidade e saúde pública no Brasil. **Ciência saúde coletiva [online]**. 2009, vol.14, n.4

ARAÚJO, L. R. de. Transexualidade: dos transtornos às experiências singulares. 150 f. **Dissertação (Mestrado)** – Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Centro de Ciências Biológicas e da Saúde. Curso de Mestrado em Psicologia Clínica. 2010.

ARGENTIERI, S. Travestismo, transexualismo, transgêneros: identificação e imitação. **Jornal psicanalítico**. 2009, vol.42, n.77. 167-185.

ASSOCIAÇÃO DE PSIQUIATRIA AMERICANA. **DSM-IV (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais)**, 4º Ed. texto revisado. São Paulo: Artmed, 2002.

BARBOSA, B. C. Nomes e diferenças: uma etnografia dos usos das categorias travesti e transexual. 130 f. **Dissertação (Mestrado)**, do Programa de Pós – Graduação em Antropologia Social – Universidade de São Paulo. 2010.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2009.

BARLOW, D. H. E DURAND, V. M. Transtornos de identidade de gênero. In: **Psicopatologia: uma abordagem integrada**. p. 395 – 406. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

BARROS, J. P. P., PAULA, I. R. C. de, PASCUAL, J. G., COLAÇO, V. de F. R.; XIMENES, V. M. O conceito de “sentido” em Vygotsky. **Psicologia & Sociedade**. 2009. 21 (2): 174-181.

BENTO, B. **A Reinvenção do Corpo: Sexualidade e Gênero na Experiência Transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

_____. A diferença que faz a diferença: corpo e subjetividade na transexualidade. **Revista Bagoas**, n. 04, 2009. 95-112.

BRANDAO, L.; SMITH, V.; SPERB, T. M.; PARENTE, M. A. de M. P. Narrativas intergeracionais. **Psicologia Reflexão e Crítica [online]**. 2006, vol.19, n.1, pp. 98-105.

BRUNS, M. A. de T.; PINTO, M. J. C. **Vivência Transexual: O corpo desvela seu drama**. Campinas: Átomo, 2003.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CALVETTI, P. U; FIGHERA, J.; MULLER, M. C. A bioética nas intervenções em psicologia da saúde. **Revista de Psicologia**, v. 9, nº 1, Porto Alegre: Vetor, Jan/Jun. 2008. 115-120.

CAREGNATO, R. C. A., MUTTI, R. Pesquisa Qualitativa: Análise do discurso versus análise de conteúdo. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, Out-Dez; 15(4). 2006. 679-84.

CARVALHO, M. F. de L. Que mulher é essa?: identidade, política e saúde no movimento de travestis e transexuais. 147 f. **Dissertação (Mestrado)** – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social. 2011.

CECCARELLI, P. R. **Transexualismo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

CHILAND, C. **Transexualismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2000.

CIAMPA, A. **A estória de Severino e a História da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

CIAMPA, A. Identidade. In: CODO, W.; LANE, S. T. M. (orgs). **Psicologia Social: O homem em movimento**. p. 58 – 77. São Paulo: Brasiliense, 2007.

COZBY, P. C. **Métodos de Pesquisa em Ciências do Comportamento**. São Paulo: Atlas, 2009.

CROCHÍK, J. L. **Preconceito: Indivíduo e Cultura**. São Paulo: Robe Editorial, 1997.

DEBERT, G. G. Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral. In: CARDOSO, C. L. (Org.) **A aventura antropológica: teoria e pesquisa**. p.141 – 155. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

DELGADO, L. de A. N. **História Oral: Memória, tempo e identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

ELIAS, V. de A. A demanda transexual na cena hospitalar: o lugar do psicanalista. **Revista SBPH [online]**. vol.13, n.1. 2010. 157-174.

ESPINOSA, B. de. **Tratado sobre a reforma do entendimento**. Lisboa: Livros Horizonte, 1971.

ESPINOSA, B. de. **Ética demonstrada à maneira dos geômetras**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

FACHINNI, R. Relação entre Identidade e Movimentos Sociais. In: **Sopa de Letrinhas? Movimento Homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90.** p.27 – 36. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FAUSTO-STERLING, A. Dualismos em duelo. **Cadernos Pagu.** 2002 n. 17/18, 9-79.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

GAGNON, J.. **A interpretação do desejo.** Ensaio sobre o estudo da sexualidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GRAZIOTTIN, A.; VERDE, J. B. **Transexualismo: O enigma de identidade.** São Paulo: Editora Paulus, 1997.

GREGERSEN, E. Transexualismo. In: **Práticas sexuais.** Tradução de Antonia Alberto de Toledo Serra e Edison Ferreira. p.48 – 68. São Paulo: Rosa; 1983.

HENNIGEN, I. Subjetivação como produção cultural: fazendo uma outra psicologia. **Psicologia e Sociedade,** Porto Alegre, v. 18, n. 2, agosto, 2006.

HUMEREZ, D. C. História de Vida: Instrumento para captação de dados na pesquisa qualitativa. **Revista Acta Enfermagem,** vol. 11. Set/Dez 1998. 32 – 37.

JORGE, H. Z., LUDWIG, M. W. B., MÜLLER, M. C. e REDIVO, L. B.. Psicoterapia e bioética: aproximando conceitos, aperfeiçoando práticas. **Revista Psicologia em Estudo,** v.12, nº 3. Maringá: Set/Dez 2007. 603-608.

LANE, S. T. M. **O que é Psicologia Social?** São Paulo: Brasiliense, 2007.

LANZ, L. **Algo que ninguém quer que eu queira.** Disponível em: < www.leticialanz.org > Acessado em Dezembro de 2012.

LAQUEUR, T. Representando o Sexo. In: **Inventando o Sexo: Corpo e Gênero dos Gregos a Freud.** p.151 – 188. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LIMA, W. M. Breve história do devir-corpo. In: LEITÃO, H. de A. L. (Org.) **Coisas do gênero: diversidade e desigualdade.** p. 45-54. Maceió: Edufal, 2011.

LISBOA, A. V., FÉRES - CARNEIRO, T., JABLONSKI, B. Transmissão intergeracional da cultura: um estudo sobre uma família mineira. **Psicologia em Estudo,** Maringá, v. 12, n. 1, jan./abr. 2007. 51 - 59.

LUCCI, M. A. A proposta de Vygotsky: A Psicologia Sócio-Histórica. São Paulo: **Revista do Professorado,** Ano 10, vol. 2, 2006. 10-20.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo / Rio de Janeiro: HUCITEC – ABRASCO, 2002.

MOLON, S. I. Da crise metodológica da Psicologia à criação de uma Psicologia Social. In: **Subjetividade e Constituição do Sujeito em Vygotsky** p. 39 – 46. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. A Subjetividade e o Sujeito na Construção do Conceito de Consciência e na Definição da Relação Constitutiva Eu-Outro. In: **Subjetividade e Constituição do Sujeito em Vygotsky**. (pp. 81 – 116) Petrópolis: Vozes, 2003.

MONTEIRO, K. C. C.. O consentimento informado na pesquisa em Psicologia Hospitalar. **Revista Espitemo – Somática** v. 4, nº 1, Belo Horizonte: Jan/Jul 2007. 84-92.

NEVES, J. L. Pesquisa Qualitativa – Características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisa em Administração**, São Paulo, v.1, nº 3, 2º sem. 1996. 01 – 05.

NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, CFH/CCE/UFSC, volume 18. n.2/2000, pp. 09- 41.

OLIVEIRA, A. A. S. de. **Memória Psicossocial da comunidade da Praia do Francês**. Maceió: EDUFAL, 2007.

OLIVEIRA, A. A. S de, RODRIGUES, M. N. M. & LEVI, L. R. M. (2010) Jovens relembando contos e lendas à beira-mar: memória psicossocial e intergeracionalidade In: Guimarães, T. C. G. & Sousa, S. M. G. (Orgs.) **Jovens, espaços de sociabilidade e processos de formação**. p. 37- 52. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos; Goiânia: Editora PUC-Goiás: Cãnone Editorial.

OLIVEIRA, M. K. Vygotsky e o processo de formação de conceitos. In: DANTAS, H., OLIVEIRA, M. K.; TAILLE, Y. de L. **Piaget, Vygotsky e Wallon: Teorias Psicogenéticas em Discussão**. p. 23 – 34. São Paulo: Summus, 1992

_____. O problema da afetividade em Vygotsky. In: DANTAS, H., OLIVEIRA, M. K. & TAILLE, Y. de L. **Piaget, Vygotsky e Wallon: Teorias Psicogenéticas em Discussão**. p. 75 – 84. São Paulo: Summus, 1992.

OLIVEIRA, M. de J. Apropriações políticas dos corpos: construção de si, gênero e sexualidade no discurso psicanalítico contemporâneo sobre a transexualidade. **Fazendo Gênero 9 – Diásporas, Diversidades e Deslocamentos**. 2010. 01 - 11.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas**. Porto Alegre: OMS; 1993.

OZÓRIO, L. Perspectivas da pesquisa comunitária: comunidade como práxis e seus diálogos com as histórias orais de vida. **Estudos e pesquisas em psicologia** [online], 2007, vol.7, n.1.

PAIVA, G. J. Identidade psicossocial e pessoal como questão contemporânea. **Revista Psico**, 2007. v. 38, n. 1, 77-84.

PERES, A. P. A. B. **Transexualismo: O Direito a uma nova identidade sexual**. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.

PINO, A. A criança, um ser cultural ou da passagem do biológico ao simbólico. In: **As Marcas do Humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski**. p. 43 – 59. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. Questão semiótica e desenvolvimento cultural em Vigotski. In: **As Marcas do Humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski**. p. 113 – 150. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. O nascimento Cultural da Criança. In: **As Marcas do Humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski**. p. 151 – 168. São Paulo: Cortez, 2005.

SAWAIA, B. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: SAWAIA, Bader (org.). **As artimanhas da exclusão: Análise Psicossocial e Ética da desigualdade social**. p. 97-118. Petrópolis: 2008.

SILVA, A. L. A figura da transexual no universo cinematográfico: Uma análise psicossocial. Maceió, AL, 98 f. **Monografia de Trabalho de Conclusão de Curso: Curso de Psicologia**. Universidade Federal de Alagoas, 2008.

SILVA, A. L. Transtornos de Identidade de Gênero: Analisando o universo transgênero na literatura brasileira. Maceió, AL, 61 f. **Monografia de Trabalho de Conclusão de Curso: Especialização em Psicologia Clínica e Saúde Mental**. Centro de Estudos Superiores de Maceió, 2011.

STADLER, H.; CARMO, L. T. F. do. Identidade de gênero como ferramenta política entre as lideranças femininas da pesca em Pernambuco. In: LEITÃO, H. de A. L. (Org.) **Coisas do gênero: diversidade e desigualdade**. p. 179-190. Maceió: Edufal, 2011.

TEIXEIRA, F. do B. Vidas que desafiam corpos e sonhos: uma etnografia do construir-se outro no gênero e na sexualidade. 226 f. **Tese (Doutorado)** - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 2009.

TURATO, E. R. Métodos quantitativos e qualitativos na área de saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Revista Saúde Pública**. 39 (3). 2005. 507 – 514.

VIEIRA, T.R. Mudança de Sexo: aspectos médicos, psicológicos e jurídicos. **Revista Psicólogo inFormação**. Ano 4, nº 4, jan/dez. 2000. 85 – 99.

VIEIRA, Galdino Nunes. **Perversões Sexuais**. In: Amor, sexo e erotismo. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1977.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Teoria e Método em Psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ZAMBRANO, E. Trocando os documentos – Um estudo antropológico sobre a cirurgia de troca de sexo. 126 f. **Dissertação (Mestrado)** – Programa de Pós – Graduação em Antropologia Social – Universidade do Rio Grande do Sul. 2003.

ZANELLA, A.; REIS, A. C.; TITON, A. P.; URNAU, L. C.; DASSOLER, T. R. Questões de método em textos de Vigotski: contribuições à pesquisa em psicologia. **Psicologia e Sociedade** [online]. 2007, vol.19, n.2. 25-33.

ANEXOS

Anexo I: Carta de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

Maceió - AL, 16/08/2011

Senhor (a) Pesquisador (a), Adélia Augusta Souto de Oliveira
Alexsander Lima da Silva

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), em 01/07/2011 e com base no parecer emitido pelo (a) relator (a) do processo nº 009867/2011-32 sob o título: Os significados e sentidos na identidade de gênero: histórias de vida com transexuais alagoanos, vem por meio deste instrumento comunicar a aprovação do processo supra-citado, com base no item VIII.13. b, da Resolução nº 196/96.

O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS 196/96, item V.4).

É papel do(a) pesquisador(a) assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária - ANVISA - junto com seu posicionamento.

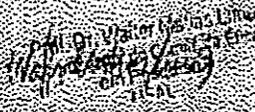
Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e sua justificativa. Em caso de projeto do Grupo I ou II, apresentadas anteriormente à ANVISA, o (a) pesquisador (a) ou patrocinador(a) deve enviá-las à mesma junta com o parecer aprovatório do CEP, para serem incluídas no protocolo inicial (Res. 251/97, item IV.2.6).

Relatórios parciais e finais devem ser apresentados ao CEP, de acordo com os prazos estabelecidos no Cronograma do Protocolo e na Res. CNS. 196/96.

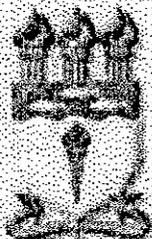
Na eventualidade de esclarecimentos adicionais, este Comitê coloca-se à disposição dos interessados para o acompanhamento da pesquisa em seus dilemas éticos e exigências contidas nas Resoluções supra-referidas.

Esta aprovação não é válida para subprojetos oriundos do protocolo de pesquisa acima referido.

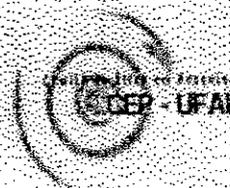
(*) Área: temáticas especiais
Válida até julho de 2012


 Dr. Valter de Lima
 Presidente do Comitê de Ética em Pesquisa
 UFAL

Anexo II: Parecer de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
PARECER CONSUBSTANCIADO



PROTÓCOLO: 000867-2011-12

I. Identificação

1. Título: Os significados e sentidos na identidade de gênero: histórias de vida com transexuais e transgêneros.
2. Pesquisador(es) orientador(a): Dra. Anália Souza da Oliveira (Orientadora); Alca Santos Lima da Silva.
3. Instituição onde se realizará: UFAL - ICHCA - Psicologia - Mestrado
4. Data de apresentação ao CEP: 10/5/2011

II. Objetivos

O presente projeto objetivará realizar um estudo acerca dos significados e sentidos construídos a transsexualidade por meio de uma investigação qualitativa. A pessoa transsexual é definida como o indivíduo que passa pelo procedimento transsexualizador da identidade para mudar, ou vice-versa. Essa mudança pode trazer conflitos entre corpo, a identidade de gênero e a subjetividade. A complexidade e a pesquisa produzida acadêmica-científica da pesquisa exige uma compreensão da produção nacional na área das ciências humanas e a compreensão do fenômeno da transsexualização. Para a investigação, pretende-se realizar um levantamento e classificação bibliográfica desta produção e construção de histórias de vida transsexual com seis informantes privilegiados que também realizaram a intervenção cirúrgica ou vivem em processo transsexualizador e que tenham idade entre dezesseis anos e sessenta anos. O referencial teórico é a psicologia socio-cultural, com ênfase na análise das significações de sentido construídas a partir de um sujeito social, histórico e em construção, além de transformar os sua relação com o meio.

III. Comentários do Relator

O Projeto apresenta Introdução, Justificativa, Objetivos, Metodologia, critérios de inclusão e exclusão, Cronograma, referências, curricula autorizações necessárias e TCLE de acordo com as orientações normativas da Resolução CNS 466/06 e não apresenta questões éticas.
Sugere-se ao Comitê de Ética em Pesquisa que considere, após melhor entendimento, o Parecer em ponto como aprovado.

IV. Data da Assinatura

APÊNDICES

Apêndice I – Fragmento da transcrição de entrevista.

Entrevista com Joana (nome fictício escolhido pela entrevistada).

Duração: 37 minutos.

Data: 08.09.2011 (Primeiro encontro)

Eu gostaria que você contasse a história da sua vida desde quando você era pequena até o momento atual, principalmente fatos relacionados à sua transexualidade.

Bom... desde a infância, né? Bem, a minha infância é... em relação a minha transexualidade, né? Que não é uma opção, mas uma condição... Eu sempre me achei desde nova... assim... diferente, né? Você se acha diferente de tudo, se acha estranha... e isso eu percebia desde nova, mas eu não tinha coragem de falar, mas quando eu saía assim...com os colegas...por exemplo, pra uma praia, jogar futebol..eles que jogavam, eu só olhava, porque eu não gostava de futebol. Quando eles falavam de meninas, eu ficava voando, tapeava: “- ah... é bonitinha essa menina”, mas parava por aí, não tentava me aprofundar no assunto. Aí quando aparecia um cara bonitinho... e isso quando eu era criança, que sempre rola isso, né?

Apêndice II – Fragmento de entrevista seguido da produção da História de Vida.

Fragmento da entrevista:

“Eu não me sentia e ainda não me sinto atraída por gay, só me interesso por homem heterossexual. Se eu vejo um homem e me sinto atraída e ele apresenta trejeitos, a vontade passa na hora, não quero nem saber. A transexual tem a cabeça feminina, ela não vai ser ativa na relação, o parceiro vai ser o homem e ela a mulher, o cara tem que tá muito seguro da sua sexualidade.”

Fragmento da história de vida produzida:

Conta que prefere relacionar-se com homens heterossexuais, ao invés de homossexuais. Segundo Joana, caso um homem apresente trejeitos femininos, é descartado, pois não atende aos requisitos. Desconsidera pretendentes que não estejam seguros de sua sexualidade e não a vejam como mulher.

Apêndice III – Fragmento de análise de conteúdo de uma das entrevistas.

“Eu acho necessário esse processo de transformação, uso de hormônios, para que ela, a transexual, tenha uma certeza, se autoafirmar. Ela tem que modificar o corpo, ela não pode... pronto, já que tocamos nesse assunto... eu acho ridículo esses caras que se dizem travesti e transexual e tem um corpo totalmente masculino, barba, não tem nem a decência de tirar a barba. Coloca vestido, se maquia... fica com marca de barba, músculos, isso é ridículo. Servem de mangação pra o povo. O processo de hormonização para que seu corpo fique feminino e não sirva de mangação para os outros. O processo de transformação é importante para você e para as pessoas que vão te ver.”

Transformação corporal= autoafirmação, disfarçar, parecer ser mulher, olhar do outro

“Eu brincava mais... na verdade, eu não brincava com meninas. Até hoje eu não gosto muito de andar com meninas, não sei por que, pois a maioria gosta, vê logo que é gay, aquele rapaz no meio de um monte de menina. Eu não, não gostava. Eu gostava de andar com menina e menino, tudo junto. Mas na hora das brincadeiras, era assim... homem só gosta de brincar de bola, né? Mas eu não queria, não vejo graça, em ficar olhando e correndo atrás de uma bola. Aí inventava que o pé tava doente, eu ficava olhando os meninos jogando bola. (Joana)

Brincadeiras de criança: estratégias de disfarce, inventar, esconder.

Apêndice IV – Trecho de Diário de Campo

Diário de Campo - 08/09/2011

Alexsander Lima

Entrevistada: Transexual feminina geração do meio

Entrei em contato com a entrevistada, uma semana antes da data da entrevista, para marcar o encontro. Expliquei qual era o tema e a minha formação. A. perguntou se haveria algum problema em relação ao sigilo e qual seria o tipo de entrevista. Esclareci que seria mantido o sigilo, que a mesma não seria identificada e qual o tipo de entrevista. Marcamos para o dia 08/09, uma quinta-feira, às 15h, a primeira entrevista narrativa.

No dia marcado, cheguei às 14h30 no local. Esperei até umas 15h10 e entrei em contato com a entrevistada, pois pensei que ela poderia ter esquecido a entrevista. A mesma atendeu e disse que estava saindo de casa, porque houve um imprevisto. Às 16h, recebo uma ligação dela, dizendo que tinha pego o ônibus, que havia demorado a chegar e perguntando se eu ainda iria esperar. Confirmei que iria esperar. A. chegou às 17h10, pedindo desculpas pelo atraso e dizendo que foi culpa do ônibus.

Entramos na sala onde seria realizada a entrevista e expliquei como seria a entrevista, a produção da história de vida e mostrei o termo de consentimento livre e esclarecido. A entrevistada pediu para levar uma cópia para casa, porque queria ler com calma, já que era um documento que constaria sua assinatura, mas que não me preocupasse, pois assinaria. Perguntei se teria algum problema em utilizar o gravador para a entrevista e a mesma disse que não teria problema, apesar de não gostar da sua própria voz. Percebi que, apesar da aparência muito feminina e delicada, sem marcas de barba, seios, maquiagem, roupas e trejeitos, a sua voz ainda tem resquícios de masculinidade.

Pedi que narrasse a sua história de vida, desde a infância até o momento atual, em especial relacionada à sua transexualidade. Falou de forma resumida esses acontecimentos da vida. Então pedi que detalhasse mais alguns fatos da infância e adolescência, se possível, para depois falarmos do seu momento atual.

Apêndice V – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

(Em 2 vias, firmado por cada participante - voluntári(o,a) da pesquisa e pelo responsável)

“O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa.” (Resolução. nº 196/96-IV, do Conselho Nacional de Saúde)

Eu, _____

tendo sido convidad(o,a) a participar como voluntári(o,a) do estudo “Os Significados e Sentidos na Identidade de Gênero – Histórias de Vida com Transexuais” recebi da Professora Dr^a. Adélia Augusta Souto de Oliveira e do mestrando Alexsander Lima da Silva do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, do Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes da Universidade Federal de Alagoas, responsável por sua execução, as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

- Que o estudo se destina a:
 - Conhecer e compreender o fenômeno da transexualidade e sua relação com a identidade de gênero.

- Que a importância deste estudo é a de:
 - Investigar a significação e os sentidos atribuídos à transexualidade, identidade de gênero e processo transexualizador a partir das experiências e histórias de vida das (os) transexuais;

- Que os resultados que se desejam alcançar são os seguintes:

- Produção científica em forma de banco de dados com acesso a estudantes e outros profissionais a conhecer e explorar temas ligados ao universo transexual e à diversidade sexual.

- Informações relacionadas à transgenitalização, as diferenciações entre transexuais, travestis e a historicidade do fenômeno transexual para profissionais da área de ciências humanas e da saúde.

- Contribuição para o esclarecimento do fenômeno junto aos movimentos sociais, em especial, ao Movimento Transexual e pesquisadores da área da Sexualidade e Gênero.

- Contribuição para a elaboração de estudos da Psicologia relacionados à transexualidade.

- Desenvolvimento de espaços de discussões e diálogos científicos acerca da problemática transexual no Brasil.

- Que esse estudo começará após aprovação no CEP-UFAL e terminará em 2012.

- Que o estudo será feito da seguinte maneira:

- Os procedimentos metodológicos e estudo apenas serão realizados após o consentimento dos participantes para a realização da investigação empírica. Logo após será informado (a) dos objetivos do estudo, será entregue um Termo de Esclarecimento Livre (TCLE) e com a assinatura será realizada a entrevista com o mesmo.

- Que eu participarei das seguintes etapas:

- Da entrevista realizada após meu consentimento. Esta será gravada em áudio.

- Que os outros meios conhecidos para se obter os mesmos resultados são as seguintes:

- Através da pesquisa bibliográfica para mapeamento da produção acadêmico-científica na área de ciências humanas atinentes à transexualidade e identidade de gênero.

- Que os incômodos que poderei sentir com a minha participação são os seguintes:
 - Desconforto emocional no decorrer da entrevista. Caso houver, esta será interrompida e retomada assim que o participante permitir.

- Que os procedimentos utilizados nesta pesquisa não apresentam riscos à minha saúde física e mental.

- Que deverei contar com a seguinte assistência: se necessário o participante poderá ser acompanhado no Serviço de Psicologia Aplicado do Curso de Psicologia-UFAL.

- Que os benefícios que deverei esperar com a minha participação, mesmo que não diretamente são:
 - O conhecimento de um estudo acerca do fenômeno transexual e sua relação com a identidade de gênero no Brasil.

- Que a minha participação será acompanhada do seguinte modo: permitindo o direito de confidencialidade, onde minhas informações serão usadas para fins científicos.

- Que, sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.

- Que, a qualquer momento, eu poderei recusar a continuar participando do estudo e, também, que eu poderei retirar este meu consentimento, sem que isso me traga qualquer penalidade ou prejuízo.

- Que as informações conseguidas através da minha participação não permitirão a identificação da minha pessoa, exceto aos responsáveis pelo estudo, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas

responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço d(o,a) participante-voluntári(o,a)

Domicílio: (rua, praça, conjunto):

Bloco: /Nº: /Complemento:

Bairro: /CEP/Cidade: /Telefone:

Ponto de referência:

Contato de urgência: Sr(a).

Domicílio: (rua, praça, conjunto):

Bloco: /Nº: /Complemento:

Bairro: /CEP/Cidade: /Telefone:

Ponto de referência:

Endereço d(os,as) responsável(is) pela pesquisa (OBRIGATÓRIO):

Profª Dra Adélia Augusta Souto de Oliveira

Mestrando Alexsander Lima da Silva

Instituição: Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes da Universidade Federal de Alagoas

Endereço: Campus A. C. Simões - Av. Lourival Melo Mota

Bloco: /Nº: /Complemento: S/N

Bairro: /CEP/Cidade: Tabuleiro do Martins - Maceió - AL, CEP: 57072-970

Telefones p/contato: 32141336

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas:

Prédio da Reitoria, sala do C.O.C., Campus A. C. Simões, Cidade Universitária

Telefone: 3214-1041

Maceió,

(Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) voluntári(o,a) ou responsável legal - Rubricar as demais folhas)	Nome e Assinatura do(s) responsável(eis) pelo estudo (Rubricar as demais páginas)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Ata nº 002 da Sessão de Defesa Pública de Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas.

Aos dezoito dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e treze, às catorze horas, realizou-se no mini-auditório da Biblioteca Central da Universidade Federal de Alagoas, a sessão Pública de Defesa de Dissertação de Mestrado de **Alexsander Lima da Silva**, intitulada "Processo de transexualização: uma análise inter e intrageracional de histórias de vida". A Comissão Examinadora ficou assim constituída: Prof.^a Dr.^a ADÉLIA AUGUSTA SOUTO DE OLIVEIRA (UFAL), Orientadora. Membro Titular: Prof. Dr. MARCO AURÉLIO MÁXIMO PRADO (UFMG). Membro Titular: Prof.^a Dr.^a HELIANE DE ALMEIDA LINS LEITÃO (UFAL). Membro Titular. A Professora Adélia Augusta Souto de Oliveira, Presidente da Comissão Examinadora, iniciou os trabalhos e passou a palavra ao candidato para que o mesmo procedesse à apresentação de seu trabalho de dissertação. A seguir, a Presidente da Comissão Examinadora passou a palavra ao examinador externo, professor Marco Aurélio que arguiu o candidato. Logo após, foram ouvidos os comentários e análises dos demais componentes da banca. Em seguida, o candidato teve oportunidade para a defesa de seu trabalho, respondendo às considerações dos examinadores. A seguir, a Comissão Examinadora reservou-se para julgar a presente defesa de dissertação. Após analisar o trabalho, a Comissão Examinadora atribuiu o seguinte conceito:

Aprovado ()

Aprovado com reformulações ()

Reprovado ()

Considerações e Recomendações da Comissão Examinadora:

A BANCA AVALIA como importante
CONTRIBUIÇÃO ACADÊMICA E SUGERE SUA
PUBLICAÇÃO.

DOCUMENTO RECEBIDO
Data: 08/03/2013
Mo Souto Barbosa

Manoel Manoel de Jesus
CONFERE COM O ORIGINAL
SEAPE 1455522

PA 23

Para constar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora e por mim, Marcio Manuel Machado Nunes, Secretário. Maceió, 18 de fevereiro de 2013.

Assinaturas

Adeli SA OL
Marcio Manuel Machado Nunes

Marcio Manuel Machado Nunes
CONFERE COM O ORIGINAL 1455324